

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**



TÍCIA CASSIANY FERRO CAVALCANTE

Orientadora: Profa. Dra. Selma Leitão

**INFERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA
COMPREENSÃO TEXTUAL**

Recife
2006

TÍCIA CASSIANY FERRO CAVALCANTE

**INFERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA
COMPREENSÃO TEXTUAL**

Tese apresentada à pós-graduação em Psicologia
Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco
para obtenção do título de doutor em Psicologia.

Área de concentração: Comunicação oral e escrita.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Leitão.

Recife
2006

C376i Cavalcante, Tícia Cassiany Ferro

**Inferência e argumentação na constituição da compreensão textual. – Recife: O Autor, 2006.
195 folhas : il.**

Orientadora: Selma Leitão

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Psicologia cognitiva. Recife, 2006.

1. Compreensão textual. 2. Inferência. 3. Argumentação. 3. Dialogicidade. I. Título.

**CDU: 159.953.5 (2. ed.)
CDD: 153.4 (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2006/11**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tícia Cassiany Ferro Cavalcante

Inferência e Argumentação na Constituição da Compreensão Textual.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2006

Banca Examinadora

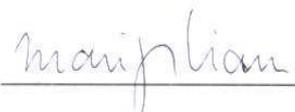
Profa. Dra. Selma Leitão Santos
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Profa. Dra. Rosângela Francischini
Instituição: UFRN

Assinatura: 

Profa. Dra. Marigia Ana de Moura Viana
Instituição: UNICAP

Assinatura: 

Profa. Dra. Alina Galvão Spinillo
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

DEDICATÓRIA

Aos meus avós paternos e maternos,

José Cavalcante Leite (em memória) e **Eunice Cavalcante** (em memória). José sempre dedicado ao meu pai e aos netos; Eunice, carinhosa e alegre, maior defensora dos netos;

Venceslau e Gerusa Ferro, exemplo de família e união, admirados pelos filhos, netos e amigos. Venceslau com sua sabedoria invejável e Gerusa com seu pulso forte, ambos sempre prontos a ajudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força, proteção e oportunidades.

Aos meus pais, José e Edgenalva pelo apoio e confiança, admiradores incondicionais dos seus filhos e meus maiores incentivadores. Berço de tudo que constitui nossa família.

Aos meus irmãos (Tício, Taisy, Talitta e Túllio) pelo grande amor e carinho compartilhados, fazendo com que cada um cresça com as dificuldades, alegrias e apoio mútuo.

A Hugo Romeiro pelo companheirismo e compreensão. Você, sem medir esforços e com grande carinho, sempre foi um apoio nessa caminhada. Espero que possamos compartilhar muitos momentos de alegria.

A meu primo-irmão Cleyton Mendes com seu jeito carinhoso e acolhedor, pela ajuda e simplicidade.

Às minhas tias (maternas), que, mesmo de longe, estão sempre torcendo por mim. Sei que posso contar sempre com elas e agradeço principalmente pela ajuda na minha formação pessoal.

A minha orientadora Selma Leitão, especialmente, pela grande competência e seriedade, conduzindo, de forma cuidadosa e transparente, o processo de orientação. Sua dedicação, bagagem e simplicidade são motivos de admiração. Selma, obrigada!!!

Ao professor Antônio Marcuschi, que, com seu carisma e competência, sempre teve pronto para ajudar seja na qualificação do projeto, com suas diversas contribuições, seja nas consultas individuais.

Ao professor Luciano Meira pelas sugestões na qualificação do projeto.

Aos alunos participantes deste estudo, pois, sem suas disponibilidades esse estudo não se realizaria.

Ao grupo de estudo em argumentação pelos momentos coletivos de orientações, quando surgem diversas idéias centrais que atendem as similaridades e diversidades dos estudos realizados; pela amizade de todos os componentes a qual nos fizeram um grupo unido e solidário.

À equipe que faz a UNICAP, representada pela professora Lúcia Galindo, pelo incentivo e colaboração.

A Jônia Lucena, Bianca Queiroga e Ana Augusta Cordeiro pelo incentivo e apoio em momentos cruciais, ajudando na realização deste trabalho. A competência e o companheirismo de vocês são inspiradores e fortalecedores do nosso trabalho.

A Maria Luiza Timóteo, a quem admiro muito pela competência e seriedade, pelos momentos compartilhados ao final deste percurso e na realização de outros trabalhos.

Às grandes amigas Ângela Santa-Clara, Ana Paula Ferreira e Sylvia De Chiaro, meu agradecimento a vocês é imenso pelos momentos de desabafo e alegrias que compartilhamos verdadeiramente nesta caminhada. Agora, estaremos juntas em outros momentos.

A todos os amigos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão desse trabalho, em especial a Ana Lúcia Amaral, Viviany Meireles e Denise Menezes.

Às professoras Marígia Aguiar, Rosangela Francischini, Glória Carvalho e Alina Spinillo por aceitarem o convite de leitura e discussão deste trabalho.

A todos os amigos e colegas do mestrado e do doutorado, representados pela amiga Isabel Hazin, pela amizade cultivada desde os tempos do mestrado.

Aos professores que fazem a Pós-graduação em Psicologia pelas trocas e ensinamentos nas disciplinas e outros momentos acadêmicos.

Aos demais funcionários da Pós-graduação pela dedicação nas suas atividades profissionais.

CAVALCANTE, T. C.F. **Inferência e argumentação na constituição da compreensão textual**. 2006. Tese (doutorado) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Resumo

Muitos estudos acerca da compreensão textual têm sido realizados, destacando a importância do processo inferencial. Nessas investigações cognitivistas sugerem que, ao realizar a leitura, o indivíduo acessa suas representações mentais para compreenderem o texto. Na presente pesquisa, entretanto, propõe-se que a compreensão de texto não é uma atividade mental e sim uma atividade dialógica. Assim, considera-se aqui que inferência de predição é um processo cognitivo-discursivo de natureza inerentemente argumentativa, sendo constituído pela apreciação valorativa dos leitores durante a geração de suas hipóteses acerca da continuação do texto. Ao elaborar as inferências de predição, processo essencial à sua compreensão, o leitor precisa negociar entre alternativas de continuação do texto, para escolha de uma hipótese que pode ser confirmada, ajustada ou refutada. Nesse processo de negociação entre as diversas possibilidades de fazer sentido ao texto, o conhecimento de mundo desempenha papel crucial, permitindo que o leitor elabore argumentos e realize avaliações acerca do texto. Sendo assim, as inferências preditivas são constituídas pelas operações argumentativas: argumento (ponto de vista e justificativa) e movimentos opositivos. Esse estudo teve como objetivo investigar micro-analiticamente o processo de geração de inferências de predição. Os participantes dessa investigação foram sete (07) leitoras universitárias, com idades entre 20 a 23 anos, de uma universidade particular da cidade do Recife, cursando Fonoaudiologia. As leitoras participaram individualmente de uma atividade de leitura de uma história e de um teste de compreensão *on-line*, sendo solicitadas a responderem, oralmente e em voz audível, a questões que apareciam no decorrer do texto na situação de leitura. As perguntas, que surgiam a cada fragmento do texto lido, possibilitavam a emergência de inferências de predição de natureza consciente, e posteriormente, a verbalização das bases geradoras dessas inferências. Para entender a argumentatividade inerente ao processo de inferência de predição, foi realizada uma análise processual que permitiu capturar as operações argumentativas presentes nas predições. Os resultados indicaram que as inferências preditivas possuem natureza essencialmente argumentativa, pois sua configuração emerge em forma de conclusão de argumento (pontos de vista) na maioria das seqüências discursivas investigadas. Ao explicitar as bases geradoras das inferências preditivas, as participantes demonstram que essas inferências foram elaboradas argumentativamente ao verbalizar os fundamentos dos pontos de vista (justificativas). Houve muitos movimentos de oposição nos argumentos das participantes, indicados pelos marcadores lexicais, que sugeriram um enfraquecimento dos argumentos dos participantes, ao precisarem negociar entre as diversas possibilidades de continuação do texto. Esses movimentos de oposição foram indicativos de ajuste e refutação de alguns argumentos das participantes ao negociarem com as vozes dialógicas pela consideração de outras perspectivas de continuação textual.

Palavras-chave: compreensão textual; inferência; argumentação; dialogicidade.

CAVALCANTE, T. C.F. **Inference and Argumentation in Text Comprehension**. 2006. Thesis (Doctor's) – Graduated Cognitive Psychology Program, Federal University of Pernambuco, Recife, 2006.

Abstract

Studies about text comprehension have been widely documented in literature. Most of them emphasize the inferential process. Researches in cognitive sciences suggest that a reader, in order to understand the text, access mental representations. However, in the present study, text comprehension is not considered only as a matter of mental strategy, but also as dialogic activity. According to this statement, predictive inference is considered here as a cognitive and discursive process with argumentative nature. This process is developed by value appreciation of the reader as they make their hypothesis about the text. Elaborating predictive inferences, which is a critical process for comprehension, requires the reader to deal with some continuing alternatives for meaning construction, in order to choose hypothesis to be confirmed, adjusted or refuted. In the process of meaning construction, background experiences have a crucial role and make the reader able to realize evaluations related to the text. Therefore, predictive inferences are made by argumentative operations: argument (point of view and justification) and by opposite movements. This study aimed to investigate the process of realizing predictive inferences. There were seven (07) females participants aging between 20 to 23 years old. They were readers enrolled in an undergraduate program of Speech Therapy in a private university in Recife. Initially, the readers had individually participated of a reading activity. They read an on-line comprehension text and they were asked to orally answer the questions showed on the screen (along the text). These questions presented after each part of the text made possible aware predictive inferences and after that, the verbalization of their original bases. In order to understand the argumentation related to the predictive inferences, an analysis was realized. Results indicated that predictive inferences have arguments in their nature because they emerge in a form of an argument conclusion (points of view) in most of the discursive sequences analyzed. The oral explanations of the predictive inferences offered by the participants showed that they were constructed argumentatively, with a verbalization of point of views (justifications). It could be observed, during the reading, opposite movements in the participants' arguments. They were indicated by the lexical markers and suggested weakness in the participants' arguments because of the need of dealing with the different possibilities of text continuation. These opposite movements indicate adjust and refutation of some arguments, as the participants deal with dialogical voices and consider other hypothesis of text continuation. It can be proposed here that predictive inference process has argument in its nature and helps the reader to build up a reflexive and critical comprehension.

Key-words: text comprehension; inference; argumentation; dialogic

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Segmentação do texto e critérios de segmentação 83

QUADRO 2 – Esquema representativo dos movimentos realizados para a constituição das inferências de predição na situação de leitura *on-line* 98

QUADRO 3 – Ilustração das inferências de predição e das bases geradoras das inferências nos corpus das situações de leitura das sete (7) participantes 172

QUADRO 4 – Análise numérica das operações argumentativas presentes nas inferências de predição 174

DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE QUADROS	
SUMÁRIO	

INTRODUÇÃO	12
PRIMEIRO CAPÍTULO	17
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 – A leitura	18
1.1.1 – Refletindo acerca de alguns conceitos centrais: língua, texto, gênero e inferência	20
1.2 – Dialogismo: alguns conceitos-chave	28
1.2.1 – Concepção dialógica da compreensão textual	33
1.3 – A compreensão de texto nas perspectivas de base cognitiva	39
1.4 – O processo inferencial dentro das perspectivas monológicas	48
1.4.1 – Classificação das inferências	58
1.4.2 – Inferências de predição	61
1.5 – A dinâmica do discurso argumentativo	65
1.6 – Argumentação e inferência	71
SEGUNDO CAPÍTULO	80
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
2.1 – População	81
2.2 - Descrição da situação de leitura	81
2.2.1 – Escolha do texto	86
2.2.2 – Escolha do teste de compreensão textual	90
2.3 – Unidade de análise	93
2.4 – Marcadores de dialogicidade	101
QUARTO CAPÍTULO	104
3. ANÁLISE DOS DADOS	105
3.1 – Micro-análise da situação de leitura <i>on-line</i>	105
3.2 - Análise geral das situações de leitura <i>on-line</i>	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	
Anexo I	194

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre compreensão de texto vêm apontando os diversos fatores de alta complexidade envolvidos na constituição desse processo, considerado multifacetado. Essas pesquisas avançaram ao longo dos anos, seja pela criação de modelos teóricos, seja por estudos empíricos inspirados em propostas teóricas sedimentadas cientificamente, demonstrando uma sofisticação nas ferramentas metodológicas utilizadas para apreender a compreensão textual. Oakhill e Yuill (1996) destacaram que a compreensão textual é constituída por fatores de diferentes níveis de complexidade, alguns considerados de baixo nível, como a decodificação, e outros de alto nível, como o monitoramento e a inferenciação.

O objeto de estudo da presente investigação é o processo inferencial, fator considerado de alto nível (Oakhill e Yuill, 1996). Nesta pesquisa, parte-se do pressuposto presente na literatura de que compreender texto é inferir (Marcuschi, 1989, sd). Assim, o processo inferencial é inerente à compreensão textual - essa é a relação aqui estabelecida.

Apesar das inegáveis contribuições dos estudos acerca da compreensão textual, na maioria das vezes, eles se propõem identificar os processos nela envolvidos, destacando a relevância de alguns desses processos em detrimento de outros. Na mesma linha, algumas pesquisas se propõem verificar a competência envolvida na leitura proficiente, seguindo o pressuposto cognitivista de que o leitor realiza representações mentais (Oakhill e Yuill, 1996; Yuill e Oakhill, 1991; Perfetti, Marron e Foltz, 1996). Tais estudos de base cognitiva (monológica) consideram que, ao compreender o texto, o leitor busca na mente (individual) informações que podem ser acessadas pela linguagem. Todavia, a proposta da

presente investigação segue outra direção, ao se assumir outro paradigma teórico como norteador, com a proposta de estudar a inferência processualmente.

Assim, o objetivo do presente estudo é investigar a geração de inferência preditiva, levantando-se a hipótese de que esse processo tem natureza inerentemente argumentativa. Os processos inferenciais especificamente estudados aqui parecem ser gerados dialogicamente, constituídos pela apreciação inerente às situações dialógicas concebidas pelo círculo de Bakhtin.

A apreciação sugere que toda situação discursiva, constituída de valores ideológicos, é carregada de julgamentos de valores. Mais especificamente, nas situações enunciativas, surgem sempre as vozes dialógicas, que acabam por suscitar avaliações dos interlocutores (dimensão axiológica) acerca dos enunciados. Em situações “monológicas” (do ponto de vista de um observador externo), como na leitura, depara-se com essa apreciação (dimensão axiológica) devido à natureza heteroglóssica (vozes dialógicas) subjacente ao discurso. No caso específico da leitura, para que uma inferência seja gerada, parece ser preciso estabelecer-se negociação com as diversas possibilidades de fazer sentido que emergem (vozes dialógicas), possibilitando a elaboração de hipóteses confirmáveis ou refutáveis no decorrer da leitura.

Assim como nas perspectivas monológicas, também se concebe neste estudo que a inferência é elaborada pela integração do conteúdo textual com o conhecimento de mundo do leitor (Kleiman, 2002, Koch, 2003, Oakhill e Yuill, 1996, Marcuschi, 1989, sd). Contudo, nessa perspectiva dialógica, o conhecimento de mundo é entendido pela heteroglossia (vozes dialógicas)

inerente às enunciações, que permitem ao leitor elaborar suas hipóteses, e não pelo acesso de informações estocadas na memória.

Há, na geração de inferência do leitor, uma atividade de negociação para escolha de uma das possibilidades de fazer sentido ao texto (múltiplas vozes). Sugere-se aqui que a geração de inferência de predição tem natureza argumentativa (dialógica e dialética). Como propõe Rommetveit (1992), a negociação é inerente ao processo de atribuição de sentidos, o que propicia o ajustamento do interlocutor ao assumir determinada perspectiva. Na inferência de predição, talvez o leitor precise negociar com as possibilidades de fazer sentido do texto para a escolha da sua hipótese sobre a continuidade textual, desencadeando a argumentatividade.

O paradigma adotado aqui é o dialogismo bakhtiniano e seus principais pressupostos que se articulam à presente proposta, como: a natureza dual da cognição humana; as vozes dialógicas que constituem as atividades humanas e sua consciência; a visão axiológica de discurso, favorecendo a idéia de negociação das ações dialógicas; a compreensão responsiva (Voloshinov-Bakhtin, 2002, 2003; Faraco, 2003; Rommetveit, 1992), que serão abordados posteriormente.

Sugere-se, aqui, que a geração de inferências de predição é permeada pelas operações argumentativas: argumento (ponto de vista e justificativa) e o contra-argumento. Nessa direção, Leitão propôs uma unidade de análise triádica para o estudo do discurso argumentativo, que se compõe de argumento, referente ao ponto de vista e à justificativa; contra-argumento e resposta ao contra-argumento, a qual será adotada na presente micro análise.

Para ela, a contra-argumentação é o elemento mais explícito que indica a presença da oposição, o que leva ao estabelecimento da negociação. Contudo os próprios elementos constitutivos do argumento remetem a esse caráter dialético inerente às situações enunciativas, pois, ao se elaborarem argumentos (ponto de vista e justificativa), imagina-se que haja inerentemente a apreciação (marcação axiológica) - a contradição discursiva. De modo mais específico, o discurso argumentativo possui natureza polêmica, pois o interlocutor está em situação discursiva específica em que precisa assumir um ponto de vista e defendê-lo frente a uma audiência (interlocutor). Na geração de inferências de predição, o leitor se depara com essa situação de contradição, ao negociar com as diversas possibilidades de continuação do texto para a escolha de sua hipótese (ponto de vista), para a continuação do texto.

Leitão (2003) propõe que assumir a perspectiva dialógica de argumentação implica adotar proposta metodológica também dialógica para sua análise. Na presente investigação, será utilizado um instrumento metodológico coerente com a concepção inferência e argumentação enquanto processos dialógico-dialéticos.

Considera-se que nem todas as inferências sejam argumentativas, pois existem as geradas inconscientemente pelos leitores e outras de controle consciente. São, portanto, as inferências de natureza consciente e controladas as estudadas aqui, sobretudo as de predição. As inferências de predição são concebidas como processo de constante emissão e verificação de hipóteses, obrigatórias à constituição da compreensão textual (Solé, 1998). Por conseguinte, foram focalizadas no presente estudo pela complexidade de sua constituição, que

permite a elaboração de hipóteses a serem confirmadas ou refutadas, e pela sua obrigatoriedade na constituição da compreensão textual.

Na tentativa de capturar o processo de geração de inferência de predição durante situação de leitura *on-line*, foi criada uma situação metodológica em que se utilizou uma história. É importante referir que os leitores, por terem experiência com textos dessa natureza, já possuem conhecimento particular acerca do texto, o que contribui para realização de inferências específicas. A história faz o leitor se deparar com uma rede conceitual específica em que emergem não só conhecimentos lingüísticos peculiares como também conhecimento de mundo específico, ou seja, na história existem elementos específicos que caracterizam a sua natureza (narrativa), como personagens, ações, espaço e tempo. Todos esses elementos são considerados durante a realização da inferenciação, permitindo ao leitor, em decorrência das particularidades de gênero de discurso, criar avaliações do texto. O leitor posiciona-se de forma apreciativa durante a leitura de um texto - posicionamento permitido pela produção de sentidos construída no processo de inferenciação crucial à compreensão textual. Com isso, sugere-se que a geração de inferência de predição é constituída pelas operações argumentativas, nas quais a justificativa e a contra-argumentação (movimentos opositivos) desempenham papéis cruciais.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - A LEITURA

Nas escolas brasileiras, ainda é predominante a concepção errônea de que a habilidade de leitura se resume à decodificação de letras e palavras, não se enfatiza a formação de um leitor crítico e reflexivo.

Preocupadas com esse cenário, Ferreira e Dias (2002) discutem o papel da escola na formação de verdadeiros leitores, argumentando que, na concepção de leitura da escola, que privilegia o código, há rejeição desta como uma atividade social e compartilhada.

Tal prática é ainda mais evidente quando Marcuschi (1996a) analisa os exercícios ditos de compreensão. Ele constatou que a maioria dos exercícios não passa de atividades de cópia; resumem-se à ortografia e a perguntas objetivas sobre aspectos formais do texto. Muitas vezes, as propostas de atividades de compreensão demandam apenas a habilidade psicomotora de copiar ou transcrever literalmente partes do texto. Assim, as atividades não se constituem em exercícios de compreensão textual propriamente ditos, pois não há reflexão por parte do leitor. Além disso, as escolas, muitas vezes, não admitem respostas alternativas às perguntas de compreensão textual; pelo contrário, a prática escolar não contempla a situação de compreensão textual, na qual o leitor exerça certa autonomia em relação ao que é compreendido. As respostas autorizadas

para as perguntas de compreensão são aquelas que constam nos livros didáticos, o que limita a possibilidade de valoração dos leitores acerca do texto.

Criticando essa visão estruturalista, Kleiman (2004) enfatiza que a prática da leitura nas escolas brasileiras privilegia a leitura do professor e do livro didático como as únicas corretas, autorizadas. Isso fica evidente quando se observa a divisão exposta nos livros didáticos entre “as perguntas de compreensão”, que são sobre informações explícitas (literais), e a “resposta pessoal”, que parece ser o único momento, também controlado pelo autor do livro didático ou pelo professor, em que o aluno está autorizado a se posicionar, participando da leitura.

Kleiman (2002) concebe, então, que, para ser um leitor proficiente, não basta apenas ler com fluência e “resgatar” literalmente as proposições presentes no texto, mas, sobretudo, o leitor deve ativar interativamente diversos conhecimentos intratextuais e extratextuais. A referida autora menciona que a atividade de leitura é considerada um jogo de adivinhações, pois o leitor elabora hipóteses e as testa: pode aceitá-las ou refutá-las através da realização de inferências.

A visão distorcida da atividade de leitura – produto dos fatos mencionados acima – reflete-se negativamente na autonomia dos alunos, à medida que eles passam a apreender a realização de inferências, necessárias à compreensão textual, como algo proibido.

Faz-se necessário que a leitura seja concebida como atividade reflexiva, para que os aprendizes sejam, no futuro, leitores maduros. Isso será possível se as escolas e os livros didáticos priorizarem a leitura como atividade dialógica, desenvolvida em situações específicas (esferas da atividade humana), propiciando a construção de significados pelo leitor.

Não se pode negar os avanços científicos dos estudos acerca da compreensão textual. A partir deles, foi possível, principalmente, enfatizar o objetivo primordial da leitura: levar os leitores a compreender textos, priorizando-se a leitura crítica e reflexiva, e não apenas a decodificação e a fluência. Nesses estudos, concebe-se a compreensão textual ser permitida pela ativação de informações resgatadas na memória, que possibilita ao indivíduo-leitor realizar representações mentais coerentes sobre o texto lido, o que se caracteriza como estudos cognitivos e lingüísticos de natureza monológica.

Todavia, no presente estudo, a compreensão textual será concebida a partir de uma perspectiva dialógica (como já foi dito antes), que propõe que a leitura, mesmo consistindo de uma situação solitária (do ponto de vista de um observador externo), é realizada dialogicamente pela apreciação do leitor, ao compartilhar com idéias e elaborar hipóteses, propiciando uma construção socioideológica do texto lido. Propõe-se, a seguir, traçar um paralelo entre as perspectivas monológica e dialógica, abordando-se alguns conceitos centrais para o presente estudo.

1.1.1 REFLETINDO ACERCA DE ALGUNS CONCEITOS CENTRAIS: LÍNGUA, TEXTO, GÊNERO E INFERÊNCIA

Muitas correntes teóricas da lingüística, principalmente da textual, vêm-se preocupando com os aspectos envolvidos na produção e na compreensão textual, e tem havido, a partir daí, a elaboração de conceitos essenciais para entender tais processos. Dentro de uma vertente pragmática, surgiu a lingüística textual, procurando transcender o conceito das unidades lingüísticas de cunho

estruturalista, que compreendia a língua como sistema codificado. A lingüística textual elegeu, assim, o texto como unidade de estudo, levando em consideração o sujeito e a sua situação comunicativa. Bentes (2001) aponta que, na lingüística textual, o texto passou a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos lingüísticos em situações sociocomunicativas. Para a lingüística textual, entendida como disciplina essencialmente interdisciplinar, a palavra de ordem passou a ser a textualidade¹ – o texto analisado em seu funcionamento em vez de uma análise formal e abstrata, como destaca Bentes (2001).

Sendo assim, o texto é um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas, levando em consideração tanto os aspectos lingüísticos lineares envolvidos na coesão textual (relações catafóricas e relações anafóricas) quanto os aspectos não-lineares de sentido e intencionalidade submersos na coerência textual (situação de produção). Assim, a significação do texto não está no texto em si, mas depende de fatores de ordens diversas, como: lingüístico, cognitivo, sociocultural e interacional.

Dentro dessa perspectiva, Marcuschi (1996a) defende que o texto não é um produto nem um simples artefato acabado, ele é um processo; está em constante elaboração e reelaboração ao longo de sua história. Ele é uma proposta de fazer sentido e se acha aberto a várias alternativas de compreensão. Todavia, é importante ressaltar que há limites para a compreensão de um texto.

¹ A textualidade remete àquilo que faz de uma seqüência lingüística um texto, e não um amontoado aleatório de palavras (BENTES, 2001). Nessa direção, intertextualidade refere-se à relação de um texto com outros textos.

Conforme destacado por Marcuschi, o texto não é uma “caixinha de surpresas” ou um tipo de “caixa preta”; se dessa maneira o fosse, as pessoas não se entenderiam. Para Marcuschi (sd.), o texto é um evento comunicativo, sua coerência é uma perspectiva do leitor constituída na inter-relação com o autor. Os textos são sistemas instáveis e sua estabilidade é sempre um estado transitório de adaptação a um determinado contexto de uso, levando em consideração que eles se realizam em gêneros textuais particulares, que ajudarão nesse processo de estabilidade transitória. Tal instabilidade atribuída ao texto demonstra existirem vários implícitos, característicos do texto escrito e da sua leitura; cabe ao leitor maduro atribuir-lhe os sentidos “possíveis”.

Inicialmente, percebe-se consonância das idéias acima apresentadas com a concepção dialógica do objeto de estudo da presente investigação. Ambos, dialogismo bakhtiniano e lingüística textual, comungam da concepção de que a língua não deve ser entendida como sistema estático e abstrato, mas dentro das suas situações de produção.

Contudo, ao se avançar na proposta da lingüística textual, percebem-se alguns distanciamentos da lingüística textual com a concepção dialógica aqui adotada, pois aquela emerge de uma proposta de natureza monológica, na qual são relevantes os conceitos de processamento textual, intencionalidade (do autor e do leitor) e representação mental (interna). Apesar desse distanciamento, por pertencer a perspectivas de cunho monologizante, considera-se importante, aqui, abordar alguns autores da lingüística textual que trouxeram contribuições imprescindíveis para os estudos de compreensão textual, Marcuschi (1985, 1987, 1996a). O presente estudo se afasta dos referidos autores pela concepção de

compreensão de texto que adota, pois, aqui, considera-se a produção de sentidos na compreensão como ato essencialmente dialógico constituído pelas vozes sociais que rodeiam o leitor e o texto. Até onde se sabe, os estudos de compreensão textual direcionam-se para estudos de natureza monologizante, por isso é relevante e necessário, aqui, discutir alguns conceitos dessa perspectiva que são essenciais para a reflexão acerca dos estudos de compreensão de texto.

Após apresentar a concepção de texto para a lingüística textual, serão abordados os conceitos de gêneros (textuais ou discursivos), pois aqui se propõe investigar uma situação de discurso específica, conceituada enquanto gênero discursivo dentro de um referencial teórico específico – o dialogismo bakhtiniano. Assim, a distinção – situada no plano epistemológico – entre os conceitos de gênero discursivo e gênero textual remete a questões de posicionamento teórico.

Marcuschi (2002) propõe uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais, considerando-a fundamental para trabalhos realizados com produção e compreensão textual. O tipo textual é definido pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, entre outros). Os tipos textuais são as categorias conhecidas, como narração, argumentação, exposição, dentre outros. Já os gêneros textuais são definidos *vagamente pelos textos materializados que se encontram na vida e que possuem características sociocomunicativas*, definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Existem variedades de gêneros textuais, como: telefonema, bilhete, edital de concurso, conversa espontânea, aulas virtuais, conferência, entre outros. Sendo assim, os gêneros textuais constituem-se em textos empiricamente realizados, cumprem funções em situações comunicativas.

Para Rojo (2005), ao se conceituarem os gêneros como textuais, tende-se a recorrer a um plano descritivo (material) equivalente à estrutura ou à forma composicional, que trabalha com noções herdadas da lingüística textual. Em contrapartida, a outra vertente, que concebe os gêneros como discursivos, vinda do próprio círculo de Bakhtin, tende a selecionar os aspectos da materialidade lingüística determinados pelos parâmetros da situação da enunciação, sem pretensão de esgotar a descrição dos aspectos lingüísticos ou textuais, mas apenas centrar-se no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sociohistóricos.

Os gêneros discursivos são definidos por Bakhtin (2003) segundo os aspectos estáveis de cada esfera da atividade comunicativa, levando-se em consideração a efetuação concreta e única de cada língua, mais especificamente os enunciados, com suas condições específicas. Portanto, eles são, por exceção, heterogêneos. O referido autor, ao estudar os enunciados que compõem os diferentes gêneros discursivos, enfatizou a natureza verbal desses enunciados com seus princípios constitutivos, tais como a interação com o ouvinte e a influência desta sobre os enunciados.

Os gêneros discursivos não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção, construindo, assim, sua significação acrescida da ideologia e valoração, único fim de um enunciado vivo, como aborda Rojo (2005). A autora defende que aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros discursivos partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sociohistóricos da situação enunciativa, privilegiando, a vontade enunciativa do locutor e sobretudo sua apreciação sobre

seu interlocutor e o tema do discurso. É, então, dentro dessa proposta do círculo de Bakhtin que o presente estudo se configura, assumindo a perspectiva de gênero discursivo constituído nas situações de enunciação, em que a significação é gerada pela apreciação inerente à noção de heteroglossia (vozes dialógicas). Nesse quadro teórico, a argumentação, como gênero discursivo, é constitutiva de processos psicológicos em razão da sua natureza inerentemente valorativa.

Em suma, a lingüística textual se propõe fazer descrição mais textual, ao se tratar da materialidade lingüística do texto; ou mais funcional-contextual, ao se referir ao gênero. Parece não ter sobrado muito espaço para a abordagem da significação, da acentuação valorativa, própria dos gêneros discursivos do círculo de Bakhtin.

Ao se ocupar dos elementos lingüísticos subjacentes aos gêneros textuais e estudar as questões envolvidas no processamento textual, abordando tanto os fatores de produção quanto de compreensão de texto, a lingüística textual acaba por desenvolver, com propriedade, vários estudos sobre a compreensão de texto, destacando os fatores submersos na compreensão textual, como a coerência e a coesão.

De acordo com Bentes (2001), a lingüística textual concebe a compreensão de texto a partir da mobilização de organização de esquemas (conhecimento acessado na memória) pelo leitor. Esses esquemas são denominados como conjunto de conhecimentos ordenados em progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será feito no universo textual. Assim, a lingüística textual contempla a elaboração de hipóteses na compreensão textual, mas na perspectiva subjetivista, que sugere a elaboração de esquemas (mentais).

Para a realização de inferências, a lingüística textual destaca a relevância do conhecimento de mundo, demonstrando que existem tipos de conhecimento de mundo ou modelos cognitivos (esquemas estocados na memória) que precisam ser compartilhados pelos interlocutores, nas quais se enfatiza, nessa interação, a intenção do autor do texto.

Nessa direção, Bentes (2001) aponta o conceito de intencionalidade como central para a lingüística textual, pois há, na compreensão de texto, uma atitude cooperativa (intencional) dos participantes do discurso (autor ou leitor). A intencionalidade é lingüisticamente constituída e representada no meio de enunciados, estabelecendo-se um jogo de representações (internas), que pode ou não corresponder à realidade psicológica ou social. De modo geral, as inferências na compreensão de texto são representações mentais do leitor, que precisa levar em consideração a intencionalidade do autor.

Brown e Yule (1983), por exemplo, defendem que as inferências são conexões feitas pelos interlocutores, ao tentarem alcançar compreensão do que leram. Eles mencionam que os leitores, para compreender um texto, precisam significar as intenções dos autores, e isso é realizado via inferência. O leitor tem a obrigação de chegar a uma compreensão razoável do que o autor teve intenção de expressar; as inferências são operações feitas pelo leitor, não estão apenas na dependência dos elementos composicionais do texto.

Marcuschi (1985) destaca que a inferência é uma operação cognitiva que permite ao leitor construir novas proposições a partir de outras já dadas. Reformulando esse conceito, ele menciona que a inferência é uma nova informação semântica gerada a partir de informações textuais e da situação contextual (Marcuschi,

1989). As inferências funcionam como hipóteses coesivas que se estabelecem durante todo o processo de compreensão textual, e não apenas como resultado final.

Koch (2003) afirma que, para se realizar a construção da compreensão textual, o leitor precisa preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las, encontrar hipóteses alternativas em casos de desencontros. A autora propõe que todas essas operações ocorrem por meio de inferenciamentos, que exigem não só a mobilização dos conhecimentos prévios do leitor. Ela propõe, ainda, que o processamento textual não se dá de forma progressiva linear (soma de partes); pelo contrário, ele é construído pela oscilação entre vários movimentos projetivos e retrospectivos (prospecção e retroação), com base no que já foi dito, no que está sendo dito e no que é sugerido.

Em resumo, o presente estudo propõe que a inferência é um processo cognitivo-discursivo gerado a partir da integração de informações textuais com a situação contextual do leitor (conhecimentos de mundo), favorecendo a construção da significação (compreensão textual). Essa integração de informações é realizada pela apreciação dos leitores, que precisam negociar com as diversas possibilidades de significação permitidas para um mesmo texto, escolhendo uma dessas alternativas. Tal escolha não ocorre seqüencialmente, mas de forma oscilatória (com movimentos de prospecção e retroação). Assim, o leitor busca informações já postas no texto; integra-as com os seus conhecimentos prévios; elabora hipóteses, criando expectativas sobre a continuação do texto, testa-as e realiza avaliações do texto, da sua compreensão e do autor. Todo o processo de geração de inferência ocorre dialogicamente pelas apreciações do leitor, que

precisa estabelecer negociação com o outro (autor, texto, conhecimento de mundo) para continuar a leitura. Há, portanto, uma situação dialógica constante, e é necessário ao leitor estabelecer um embate dialógico (negociativo) com as diversas vozes, constituindo-se, assim, a situação de leitura.

A concepção de leitura adotada no presente trabalho é de atividade constituída pela apreciação dos leitores, que precisam negociar, integrando as diversas informações, constituindo, assim, a compreensão do texto. Com isso, a leitura é vista como atividade de construção de sentidos únicos e jamais repetidos, e os processos inferenciais como atividades de negociação situada (dos sentidos) e realizadas pelos leitores.

1.2 – DIALOGISMO: ALGUNS CONCEITOS-CHAVE

Neste estudo, adota-se o Dialogismo Bakhtiniano por pressuposto epistemológico, pois, nesse paradigma, a linguagem é vista pela sua natureza dialógica, constituída sociohistoricamente pelo discurso do outro. Para Brait (1997), o conceito de linguagem do Dialogismo Bakhtiniano envolve a relação dos indivíduos com o mundo e a dimensão assumida pelo discurso nessa inter-relação. Sendo assim, o discurso não é falado no vazio, mas em situação histórica e social concreta, no momento e no lugar da atualização do enunciado. Para essa autora, dialogismo caracteriza-se pelo diálogo existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade/cultura; é, portanto, a relação que se estabelece entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos indivíduos.

Todavia, o dialogismo bakhtiniano não é central no cenário psicológico vigente, que dispõe de vários estudos em perspectivas monológicas, segundo discutem alguns teóricos (Linell, 1998; Markovà, 1990). Para Linell (1998), a linguagem, na visão formalista da qual comunga o monologismo, é vista como forma de representar o mundo e como medida transparente e neutra para descrever o psiquismo – fenômeno independente da linguagem. A linguagem é considerada, portanto, algo normativo, um sistema de sinais estáticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos), compreendida e estudada de forma passiva.

Nessas abordagens monológicas, as estruturas mentais são centrais na constituição do sujeito, daí as generalizações/criação de modelos para o entendimento do psiquismo nas quais não se contemplam a singularidade e a historicidade do ser.

Para o dialogismo, a linguagem é vista como discurso, isto é, parte integrante de práticas cognitivas ou comunicativas de discurso em *settings* específicos. Nessa perspectiva, é constituída em práticas discursivas, em que cada enunciação tem significados específicos, a depender das configurações das atividades socioculturais, e não da abstração formal das sentenças lingüísticas.

Para Bahktin (2003), cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados, os quais se relacionam, na tomada de posição, aos enunciados precedentes e subseqüentes, há alternância dos sujeitos (outros) discursivos; há atitude responsiva durante o ato de enunciação, remetendo ao posicionamento do sujeito discursivo que se correlaciona a outras posições, que refletem a realidade (situação) extraverbal. Todo enunciado emerge, sempre e

necessariamente, de um contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo.

Sendo assim, o sujeito do dialogismo é constituído por vozes sociais que fazem dele único, singular, histórico e social. Para Faraco (2003), o indivíduo concreto bakhtiniano ocupa um lugar único jamais ocupado por alguém e não pode ser ocupado por nenhum outro. Esse sujeito único é compelido a se posicionar, assumir a responsabilidade de sua unicidade na relação eu-outro. Assim, como expõe Rommetveit (1992), a cognição humana possui natureza inerentemente dual. Constitui-se em um contínuo interativo. Não se concentra em pólos específicos do processo, nem do observado, nem do observador, mas informa sobre ambos, ganhando sentido a partir de diferentes posições.

É o processo de significação enunciativa, constituído semiótica e ideologicamente, que constitui a consciência na relação eu-outro, priorizando-se o universo da cultura. Para Volochinov-Bakhtin (2002), é no processo de significação que a consciência se constitui semioticamente. Sendo assim, todo signo é ideológico, e a ideologia², o reflexo das estruturas sociais, tem valor semiótico. O signo só emerge durante o processo de interação entre uma e outra consciência individual. Portanto, a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) no processo de interação social.

² No sentido bakhtiniano, ideologia consiste em espaços de contradições formados pela representação do real, na inter-relação semiótica. Desse modo, tudo que é ideológico possui significado. Para Faraco (2003), o termo ideologia, no círculo de Bakhtin, é utilizado para designar as manifestações superestruturais (a arte, ciência, filosofia, direito, dentre outros). O termo ideológico aparece, também, como equivalente a axiológico – dimensão avaliativa. Assim, qualquer enunciado se dá na esfera de uma ideologia (superestrutura) e expressa uma posição avaliativa (ideológica).

No texto, “Discurso na vida e discurso na arte”, Volochinov-Bakhtin (1976) referem que a atividade discursiva tem natureza dialética, pois caracteriza-se pela sua natureza contraditória: mostra sempre os dois lados opostos, positivo e negativo, concordância e discordância. Existem, então, várias vozes dialógicas que se entrecruzam, assumindo diferentes posições. Assim, o estilo do poeta é engendrado do estilo de sua fala interior, que é o produto de sua vida social interna permeada por outros participantes. A tomada de consciência é, então, constituída, sobretudo, pela linguagem enquanto ato social, formada pelas atitudes axiológicas (julgamento de valores), não é apenas fenômeno psicológico especificamente interno.

Como o enunciado nunca é neutro, e sim embutido em práticas discursivas específicas, os indivíduos estão sempre estabelecendo valores sociais para seus discursos que dependem da situação discursiva em que estão inseridos. Essas práticas são constituídas pelas relações de contradição (avaliação) com o outro, o que permite compor a unicidade do indivíduo. Faraco (2003) afirma que, para o círculo de Bakhtin, o sentido dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, pois as relações dos indivíduos com o mundo são sempre atravessadas por julgamentos de valores. Portanto, a enunciação de um signo é sempre a enunciação de índices sociais de valor determinada pela multidão de vozes sociais que permeiam a constituição de uma enunciação específica. É desse modo, na dialogização das vozes (relação/dinamicidade de encontros/acordos e desencontros/desacordos entre as múltiplas vozes sociais em uma situação dialógica específica), que o discurso se constitui enunciado único e jamais repetido. Sendo assim, os signos não só refletem o mundo, mas principalmente o refratam pela atribuição de valorações diferentes (e até

contraditórias). É assim que as práxis dos grupos humanos vão gerando diferentes modos de dar materialidade ao mundo (de refratá-lo), que se vão materializando e se entrecruzando no mesmo material semiótico.

Desse modo, para o círculo de Bakhtin, o eu e o outro são, cada um, universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. A dimensão axiológica é parte inalienável da significação da palavra viva e constitutiva dos processos de significação.

Rommetveit (1992) menciona que, durante o processo de atribuição de sentidos, existem negociações entre os interlocutores (dentre as diversas posições axiológicas). Nessas negociações, realizam-se ajustamentos até que os interlocutores assumam determinada perspectiva, que é desenvolvida pela avaliação da posição do OUTRO (apreciação da apreciação do outro). É nesse sentido de negociação, avaliando a perspectiva do OUTRO, que se concebe o pressuposto de vozes sociais de Bakhtin. Portanto, nas múltiplas vozes das relações sociais, existem sempre negociações, discursos que se polemizam na tentativa de se assumir perspectiva de mundo compartilhada.

Faraco (2003) aponta, ainda, que, para o círculo de Bakhtin, as vozes sociais (dialógicas) são concebidas como se estivessem em intrincada cadeia de responsividade, contendo sempre um acordo e um desacordo nas relações dialógicas. Essas relações sociais, caracterizadas por atitudes responsivas (avaliativas), se configuram em tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros de discurso, constitutivos da atividade humana multiforme e heterogênea.

Assim, dentro de uma perspectiva dialógica, a presente investigação considera que a compreensão textual, como atividade enunciativa, tem, essencialmente, natureza responsiva e constitui-se da ativa avaliação do leitor propiciada pela diferentes vozes dialógicas inerentes a esse processo.

Não se pretende, aqui, esgotar a temática do dialogismo, por se tratar de um paradigma epistemológico bastante complexo. A partir de um exercício de reflexão, houve apenas a tentativa de realizar aproximações e entender as contribuições do dialogismo para o presente estudo.

2.2.1 – CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA COMPREENSÃO TEXTUAL

Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a antecederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (VOLOSHINOV-BAKHTIN, 2002, p. 98).

Nas palavras acima, Volochinov-Bakhtin (2002) abordam a natureza dialógica das situações monológicas e, principalmente, destacam sua natureza dialética (polêmica), abordando que as enunciações se constituem pela atividade responsiva (avaliativa), ativa entre o que a antecede e o que a precede, o que permite a constituição de um elo. Especificamente, mesmo as situações solitárias, como a escrita e a leitura, pelo menos do ponto de vista de um observador externo, por serem, em geral, realizadas individualmente, são constituídas dialogicamente propiciadas pela emergência de vozes dialógicas que se

polemizam dentro do paradigma do dialogismo. A concepção de compreensão textual na situação de leitura da presente investigação é formada pelas vozes dialógicas que permeiam todo esse processo, havendo um elo na cadeia dialógica que permite ao leitor voltar ao texto, procurar subsídios na situação contextual e realizar antecipações (hipotetizar) acerca da continuação do texto.

Volochinov-Bakhtin (2002) enfatizam a natureza do discurso escrito com seu *status* socioideológico, que reflete as situações particulares nas quais foi produzido pelos seus autores e se configura dentro de uma esfera da atividade humana particular. Diante disso, eles defendem que o discurso escrito faz parte de uma discussão ideológica em grande escala: responde, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais e procura apoio.

Sendo assim, o discurso escrito é apresentado ao seu leitor, que faz parte de uma esfera da atividade humana com toda carga ideológica, com objetivos, contradições implicitamente estabelecidas pelos integrantes dessa atividade comunicativa. Os gêneros discursivos (como a história) são, portanto, gerados em esferas específicas e com objetivos específicos; há a partir da sua “ida ao mundo”, o estabelecimento de diálogos com as diversas vozes (heteroglossia) para que os leitores elaborem hipóteses, que posteriormente serão confirmadas ou refutadas, concordando, ativa e responsivamente, com as idéias ali expostas ou discordando delas. Há, assim, uma compreensão ativa dos enunciados apresentados no discurso escrito pelo leitor.

Mesmo não se preocupando especificamente com a atividade de leitura, Volochinov-Bakhtin (2002) afirmam que a “compreensão passiva” não é capaz de comportar nem o esboço de uma resposta, como seria exigido por qualquer

espécie autêntica de compreensão, por estar impregnada da compreensão da palavra em sua abstração; daí não seria possível se estabelecer como compreensão propriamente. Para eles, o que interessa é a compreensão ideológica ativa dos enunciados, a qual é uma tomada de posição ativa sobre o que é dito e o que é compreendido.

Volochinov-Bakhtin (2002) apontam que, na compreensão (ativa), os contextos possíveis de uma única palavra são freqüentemente opostos – determina-se pelo contexto situacional. Dessa forma, toda enunciação efetiva contém sempre a indicação de uma contradição com algo, possibilitando um conflito tenso e ininterrupto. Eles destacam que qualquer tipo de compreensão dos mais diversos gêneros discursivos é ativo e contém sempre o germe de uma resposta. Sendo assim, compreender a enunciação de outrem implica orientação relacionada a essa enunciação, que se relacionará com outras enunciações como réplicas. Em suma, segundo o círculo de Bakhtin, compreender é opor à enunciação do locutor uma contrapalavra, pois toda enunciação tem um acento de valor ou apreciativo.

Geralmente, o autor do texto espera uma resposta (considerada ativa) do seu interlocutor/leitor, e não só uma reprodução de ponto de vista (reprodução literal do texto). Essa resposta é o que caracteriza a leitura como enunciação (compartilhada, única e jamais repetida). Na leitura dialógica, é permitida a reflexão do leitor, que avalia o ponto de vista do autor e expõe seu ponto de vista (uma contrapalavra), construindo os sentidos do texto e não apenas reproduzindo literalmente o texto.

Fazendo uma transposição para o presente estudo, o processo de compreensão textual de natureza dialógica ocorre pela apropriação dos enunciados dos

OUTROS mediante apreciação (dimensão avaliativa) do discurso escrito lido. Assim, segundo discute Faraco (2003), a compreensão não é mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas atividade dialógica que, diante de um texto, gera outros textos. Compreender não é ato passivo (mero reconhecimento), mas uma réplica, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto. A atividade de leitura, enquanto enunciado, é um elo complexo na cadeia, em que diferentes enunciados se inter-relacionam para constituir a compreensão.

Ao compreender o texto, o leitor está sempre realizando inferências; é nesse processo que ele elabora hipóteses, ponderando as possibilidades de compreensão textual para escolha da alternativa mais coerente. Nesse processo, existem diversas vozes dialógicas exprimindo idéias sobre o texto que, necessariamente, precisam ser negociadas, pois nem sempre elas convergem (atitude responsiva). As ações discursivas realizadas durante a situação de leitura remetem ao emaranhado de vozes que estão “em jogo” no desencadeamento de inferências essenciais à compreensão textual. Assim, o presente estudo, apresenta como hipótese que o processo de geração de inferência de predição aqui estudado parece ser constituído por essa tomada de posição, em que o leitor elabora suas hipóteses (predições) sobre a continuidade do texto. Há, então, a produção de sentidos do texto de um leitor específico, situados historicamente. O sujeito, durante o processo de compreensão, produz sentidos ao texto de acordo com sua unicidade, considerando o momento histórico, as situações específicas, o que faz elaborar inferências únicas na leitura, que provavelmente não seriam geradas por outro leitor. Isso confere à leitura caráter essencialmente dialógico,

em que a produção de sentidos depende unicamente da historicidade e unicidade de um leitor específico.

Entende-se, aqui, que a compreensão de texto (inferenciação) se estabelece processualmente, a partir de avaliações do leitor acerca do texto, do autor do texto e do conhecimento prévio do leitor. Com isso, a compreensão dependerá, sobretudo, de um processo contínuo construído interativamente em um momento e situação específicos. Assim, o sentido do texto é construído em contexto situado mediado semioticamente, adquirindo *status* de realidade social compartilhada.

Na leitura de um texto, por exemplo, existe um emaranhado de vozes dando-lhe sentido. É esse emaranhado de vozes que constitui o processo de significação enunciativa, que é eminentemente sociohistórico. Nessa direção, Barros (2003) propõe que o texto deve ser considerado “tecido” organizado e estruturado culturalmente, cujo sentido depende do contexto sociohistórico. No dialogismo, o texto é constituído como espaço dialógico, de onde diferentes perspectivas emergem para constituição dos sentidos a partir da intertextualidade. Para Fiorin (2003), a intertextualidade é um processo de incorporação de um texto em outro, seja para construir sentido, reproduzir sentidos incorporados ou transformá-los.

Considera-se, neste estudo, que a compreensão textual, em suas particularidades, pode ser entendida como atividade essencialmente dialógica, na qual existe uma tomada de posição por parte do leitor, gerada a partir de outros textos. Segundo Faraco (2003), a compreensão aponta para o possível, porque é uma operação sobre o significado que, sendo em grande parte realizado na interação, no encontro de cosmovisões e orientações axiológicas, envolve uma dimensão de pluralidade.

A atitude avaliativo-axiológica (compreensão responsiva) do enunciado na relação eu-outro (negociativa) do discurso social, constituindo a unicidade do ser social (constituição da consciência), é o pressuposto do círculo de Bakhtin de suma importância para o presente estudo, porque se levanta aqui a hipótese de que os processos inferenciais preditivos possuem natureza argumentativa. Na inferência de predição, por exemplo, o leitor parece se deparar com alternativas para a continuidade do texto; precisa, então, escolher uma delas. Para realizar tal escolha, o leitor precisa estabelecer uma atividade de negociação, para a qual entra em jogo todo o seu conhecimento de mundo: gêneros lidos, crenças, experiências pessoais, dentre outros. Supõe-se que essa escolha dentre uma das alternativas de compreensão textual, realizada na compreensão *on-line*, seja inerentemente argumentativa. Parece existir um movimento dialético-dialógico na seleção das alternativas, já que há várias possibilidades para a continuação textual. Na atividade de compreensão *on-line*, realizada na presente investigação, espera-se que, além da emergência dos pontos de vista, as justificativas a estes sejam verbalizadas, reforçando a natureza argumentativa do processo inferencial.

Em contrapartida, os estudos de natureza monológica vêm a compreensão de texto na leitura como atividade que permite acessar as “capacidades” dos leitores, caracterizando-os como imaturos ou proficientes (Oakhill e Yuill, 1996; Perfetti, Marron e Foltz, 1996). Para essas investigações, a “habilidade” de fazer inferências pelo leitor é um dos principais fatores necessários à compreensão. A realização desse tipo de estudo que analisa PRODUTO pode ser exemplificada pelo estudo de Perfetti, Marron e Foltz (1996). Eles constataram que os maus compreendedores criam modelos situacionais fracos (representação mental do leitor na construção da compreensão via inferência) e apresentam compreensão

incompleta do texto. Assim, concluíram que a inability de fazer inferências pode levar a falhas na compreensão textual.

Grande parte dos estudos empíricos descritos na literatura propõe-se acessar, por meio de atividades lingüísticas, as habilidades necessárias à compreensão textual. Conforme exposto acima, realizar inferência é um dos principais fatores de alto nível necessário à compreensão. Todavia, como se constitui a inferência e quais os processos cognitivo-discursivos envolvidos na realização dela não são questões prementes nas pesquisas de base cognitiva de caráter monológico.

Na perspectiva dialógica adotada neste estudo, a leitura é uma ação inerentemente dialógica da atividade humana, construída por vários interlocutores sociais.

1.3 - COMPREENSÃO DE TEXTO NAS PERSPECTIVAS DE BASE COGNITIVA

Muitos autores argumentam que a compreensão textual é uma habilidade complexa que envolve aspectos cognitivos (memória de trabalho, monitoramento, integração de informações e inferências) e lingüísticos (aspectos sintáticos, semânticos, lexicais e a habilidade de decodificação), havendo a conexão entre as idéias expressas no texto e o conhecimento prévio do leitor (Oakhill; Yuill, 1996, Yuill; Oakhill, 1991, Perfetti; Marron; Foltz, 1996). Nessas propostas de base cognitiva levam-se em consideração as habilidades e competências dos leitores, diferenciando-se, a partir da utilização de instrumentos experimentais, os leitores competentes e os não-competentes. Tais estudos consideram que vários fatores são necessários à compreensão de texto: os de baixo nível

(decodificação, fluência) e os de alto nível (inferência e monitoramento). Assim, pela dificuldade de articular em um mesmo estudo todas as habilidades envolvidas na compreensão textual, os autores cognitivistas acabam por priorizar algumas necessárias à compreensão; daí observam se existem falhas nessas habilidades, correlacionando-as com a competência do leitor.

Para Kintsch (1998), inspirador dos estudos de base cognitiva (natureza monológica), compreender implica formar conexões entre aspectos que são previamente distintos (idéias expressas no texto e conhecimento prévio do leitor), formando um todo coerente. Para ele, a compreensão humana é um processo inicialmente caótico e desordenado, por ser altamente sensível ao contexto e flexivelmente ajustável às alterações do ambiente.

Na tentativa de superar os modelos estanques de conceber o processo de compreensão textual, que considera como estrutura de controle fixo (esquemas), Kintsch (1998) propõe a criação de um modelo denominado de construção-integração (CI): para compreender um texto, o leitor constrói várias representações mentais. O modelo de CI remete a duas fases que ocorrem durante o processo de compreensão: (a) fase de construção e (b) fase de integração. Na fase de construção (a), o modelo é construído localmente (parte), de forma fragmentada. A construção do significado das palavras e frases pode ser inicialmente caótica e incoerente; pode vir expressa no texto ou pela ativação de informações armazenadas na memória de trabalho. Já na fase de integração (b), o leitor estabelece limites e rejeita construções locais inapropriadas em favor daquelas que integram um todo coerente. Para ele, somente na fase de integração é que o significado particular se constrói na mente do leitor. A

integração é realizada, assim que um novo elemento entra em cena na cadeia em construção na mente do receptor (leitor).

Para Kintsch (1998), existe um processo cíclico, em que há integração palavra por palavra, frase por frase ao resto do texto e a informações antigas. Em cada ciclo, a proposição final ou relevante permanece na memória de trabalho e será recuperada à medida que a leitura se vai efetuando. Após a integração, a informação inicial é transferida para a memória de longo prazo, o que reduz a sobrecarga da memória de trabalho, que passa a ser constituída pela última proposição lida, quando se inicia um novo ciclo.

No modelo de CI, para que seja possível estabelecer essas representações mentais são necessários dois elementos: o texto-base e o modelo situacional. O texto-base consiste nos elementos e relações diretamente ligados ao texto; fica preso apenas ao que está explicitamente nele especificado. Já o modelo situacional é construído pela integração de várias informações; nele utilizam-se várias fontes de conhecimento, como o conhecimento geral (sobre a linguagem, sobre o mundo em geral e sobre a situação de comunicação específica) e a experiência pessoal. Ele remete à representação mental do leitor, o que contribui na constituição de sentidos particulares através da realização de inferências. Para realizar inferências, o leitor precisa conectar as informações presentes no texto com o seu conhecimento de mundo. Assim, para que essa relação ocorra entre o texto-base e o conhecimento de mundo, é necessário o leitor fazer inferências, construindo o modelo situacional. Esse modelo caracteriza-se pelas inferências realizadas pelo leitor com base no conhecimento lingüístico (lexical, decodificação) e no conhecimento de mundo. Percebe-se que o modelo de CI enfatiza o conhecimento do texto, o conhecimento de mundo e considera que a

geração de inferências é crucial à compreensão textual, que se dá na construção do modelo situacional, da fase de integração.

O modelo de CI proposto por Kinstch (1998) configura-se dentro de um quadro cognitivista, ao propor que a compreensão textual se constitui por representações mentais do leitor, integrando seus conhecimentos prévios. Isso acaba por inspirar vários estudos. Ele considera que, para haver compreensão, é necessário ocorrer a integração do conhecimento prévio na representação mental do leitor.

O modelo teórico de CI inspirou os estudos de base cognitiva (natureza monológica), como o de Oakhill e Yuill (1996), os quais concebem que a compreensão não é passiva, e sim ativa, e há a integração de informações de várias fontes. Elas defendem que existem vários fatores envolvidos na compreensão textual: fatores de alto nível (inferências e monitoramento) e fatores de baixo nível (decodificação, identificação de letras e reconhecimento de palavras). Para essas autoras, são três os fatores de alto nível: inferências, o entendimento da estrutura textual e o monitoramento (consideram a inferência um fator essencial para a compreensão). Oakhill e Yuill (1996) constataram que, diferentemente das crianças que são boas em compreensão, as que têm dificuldades de compreensão textual não possuem habilidades de fazer inferências. Isso foi relatado em um estudo com crianças boas em compreensão e com aquelas que tinham dificuldades – elas realizaram uma atividade de leitura em voz alta e, depois, responderam a questões (literais e inferenciais) sobre o texto. Os resultados demonstraram que as crianças com dificuldades em compreensão são piores em responder a questões inferenciais do que as compreendedoras competentes.

Constata-se, então, que várias investigações de natureza monológica enfatizam os diversos aspectos envolvidos na compreensão textual, enfocando, principalmente, as dificuldades de compreensão observadas em decorrência da inabilidade em alguns dos processos cognitivos necessários à compreensão. Seus esforços se concentram na descrição das habilidades ou competências necessárias ao leitor proficiente, considerando que o bom leitor é aquele que não apenas decodifica, mas também compreende o texto lido, como foi descrito acima, no estudo de Oakhill e Yuill (1996) e nos estudos descritos posteriormente (Perfetti; Marron; Foltz, 1996, Sanford; Garrod, 1981, Meijsing, 1980, Oakhill; Garnham, 1988, Graesser; Wiemer-Hastings; Wiemer-Hastings, 2001).

Perfetti, Marron e Foltz (1996) defendem que vários fatores estão envolvidos na compreensão textual e destacam o conhecimento prévio, os processos sintáticos e lexicais, a memória de trabalho, os processos de inferenciação, o monitoramento, o significado das palavras e o domínio de conhecimento específico (de cada texto). Para esses autores, o leitor, durante o processo de compreensão, faz conexões entre as palavras do texto e o seu conhecimento de mundo, construindo um modelo mental ou modelo situacional. Para eles, tanto os processos de baixo nível (como mapeamento fonológico) quanto os de alto nível (geração de inferências e monitoramento) contribuem na construção do modelo situacional (compreensão textual).

Esses autores enfatizam que o monitoramento e a inferenciação são processos de alto nível que os leitores utilizam para formar representação mental coerente. Na geração de inferência, eles relatam que os compreendedores mais habilidosos fazem mais referências anafóricas (indiretas) corretas e as integram ao conteúdo

textual e que a inabilidade na geração de inferências pode levar a falhas na compreensão.

Eles ainda ressaltaram o papel do domínio de conhecimento na construção da compreensão, defendendo que o conhecimento é um componente extra, não é intrínseco à compreensão. Durante o processo de inferenciação, o conhecimento de mundo vem à tona, fazendo parte das habilidades intelectuais necessárias à compreensão.

O presente estudo concorda com os autores acima, quando eles propõem, em uníssono, que o conhecimento de mundo é elemento indispensável à compreensão textual, como destacam Oakhill e Garnham (1988). Esses autores propõem que o conhecimento prévio sobre o assunto favorece a compreensão textual, é um preditor que ajuda na geração de inferências. Eles defendem que os indivíduos com maior conhecimento sobre determinado assunto tendem a destacar as informações mais relevantes do texto; já os que não possuem conhecimento específico sobre o assunto tendem a relembrar as informações mais periféricas. Contudo o presente estudo não compartilha da concepção de conhecimento de mundo como estoque de representações mentais na memória individual do leitor – essa é uma visão prioritária das perspectivas de natureza monológica. Aqui, a compreensão de texto é construída pela produção de sentidos pelo leitor, constituída dialogicamente pela apreciação das diferentes possibilidades para a escolha de uma das possibilidades, fazendo sentido ao texto.

Em consonância com as perspectivas monológicas, Meijsing (1980) defende que, para ser um leitor competente, é necessário conhecimento vasto, não apenas

lingüístico mas também conhecimento de mundo. Ela menciona, ainda, que, para ler um texto, é preciso realizar conexões entre os conhecimentos, seja sintáticas, seja até mesmo conexões mais elaboradas, como as semânticas e pragmáticas. Sendo assim, a compreensão se dá não apenas pela relação entre o conteúdo textual e o conhecimento de mundo mas também pelos aspectos formais do texto, como o conhecimento da estruturação de uma história.

Meijsing (1980) menciona, ainda, que existem níveis diferentes de conhecimento utilizados durante a compreensão de um texto: conhecimento de *script*, em que o leitor conhece o significado de uma palavra e faz uma rede de relações esquemáticas. Essas relações são realizadas automaticamente, não é necessária uma explicitação consciente; outro nível relaciona-se ao planejamento – o leitor pode indicar um delineamento geral do texto, fazendo um planejamento consciente do que nele irá encontrar. O leitor pensa acerca da história que está lendo e formula hipóteses sobre o texto – suas expectativas. Destaca-se, aqui, pelas contribuições ao presente estudo, que a elaboração de expectativas mencionada por Meijsing (1980) é um processo inferencial essencial à compreensão textual, em que os leitores antecipam a continuidade do texto, assemelhando-se às chamadas inferências de predição, elaboradas conscientemente, que serão discutidas, com mais detalhes, posteriormente.

Ressalta-se aqui a importância que os estudos de base cognitiva trazem para a investigação da compreensão textual, pois há vários avanços no entendimento dos processos psicológicos de monitoramento, inferenciação, concentrados, com propriedade, no papel desempenhado pela memória no processo de compreensão.

Na presente investigação, o conhecimento de mundo não se refere às informações estocadas na memória dos leitores e acessadas por esquemas internos (representação mental), mas se configura pelas situações de comunicação específicas dos leitores. Nas esferas da atividade humana, os leitores se deparam com textos elaborados pelos autores para um determinado fim. O diálogo travado pelo leitor com as vozes dialógicas, seja do próprio autor, dos gêneros do discurso, ou das experiências pessoais e crenças é, sobremaneira, a concepção de conhecimento de mundo desta pesquisa. Então, o conhecimento de mundo é dialogicamente constituído em situações contextuais específicas pelas vozes dialógicas que se polemizam na compreensão ativa. Entende-se que o conhecimento de mundo do leitor favorece o movimento dialético-dialógico, permitindo que haja a negociação caracterizada pela natureza dual e polêmica da argumentatividade inerente ao processo inferencial.

Enfatiza-se, no presente estudo, que o conhecimento de mundo é um fator estabelecedor da compreensão textual, permitindo que as inferências sejam geradas. São, portanto, fatores externos ao conteúdo textual que favorecem, sobremaneira, a elaboração de inferências.

Contudo, não se pode negar o papel do conteúdo textual, que é o primeiro desencadeador da inferência, ao se integrar ao conhecimento de mundo do leitor. Mais especificamente, assume-se uma posição dialógica também da língua, que se configura nas enunciações concretas e vivas, a depender das esferas sociais e dos valores ideológicos. Sendo assim, o conteúdo textual é constituído historicamente, tornando-se único. Ao entrar em uma esfera social específica, o conteúdo de um texto permite que o leitor, no movimento dialético-dialógico,

estabeleça, com o conhecimento de mundo, uma relação de imbricamento única, propiciando a significação contínua do texto. Sendo assim, o conteúdo textual é importante como primeiro desencadeador das inferências, por permitir que o leitor elabore suas hipóteses sobre a continuidade do texto e possa, sobretudo, pelas suas apreciações, atestar se suas hipóteses foram confirmadas ou refutadas.

Na literatura, o processo inferencial é, muitas vezes, estudado como representação mental, e há um consenso de que a inferência é crucial à compreensão textual. Nesses estudos, há preocupação em entender as inferências a partir da compreensão dos processos psicológicos envolvidos na sua geração: consideram-se como leitores maduros aqueles que são capazes de gerar inferências. Até onde se conhece, há escassez de estudos que abordem a inferência na compreensão de texto do ponto de vista processual. A proposta aqui é, portanto, entender a natureza desse processo psicológico de alta complexidade, sugerindo-se que algumas inferências específicas têm natureza argumentativa.

Assim, nos estudos de base cognitiva, os aspectos discursivos não são considerados como aspectos centrais para a compreensão textual enquanto atividade especificamente humana. Compreender textos, no presente estudo, é uma atividade enunciativa, constituída por emaranhado de vozes sociais, que surgem, no momento da leitura, pela integração do conhecimento textual com o conhecimento prévio do leitor. A compreensão se define como atividade discursiva (oral ou escrita) necessária à constituição do ser social. E mais: compreender é inferir, estando em jogo atividades de negociação do leitor com as diferentes possibilidades de dar significação ao texto que emergem da

multiplicidade de vozes sociais. Toma-se, aqui, um ponto de distanciamento da longa tradição dos estudos cognitivistas que procuram acessar, via linguagem, a representação mental (individual) dos leitores.

1.4 – O PROCESSO INFERENCIAL DENTRO DAS PERSPECTIVAS MONOLÓGICAS

Como a maior parte dos estudos presentes nas literaturas lingüística e cognitiva está dentro das perspectivas monológicas, será realizada aqui uma discussão pontual sobre os aspectos importantes acerca da geração de inferência apresentados por essas perspectivas. No decorrer da discussão proposta neste tópico, pode-se observar que essas perspectivas focalizam os aspectos de intencionalidade e acordos entre autor-leitor.

Existe quase um consenso entre os autores que estudam a compreensão textual: a inferência é um processo complexo que exige do leitor atividades de reflexão e integração das informações textuais com seus conhecimentos prévios (Marcuschi, 1985, 1989; Koch, 2003; Thorndyke, 1976). Dessa maneira, eles propõem que, para compreender um texto, o leitor não apenas extrai suas informações literais ou utiliza habilidades mnemônicas, mas também necessita estabelecer relações entre o próprio material lingüístico e o seu conhecimento prévio. Sendo assim, a geração de inferências é um processo complexo em que estão envolvidos aspectos discursivos e cognitivos.

Nesse sentido, Graesser, Wiemer-Hastings e Wiemer-Hastings (2001) discutem que as ciências cognitiva e lingüística concordam em relação à idéia de que na compreensão há sempre a geração de inferências pelos indivíduos, enfatizando que ela ocorre não apenas na leitura de um texto mas também em outras situações, como assistir um filme e observar a vida real. Para eles, as inferências elaboradas na leitura de texto são diferentes das elaboradas em outras arenas, como no filme. Esses autores mencionam que as inferências na leitura são geradas pela construção de uma representação de significados dos leitores, que buscam sempre a coerência.

Esses autores apontam à especificidade das inferências geradas na leitura de um texto, a qual se diferencia de outras atividades discursivas – idéia premente para a construção de uma concepção dialógica da compreensão textual. Em outras palavras, defende-se a particularidade da situação discursiva, demonstrando que o meio em que permeia o discurso faz com que ele se torne específico.

A inferência, enquanto processo cognitivo-discursivo, é uma atividade essencial à compreensão de texto. Não é possível imaginar um leitor que compreenda um texto, se gerar inferências durante esse processo. As inferências variam de indivíduo para indivíduo, pois, diante de um mesmo texto, leitores diferentes podem ter compreensões diversas, utilizando conhecimentos distintos, textuais ou extratextuais.

Dentro de uma perspectiva monologizante, Vidal-Abarca e Rico (2003) propõem que existem vários tipos de inferências, algumas mais relacionadas ao conteúdo textual e outras mais próximas do conhecimento extratextual. As inferências de conexão textual são aquelas em que ocorre a integração entre as idéias do texto

que são próximas entre si, mantendo a progressão temática ou continuidade argumentativa entre os diferentes ciclos de processamento textual. Já as inferências de base extratextuais são aqueles em que existe a relação entre idéias relativamente distantes, são mais dependentes da ativação do conhecimento prévio e de representação mental mais global da situação descrita no texto.

A busca pela realização de inferências que sejam autorizadas – as relacionadas com o conhecimento extratextual – é uma das atividades desenvolvidas pelo leitor. No entanto, nem sempre isso ocorre, pois o leitor pode realizar inferências não-autorizadas, inclusive gerar incompreensões textuais. As inferências não-autorizadas acontecem, principalmente, quando a compreensão textual do leitor se distancia enormemente do texto, o que desencadeia inferências relacionadas às suas experiências pessoais e suas crenças, quebrando o acordo entre autor e leitor.

Esse acordo entre autor e leitor é descrito por Kleiman (2002) como acordo de responsabilidade mútua, essencial à compreensão textual. Compartilhando das perspectivas monológicas, ela propõe que o autor do texto, detentor da palavra, tem a responsabilidade de ser informativo, claro e relevante, de deixar pistas que possibilitem a reconstrução do caminho pelo leitor. Essas marcas formais exprimem a presença do autor. Já o leitor deve dar credibilidade ao autor, ao demonstrar que acredita que existe algo relevante no texto, elaborando suas expectativas acerca do texto e do autor.

Para Kleiman, a leitura é um ato social entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente

determinados. Portanto, o autor se propõe fazer algo, e, quando as suas intenções estão materialmente presentes no texto, o leitor se dispõe a escutá-lo, momentaneamente, e depois, aceitar, julgar, rejeitar. Na narrativa, por exemplo, o autor pede a palavra por um tempo extenso, comprometendo-se a apresentar um texto interessante ao leitor.

A referida autora, focalizando no leitor (individual), destaca que é o conhecimento de mundo do leitor que proporciona a elaboração de objetivos e expectativas sobre o texto, que são únicos, daí o caráter individual. A construção de sentidos pelo leitor é caracterizada pelo estabelecimento de objetivos e expectativas de leitura, essenciais na formulação de hipóteses (Kleiman, 2002). A partir da elaboração de hipóteses, a leitura passará a ter caráter de verificação das mesmas, para confirmação ou refutação e revisão, que é sendo uma atividade consciente, autocontrolada pelo leitor. A autora em questão adota uma visão monologizante, ao sugerir que a leitura é uma atividade individual cuja execução dependente unicamente da atividade mental do leitor, e não da sua unicidade. Mesmo assumindo que o leitor estabelece ato comunicativo com o autor do texto, ela enfatiza os fatores internos, como expectativas, intencionalidade e controle interno do leitor. As idéias de Kleiman (2002) possibilitam, assim, a reflexão acerca de uma concepção diferente de leitura, leitor, autor e compreensão de texto, enquanto se pensa, aqui, no leitor como sujeito único, que constitui sentidos específicos durante a situação de leitura. Além disso, a referida autora considera que o leitor formula hipótese e reflete ativamente durante o processo de compreensão textual, e não apenas realiza atividades de decodificação, idéia cara ao presente estudo.

Em consonância com Kleiman (2002), Thorndyke (1976) defende que a maior função da inferência na compreensão do discurso é propiciar *frame* ou contexto integrador, o que contribui no estabelecimento da coerência e da continuidade do texto. Ele menciona que o desencadeamento de inferências depende da integração de ampla variedade de informações armazenadas, inclusive o conhecimento de mundo, pragmático, de causalidade e acordos leitor-autor. O leitor, ao integrar as informações, compreende o discurso dentro de uma situação ou contexto único. Sendo assim, a compreensão está na dependência do estabelecimento de uma rede de inferências: o leitor tem que estabelecer uma rede de inferências e buscar informações em *frames* (estruturas) anteriores. Cria-se uma ponte entre a sentença lida e inferências passadas.

Conferindo um papel importante à representação mental do leitor, dentro de uma concepção de linguagem como representação do pensamento, o referido autor enfatiza aspectos importantes na geração de inferências, mencionando que elas são elaboradas de duas formas: por sentenças isoladas e por meio de uma rede (emaranhado) de inferências. Na compreensão de sentenças isoladas, o leitor desencadeia inferências plausíveis, ou seja, expectativas para continuação do texto (pela elaboração de hipóteses). Já na compreensão que está na dependência do estabelecimento de uma rede de inferências, o leitor tem que estabelecer uma “ponte” entre a sentença que está sendo lida e as inferências passadas (lidas anteriormente), considerando-se que a sentença não pode ser compreendida sem o estabelecimento de nenhuma ponte com outras sentenças, ou seja, ela não pode ser compreendida isoladamente.

Collins, Brown e Larkin (1980), centrando sua discussão também no leitor (perspectiva monologizante), apontam que, durante a compreensão textual, o leitor cria modelos complexos, denominados de modelos-base. Nestes, o leitor maduro utiliza estratégias de revisão e avaliação de diferentes hipóteses criadas durante a situação de leitura, convergindo para determinado modelo que favorece uma das hipóteses. Os referidos modelos dependem da realização de inferência, que, conforme expõem os autores, é uma reflexão sobre como preencher lacunas durante a situação de leitura que levam à compreensão, recorrendo, assim, a conexões entre fragmentos da estrutura superficial do texto e do conhecimento de mundo. Para o surgimento de um modelo, as palavras do próprio conteúdo textual desencadeiam um número potencial de inferências (levantamento de hipóteses). Como exemplo, os autores citam a palavra “janela”, que pode desencadear diversas significações, como “casa”, “teatro”, “escola”, entre outras. Conforme visto, a escolha de uma dessas noções vai depender do conhecimento de mundo do leitor: uma pessoa fascinada por teatro pode eleger como prioritária a noção de que a palavra “janela” do texto refere-se a “janela de um teatro”.

Já Marcuschi (1989) concebe a própria leitura (compreensão textual) como negociação de sentido, considerando que a atividade geradora de contextos propícios à compreensão é o processo inferencial. Nesse cenário, a contribuição essencial das inferências para compreensão de textos é de funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações futuras e estabelecimento de continuidade do próprio texto, favorecendo a coerência. Desse modo, considera-se que o processo inferencial é nova informação semântica gerada a partir de informações textuais e da situação contextual. Como se percebe, o referido autor, em consonância com a lingüística textual, enfatiza o estabelecimento da

coerência como preocupação prioritária do processo inferencial, ou seja, ao realizar a leitura, o leitor está sempre procurando a coerência na sua compreensão textual.

Em conformidade, Koch (2003) propõe que a compreensão é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer também a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. A coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto e passa a dizer respeito ao modo de os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo na interlocução, constituírem uma configuração veiculadora de sentidos.

Portanto, o leitor tem participação ativa na atividade de leitura, utilizando o seu *background* de conhecimento de forma prospectiva na elaboração de hipóteses e construção da compreensão de texto, segundo sugere Brandão (2001). Para a autora, o sucesso na compreensão textual dependerá da realização de inferências, construídas a partir do conhecimento prévio do leitor.

Compartilhando dessa premissa, Kleiman (2002) defende que existem diversos níveis de conhecimento prévios envolvidos na compreensão textual: (a) o conhecimento lingüístico, implícito na maioria das vezes, refere-se desde conhecimento sobre pronúncia, vocabulário, regras até o conhecimento sobre o uso da língua; (b) o conhecimento textual, caracterizado por noções e conceitos do texto – assim, são importantes para compreensão tanto o conhecimento textual do leitor (exposição a tipos de texto) quanto a familiaridade com os

assuntos abordados –; (c) o conhecimento de mundo é adquirido informalmente por meio de experiências e convívio na sociedade.

Em contrapartida, o presente estudo não considera que a geração de inferência dependa unicamente da representação mental (interna) do leitor, que busca o conhecimento estocado na memória (conhecimento de mundo). Concebe-se, aqui, a inferência como processo essencialmente dialógico, no sentido bakhtiniano do termo, o qual exige a apreciação do leitor, que precisa realizar negociações com as diversas possibilidades de significações para o texto. É necessário que o leitor utilize diferentes estratégias inferenciais, procurando integrar informações de diversas ordens, como textuais, lingüísticas, sociocognitivas, históricas, experiências pessoais, conhecimento prévio, conhecimento de mundo e crenças. Durante a dinâmica da leitura, o leitor cria expectativas e formula hipóteses sobre o texto, a serem confirmadas ou refutadas. Essa formulação de hipóteses, enquanto processo inferencial, é realizada de forma avaliativa, pois há sempre sentidos alternativos, exigindo do leitor a seleção de uma dentre várias alternativas. Na maioria das vezes, as hipóteses confirmadas ou refutadas são possibilidades de continuação do texto, e não divagações dos leitores que levam à incompreensão.

Diante disso, as inferências como processos cognitivo-discursivos que permitem a elaboração de hipóteses alternativas sobre a continuidade textual, selecionadas pelos leitores por intermédio de suas apreciações, parecem ter natureza distinta (a hipótese, aqui, que elas são permeadas de argumentatividade). Parecem existir, então, inferências de diferentes complexidades, ou seja, algumas mais automáticas (inconscientes) e outras elaborativas (conscientes). Alguns autores,

como Kleiman (2002; 2004), se preocuparam com a diferenciação entre inferências inconsciente e consciente. É relevante levantar a discussão em torno dessa diferença, porquanto o presente estudo se propõe esclarecer o processo de inferência de predição.

Kleiman (2002; 2004) se debruça sobre distinção entre inferências inconscientes e conscientes, ao propor o desenvolvimento de estratégias de leitura no âmbito escolar, sugerindo que essa prática pode contribuir na aprendizagem da leitura. Ela defende que a elaboração de possibilidades de compreensão de um texto é permitida, muitas vezes, pela formulação de estratégias metacognitivas. A autora menciona que a definição dos objetivos de leitura pelo leitor é uma estratégia metacognitiva crucial na formulação de hipóteses, pois a leitura sem objetivos não é propriamente leitura, mas atividade de decodificação, distante da prática de leitura dos adultos. Essas estratégias metacognitivas, como definição dos objetivos de leitura, são atividades conscientes e controladas, permitindo a elaboração de diversas possibilidades de fazer sentido para determinado texto.

Kleiman (2004) menciona que as estratégias metacognitivas permitem ao leitor realizar uma auto-avaliação constante da própria compreensão. Além disso, permitam-lhe determinar o objetivo para sua leitura, ajudando-o a monitorar o texto (saber se compreendeu ou não). A possibilidade de automonitoração do texto permite ao leitor proficiente fazer escolhas, baseando-se nas suas predições do conteúdo lido.

As inferências preditivas são focalizadas no presente estudo e, de acordo com a autora acima, são inferências de natureza consciente ou metacognitiva. Serão discutidas posteriormente, com mais detalhes, as inferências estudadas na

presente investigação. Destaca-se, aqui, apenas a natureza consciente ou metacognitiva dessas inferências, sem pretensão de discussões mais aprofundadas acerca dos fatores metacognitivos³ envolvidos na constituição de processos cognitivodiscursivos.

Nem toda atividade de leitura parece ser desencadeada a partir de atividades conscientes e controladas. Parece haver inferências que são automáticas e necessárias para a manutenção da coerência textual. Essas inferências parecem estar mais relacionadas com elementos textuais, que não necessitam do conhecimento prévio do leitor, mas da ligação de elementos textuais anteriores e posteriores. Um exemplo disso é a recorrência de elemento textual “pescador” em forma de pronome pessoal “ele”. Sendo assim, as inferências de ligação com a utilização de elementos formais do texto são estratégias cognitivas de natureza inconsciente e automática, servem à construção da coerência local do texto, como menciona Kleiman (2002). Para essa autora (2004), tais estratégias de natureza cognitiva inconsciente remetem a conhecimentos implícitos, não verbalizados - a verbalização é quase impossível para a maioria dos leitores.

Diante do exposto, mesmo que o leitor utilize o conteúdo textual e estabeleça integração com os fatores de ordem lingüística, isso ocorre dialogicamente, pois a língua não é concebida de forma estática, mas, sim, a partir de sua natureza dinâmica, constituída de enunciados únicos e jamais repetidos. Assim, não se pretende excluir o conteúdo textual e os aspectos lingüísticos essenciais à constituição da compreensão, mas apenas selecionar inferências de natureza

³ Discutir, aqui, os processos envolvidos na elaboração de inferências de natureza metacognitiva levaria o presente estudo a outro percurso, devido a complexidade conceitual e aplicada dos processos metacognitivos. É, então, interessante estudo futuro que envolva, inclusive, o processo

específica para serem microanaliticamente estudadas. Obviamente, a focalização em inferências específicas não se deu ao acaso, mas por considerá-las cruciais à compreensão textual e, sobretudo, pela natureza inerentemente argumentativa atribuída às inferências de natureza preditiva.

1.4.1 – CLASSIFICAÇÃO DAS INFERÊNCIAS

Não existe um consenso na literatura acerca da classificação das inferências, por isso há diferentes categorizações (Kintsch, 1998; Marcuschi, 1985, 1989, Sd; Graesser, Singer e Trabasso, 1994). Provavelmente, a dificuldade deva-se à complexidade desse processo e à diversidade de inferências passíveis de serem geradas pelos leitores. Não é objetivo do presente estudo eleger uma classificação de inferências nem é necessário realizar descrição exaustiva das categorizações, mas apenas expor alguns apontamentos dos autores que contribuam metodologicamente com a presente investigação. Além disso, ao se deparar com essas classificações, percebeu-se que nenhuma se adequava à proposta da presente investigação, daí considerar-se irrelevante situar as inferências dentro de uma dessas categorizações.

Dentro das perspectivas de natureza cognitivista, uma importante indicação de Kintsch (1998) sobre a classificação das inferências refere-se à consideração de inferências automáticas (inconscientes) e controladas (conscientes e estratégicas). Esse autor menciona que as inferências automáticas podem ser geradas pela recuperação (ativação) de informações da memória ou pelos

de monitoramento. Para realizar uma reflexão conceitual acerca do metacognição, sugere-se a leitura de Brown (1987).

conhecimentos gerados durante a própria leitura. Já as inferências conscientes (controladas) são geradas pela busca consciente na memória ou pela geração de inferências lógicas, que são, para o referido autor, as verdadeiras inferências, pois exigem um raciocínio dedutivo.

O autor acima considera que existem inferências automáticas (inconscientes) e controladas (conscientes) durante a situação de leitura, o que se aproxima do presente estudo, que se propõe investigar o processo de inferenciação de natureza argumentativa gerado conscientemente. Contudo ressalta-se novamente que a concepção de inferência da presente investigação se diferencia da proposta por Kintsch (1998), grande inspirador dos estudos de base cognitiva acerca da compreensão textual. Constatou-se, na sua divisão das inferências, que as conscientes podem ser geradas pelo acesso consciente do leitor às informações estocadas na memória.

Apoiada no modelo de Construção-Integração, de Kintsch, principalmente nas concepções referentes ao Modelo Situacional, surgiu a classificação de Graesser, Singer e Trabasso (1994). Na geração de inferências, o leitor constrói o modelo situacional, que é constituído de representações mentais acerca de pessoas, eventos, espaço, *settings*, ações, relações causais e temporais desencadeadas pelos processos inferenciais. Para os referidos autores, as inferências são geradas durante o processo de compreensão de textos e constituem-se de treze (13) classes, as quais não serão apresentadas aqui. Enfatiza-se, apenas, o reconhecimento dos autores da importância tanto do conhecimento intratextual quanto do extratextual na geração de inferências, das quais duas são elaboradas apenas com o conhecimento intratextual, enquanto as demais necessitam da

integração com o conhecimento textual. Eles mencionam que não há pretensão de esgotar a classificação, pois seria impossível categorizar todas realizadas pelos leitores.

Já Marcuschi (sd) realizou uma reformulação de sua categorização anterior (Marcuschi, 1989): ampliou a classificação das estratégias inferenciais, que possibilita diferenciá-las em: (i) inferências de base textual (lógicas, sintáticas e semânticas); (ii) inferências de base contextual (pragmáticas, práticas e cognitivas); e (iii) as inferências sem base textual (falseamentos e extrapolações).

Sanford e Garrod (1981) mencionam que existe diversidade nas inferências geradas pelos leitores: (a) as inferências lexicais, as geradas para resolver problemas de ambigüidade lexical; (b) inferências de espaço e tempo, geradas principalmente na leitura de textos saturados de seqüências narrativas, que necessitam de ancoragem em eventos com espaço e tempo definidos; (c) inferências extrapolativas, geradas a partir da extrapolação dos leitores – vão além do conteúdo textual –; (d) as inferências avaliativas, que dependem da situação contextual específica.

Eles consideram, ainda, que várias inferências podem ser geradas concomitantemente, ou seja, podem existir, ao mesmo tempo, inferência lexical e uma inferência extrapolativa. Sendo assim, o leitor, ao utilizar seu conhecimento de mundo e o modificar à luz do conteúdo textual, constrói um modelo situacional complexo.

Existe grande variedade na classificação de inferências presente na literatura. Contudo, ressalta-se que realizar uma categorização dos processos inferenciais é uma tarefa de difícil acesso.

1.4.2 – INFERÊNCIAS DE PREDIÇÃO

As inferências de predição, definidas com propriedade na literatura, são consideradas inerentes ao processo de compreensão textual, ou seja, ao compreender o texto, o leitor realiza, obrigatoriamente, predições acerca da continuidade do texto. Para Solé (1998), a leitura é um processo constante de emissão e verificação de hipóteses, o qual leva o leitor à construção da compreensão textual, e o leitor maduro realiza predições no decorrer da leitura. Ela destaca que a previsão consiste em estabelecer hipóteses ajustadas e razoáveis sobre o que será encontrado no texto, integrando-se à compreensão que está sendo construída sobre o que já se leu e sobre a bagagem de conhecimentos e experiências do leitor. Esse processo permite que o leitor encontre evidências que ajudem na compreensão ou rejeite suas previsões. A referida autora defende, ainda, que, se as inferências preditivas não se realizarem, a leitura poderá ser ineficaz, pois não haverá compreensão textual. Para realizá-las, é preciso o leitor integrar as informações proporcionadas pelo texto no conhecimento sobre leitura, textos e do mundo em geral.

Nesse sentido, Brandão (2001) destaca que, desde o início da situação de leitura, o leitor formula hipóteses que podem ser confirmadas ou não à medida que se avança, pois há participação ativa do leitor, que utiliza seu conhecimento de mundo de forma prospectiva, para compreender o texto e elaborar hipóteses sobre a sua continuidade.

Contudo ressalta-se que poucos estudos realizados acerca das inferências preditivas procuram acessar os processos envolvidos na elaboração dessas inferências (Feldman, Bruner, Renderer e Spitzer, 1990; Feldman e Kalmar, 2000,

Mahon, 2000; Mahon e Spinillo, submetido). Alguns autores também as mencionam como estratégias interessantes para treinamento da leitura no âmbito educacional (Yuill e Oakhill, 1991; Solé, 1998, 2003; Kleiman, 2004).

Feldman, Bruner, Renderer e Spitzer (1990) procederam a um estudo de compreensão de texto em que os doze adultos participantes da pesquisa realizaram a leitura de duas histórias em duas versões denominadas pelos autores de “versão consciente” e “versão inconsciente”. Após a leitura, os participantes foram solicitados a reconstruir os textos e a responder a perguntas, com o objetivo de analisar as diferenças de compreensão das narrativas apresentadas nas duas versões. A primeira história, versão original, considerada versão consciente (psicológica), trazia elementos textuais carregados de sentimentos, impressões e perspectivas dos personagens, rica em verbos que sugerem estados mentais, como pensar, supor, sentir. Já a segunda versão, versão inconsciente (de ação), aparecia saturada de ações e eventos apresentados numa organização de causa-efeito, sem informações sobre o estado psicológico dos personagens.

Os participantes leram individualmente as duas histórias em ambas as versões, e houve interrupção da leitura em quatro momentos preestabelecidos, para que respondessem a perguntas de diferentes naturezas. Sendo assim, havia perguntas que suscitavam a elaboração de predição, como: “Quais são as direções que a história pode tomar?” e “Que caminho esta história vai tomar?”.

Na análise das respostas dos participantes, os autores constataram que, em ambas as versões, os sujeitos são reflexivos ao responder as perguntas. Todavia, na versão consciente, os participantes são mais reflexivos, tendendo a serem

suas respostas psicológicas, dinâmicas e temporais acerca da narrativa, enquanto, na versão inconsciente, as respostas são estáticas.

Nas perguntas de predição, no geral, os autores verificaram certa resistência dos participantes em responder adequadamente, em ambas as versões. Isso demonstrou que mesmo adultos têm dificuldades em realizar predições pela complexidade do processo inferencial. Especificamente na pergunta de predição 1, “Quais são as direções que a história pode tomar?”, os participantes geraram menos predições na versão inconsciente quando comparada à versão consciente, mas, mesmo assim, foi observado um desconforto dos participantes em realizarem tais inferências.

Já na pergunta 2, “Que caminho esta história vai tomar?”, existia a possibilidade de realizar predição particular acerca das ações da trama, o que seria um facilitador no desencadeamento da inferência. Contudo os autores constataram que os participantes também demonstraram desconforto na elaboração das predições, ao elaborar respostas evasivas na tentativa de fugir das predições; constatou-se, assim, que não há diferença entre as duas versões do texto apresentadas no referido estudo.

Mahon (2002), ao realizar um estudo que buscava investigar as bases geradoras de três tipos de inferências, dentre elas as de natureza preditiva (intratextuais ou extratextuais), constatou que as crianças são capazes de estabelecer inferências coerentes, mas há um efeito da idade: as crianças mais velhas (de 9 anos de idade) realizam mais inferências coerentes com o texto quando comparadas às crianças mais novas (7 anos de idade). A referida autora, ao destacar a natureza da inferência de predição, menciona que esta possui características particulares, pois, além de demandar a integração de partes do texto com as informações

extratextuais, exige a formulação de hipóteses sobre a continuidade do texto, fazendo com que as crianças investigadas prefiram não responder a fornecer quaisquer respostas às perguntas (perguntas improváveis). São, então, inferências que exigem um alto nível de elaboração das crianças. Entretanto, a autora não se propôs investigar o processo que possibilita a geração de tais inferências (preditivas), como é o objetivo deste estudo.

Para Kleiman (2004), fazer predições constitui um procedimento eficaz de abordagem do texto, desde os primeiros momentos de formação do leitor até estágios mais avançados, as quais permitem construir a autoconfiança do aluno em suas estratégias para resolver problemas de leitura. Ela defende que o uso da predição, no âmbito educacional, permite que as crianças se engajem na leitura, pois a atividade adquire características lúdicas. Além disso, leva as crianças a se depararem com hipóteses divergentes e a construir argumentações sólidas em defesa da sua idéia, promovendo condições para uma discussão polêmica.

No presente estudo será investigado o processo de geração de inferências de predição, assumindo-se que: (a) as inferências de predição são inerentes ao processo de compreensão textual; (b) permitem a elaboração de hipóteses, com confirmação ou refutação destas; (c) possuem natureza cognitivo-discursiva complexa. Essas inferências preditivas parecem fazer com que os leitores precisem realizar negociação, pois várias hipóteses geradas obrigam o leitor a escolher uma delas como ponto de vista a ser defendido. A natureza argumentativa parece ser inerente às inferências preditivas, que, além de suscitarem a negociação, os pontos de vista gerados pelos leitores podem ser

confirmados ou refutados, permitindo que eles elaborem suas justificativas e mantenham o ciclo dialético-dialógico.

1.5 - A DINÂMICA DO DISCURSO ARGUMENTATIVO

A natureza eminentemente polêmica da argumentação fez com que muitas ciências se interessassem por ela como objeto de estudo, como discutem van Eemeren, Grootendorst e Henkemans (1996). Em princípio, os antigos filósofos gregos utilizavam a estrutura argumentativa dos silogismos da lógica formal formados por premissas e conclusões, como forma de convencimento de uma audiência específica, o que motivou mudanças na visão de mundo vigente na época. Nesse cenário, surgiu a Teoria Lógica, de Aristóteles, fundada na Analítica (prévia e posterior), chamada também de Dialética (teoria ou arte de debater), além da teoria da boa oratória (Retórica).

A lógica formal se ocupava dos aspectos estruturais do discurso argumentativo, sem se preocupar com as condições de produção desse discurso, como faz a pragma-dialética (van Eemeren e Grootendorst, 1992). A pragma-dialética se propõe considerar os aspectos interacionais envolvidos no discurso argumentativo, a fim de alcançar o “bom argumento”.

A teoria pragma-dialética, de van Eemeren, Grootendorst e Henkemans (1996), propõe-se investigar a dinâmica do discurso argumentativo inserido no discurso cotidiano. A argumentação, para a pragma-dialética, é uma atividade verbal conduzida pela linguagem cotidiana em que o falante ou escritor usa certos

enunciados para afirmar, questionar ou recusar algo em resposta a uma declaração, questão ou refutação. Possui, ainda, uma natureza social, que se caracteriza pela direção do discurso ao “outro”, no qual são contempladas pelo interlocutor tanto as posições a favor de seu ponto de vista quanto as posições contrárias.

Mais especificamente, a abordagem pragma-dialética (van Eemmen e Grootendorst, 1992) investiga a defesa de pontos de vista pelos interlocutores e os consensos estabelecidos nesse processo interacional. O discurso argumentativo apresenta-se repleto de enunciados (escritos ou falados), elaborados pelos interlocutores em defesa de um ponto de vista. Portanto, o discurso argumentativo consiste em uma discussão com interlocutores reais ou imaginários, na qual o objetivo principal do interlocutor é reagir pró ou contra pontos de vista.

A pragma-dialética concebe o discurso como um processo dinâmico, constituído interativamente no cotidiano dos interlocutores. Essa idéia, também assumida na presente investigação, sofre influências da concepção de Leitão (1999, 2000, 2003). Para a referida autora, a consideração de que o discurso argumentativo é verbal e que possui natureza essencialmente social é idéia constituída com propriedade pela pragma-dialética. Contudo não se pode deixar de destacar que a pragma-dialética pertence a uma perspectiva monológica, por considerar que as ações que levam ao bom argumento dependem da ação dos sujeitos, ou seja, são atos de fala complexos. A pragma-dialética propõe-se, então, construir um modelo que configura o bom argumento, estabelecendo que pode ser acessado (modelo subjetivista) pelo argumentador, o que a distancia da proposta de Leitão.

Leitão (2000) concebe o discurso argumentativo como essencialmente dialógico, ocupando-se, principalmente, das dimensões presentes na dinâmica do discurso argumentativo que favorecem a constituição de processos psicológicos complexos e a construção de conhecimento. Ela ressalta, assim, a dimensão epistêmica do discurso argumentativo, que vai além da proposta da pragmática dialética, propondo capturar os processos de mudança de perspectiva no curso da argumentação. Assim, a referida autora propõe que o discurso argumentativo favorece (apesar de não garantir) a construção de mudança de perspectiva dos interlocutores (pontos de vista) e, conseqüentemente, a possível construção de conhecimento.

A argumentação é uma atividade de natureza discursiva que se realiza pela justificação de pontos de vistas e consideração de objeções a que estão sujeitos (contra-argumentos), com o objetivo último de tornar as posições defendidas aceitáveis àqueles a quem a argumentação se dirige (LEITÃO, 2003, 1999). Para a referida autora, a justificação de pontos de vista e a consideração de idéias alternativas, tomadas em conjunto criam, no discurso um espaço de negociação no qual perspectivas a respeito do mundo (físico ou social) são continuamente formuladas, revistas e transformadas. Portanto, o processo de negociação de perspectivas é crucial à argumentação, pois permite construção, avaliação e reconstrução de sentidos, conseqüentemente a construção de conhecimento.

Compartilhando da visão sociocultural da argumentação, Miller (1987), ao criticar com propriedade o individualismo genético, sugere a criação de uma perspectiva argumentativa chamada de “interacionismo genético”, indicando a natureza de cooperação sociocultural presente na argumentação. Para ele, a argumentação

coletiva é o ponto central da sua proposta, pois os indivíduos estão envolvidos em constante interação social e ação comunicativa, que conduzem a soluções coletivas para os problemas individuais, favorecendo o processo de aprendizagem coletiva. Em concordância com Miller, Leitão (2000), como já mencionado anteriormente, também considera esse caráter sociocultural da argumentação, que favorece a emergência de novo – construção de conhecimento.

Além da dimensão epistêmica, caracterizada como espaço de negociação da argumentação que favorece a emergência e transformação das perspectivas, possibilitando a construção de conhecimento em domínios de conhecimento de natureza específica, Leitão (2000) propõe que a argumentação é constituída por mais quatro dimensões: verbal, dialógica, dialética e situada.

A dimensão verbal, como processo, se refere ao fato de a argumentação se materializar no discurso, constituindo-se linguisticamente.

A dimensão dialógica inerente à argumentação é representada pela pluralidade de perspectivas (múltiplas vozes) e pela natureza responsiva (axiológica) da argumentação. Para tal, ela remete a todas as situações dialógicas (no sentido bakhtiniano do termo), daí está presente não somente em situações de interação face a face mas também em situações de “monólogo” (como na leitura). Assim, mesmo as situações individuais possuem natureza essencialmente dialógica.

A dimensão dialética inerente, sobretudo, à argumentação, caracteriza-se pela presença do oponente (outro), o que confere ao contra-argumento um papel crucial. Para Leitão (1999), os contra-argumentos exercem um papel importante na emergência do “novo”, pois são um mecanismo desenvolvimental que libera

processos de mudanças, movendo-se da velha (já existente) para a nova perspectiva. O contra-argumento permite que as pessoas revejam seus próprios pontos de vista (operação metacognitiva), podendo, inclusive, ser útil na defesa do ponto de vista inicial.

A dimensão situada é inerente à idéia de discurso enquanto ato comunicativo, o qual está sujeito, portanto, a limites, regras e normas de negociação e mútua regulação em contextos específicos. A argumentação é sensível ao contexto e às suas condições de produção – condições que a moldam. Por isso se torna impossível entender as situações discursivas fora do contexto de produção.

Com o objetivo de analisar os processos de revisão de opiniões durante a argumentação, Leitão (2000) propôs uma unidade de análise triádica, composta de argumento, contra-argumento e resposta. O argumento é formado por ponto de vista e justificativa para o ponto de vista. O segundo elemento, contra-argumento, consiste em qualquer idéia produzida pelo próprio falante ou por um oponente com a qual se desafia o ponto de vista. E o terceiro elemento é a resposta ou reação ao contra-argumento, o qual permite que se acompanhe a transformação na perspectiva dos indivíduos.

Para Leitão (2003), a justificativa de pontos de vista e a consideração de idéias opostas e alternativas criam, no discurso, um espaço de negociação, permitindo a formulação, revisão e transformação de perspectivas. Ela confere ao contra-argumento um papel crucial na construção de conhecimento, visto que é por meio do contra-argumento que o interlocutor “põe em xeque” seu ponto de vista – existe aí a negociação de perspectivas, que favorece o processo de revisão de uma perspectiva velha para uma nova perspectiva do tópico.

A resposta ao contra-argumento é crucial para a argumentação pessoal, porque reflete na consideração de idéias favoráveis ou desfavoráveis sobre dado assunto. Segundo Leitão (2000) a resposta ao contra-argumento pode configurar-se de quatro formas, com ou sem ajuste na perspectiva assumida inicialmente pelo interlocutor (ponto de vista), que permite capturar as transformações. Na primeira forma, ocorre a destituição do contra-argumento, com preservação do argumento inicial. Na segunda, concordância local, parte do contra-argumento é aceito, mas o argumento inicial do interlocutor não sofre modificação. Nesse caso, o contra-argumento ajuda a fortalecer o argumento inicial do interlocutor. Na resposta integrativa, terceira forma, remete-se à concordância do interlocutor com parte do contra-argumento, havendo integração do conteúdo do contra-argumento que é acrescido à sua posição inicial. Na quarta e última configuração da resposta ao contra-argumento, ocorre a aceitação do contra-argumento, havendo abandono da posição inicial do interlocutor, que assume nova posição.

Portanto, mais do que refletir uma pequena organização geral invariante, a presença de contra-argumentação reflete uma característica dilemática que o pensamento assume quando o interlocutor se depara com a oposição em sua vida diária.

Esse componente de negociação de diferentes perspectivas tem relação com o presente estudo, sobretudo porque o objetivo aqui é investigar o processo de geração de inferências preditivas. A hipótese levantada, aqui, é que existem inferências de natureza argumentativa geradas a partir da negociação das diversas possibilidades de fazer sentido a um determinado texto, emergindo dessas inferências argumentativas, processos avaliativos, elaboração de

hipóteses e revisões, a partir da refutação de idéias anteriores. Trata-se, então, de inferências de natureza complexa que podem ser elaboradas conscientemente e verbalizadas pelos leitores. Sendo assim, essas inferências parecem contribuir para a construção da compreensão de texto, por permitir a apreciação dos leitores, o que constitui a sua dimensão epistêmica, além das dialógica e dialética.

1.6 - ARGUMENTAÇÃO E INFERÊNCIA

Tanto quanto se sabe, poucos estudos se propõem realizar uma relação entre argumentação e inferência, apenas sugerem reflexões de diferentes níveis entre esses dois processos, ambos de natureza cognitiva e discursiva. Marcuschi (1996b), por exemplo, ao discutir a relação entre argumentação e inferência, sugere que a argumentação favorece a compreensão textual. Ele defende, então, que o treinamento da argumentação e o desenvolvimento do raciocínio são essenciais no ensino da compreensão textual, devido à natureza intrinsecamente polêmica da argumentação, que, possivelmente, permitirá que os leitores reflitam sobre o conteúdo textual, possibilitando o trabalho com mais profundidade de todos os processos inferenciais envolvidos na compreensão. Sendo assim, pode-se admitir que a reflexão de Marcuschi (1996b) compartilha com os estudos que consideram a natureza da argumentação propícia para desencadear processos de construção de conhecimento (Leitão, 2000, 2003; Candela, 1998).

Dentro de outra perspectiva, Pinto (2001, 1995) propõe-se discutir a relação entre o argumento e a inferência, tendo como objetivo realizar uma reflexão acerca da

relação entre ambos, considerando, sobretudo, os aspectos pragmáticos envolvidos nesses fenômenos lingüísticos.

Inicialmente, Pinto (2001, 1995) define inferência e argumento, propondo-se discutir a relação entre ambos, com o intuito de refletir acerca do papel do argumento (premissas) no desencadeamento de inferências que levam à constituição da conclusão do argumento (ponto de vista). Para ele, a inferência é definida como ação ou evento mental em que o indivíduo elabora uma conclusão a partir de um conjunto de evidências ou premissas. Já o argumento é caracterizado como um conjunto de proposições (premissas) que um indivíduo oferece ao outro na tentativa de induzi-lo para a aceitação de sua conclusão (instrumento de persuasão).

Ele define, ainda, argumentação como ação social que envolve duas ou mais pessoas, na qual o objetivo principal é persuadir o outro para aceitabilidade de uma opinião. A argumentação é delineada a partir da situação contextual da qual se desenvolve e é caracterizada pelas particularidades de cada ocasião; e ainda, não pode ser analisada fora dos cenários socioculturais, o que destaca a sua filiação à pragmática.

Diante disso, a hipótese central defendida por Pinto (2001, 1995) é que o argumento propiciará o desencadeamento de inferências. Os argumentos são, portanto, convites a inferências, ou melhor, convites a formas de raciocínio, já que a inferência é considerada, para ele, uma espécie de raciocínio. Para ele, o argumento, como instrumento de persuasão, favorece a elaboração de inferências pelo interlocutor, não se trata somente de uma atividade capaz de convencer o outro da aceitabilidade de seu ponto de vista. Mais especificamente, para que

haja argumento, caracterizado pelo seu caráter persuasivo, é necessário o interlocutor elaborar inferências.

Apesar da reflexão acerca do papel do argumento (justificativa) na elaboração da inferência, Pinto (2001, 1995) parece valorizar a inferência em detrimento do argumento, pois este é visto apenas como instrumento lingüístico capaz de favorecer o desencadeamento de inferências.

Focalizando a concepção de argumento, ressalta-se que Pinto (2001, 1995) concebe-o como constituído pelos elementos pró-argumentação e considera que a justificativa é formada pelas proposições em defesa o ponto de vista. Já no presente estudo, corroborando a concepção elaborada por Leitão (2000), argumento constitui-se do ponto de vista e justificativa, enquanto a argumentação refere-se à situação discursiva.

A proposta do presente estudo se distancia das reflexões de Pinto (2001, 1995) tanto em relação às diferenças conceituais quanto ao papel da argumentação na constituição das inferências. Ele trata o argumento, considerado como premissa ou justificativa, como instrumento capaz de desencadear a geração de inferências (conclusão). Já o presente estudo, procurando investigar a constituição argumentativa das inferências de predição, levanta a hipótese de que os movimentos argumentativos não são apenas desencadeadores da inferência, mas também fazem parte do processo inferencial, ou seja, a argumentação, como processo cognitivo-discurso complexo, faz parte, de forma imbricada, da natureza constitucional das inferências de predição.

Em outra direção, Komlósi (1995) sugere que os raciocínios práticos são apoiados por diferentes tipos de processos inferenciais durante a interação verbal, diferentes do raciocínio formal. Ele sugere que o raciocínio prático apoiado por diferentes tipos de processos inferenciais em interação verbal não necessariamente tem práticas argumentativas, porque podem existir processos inferenciais que se proponham apenas estabelecer consensos. Para o referido autor, existem, no discurso natural, tanto consenso quanto situações conflitantes gerados por processos inferenciais com elementos lexicais específicos.

O referido autor se propõe, então, analisar diferentes tipos de inferências requeridas no discurso natural, com a proposta de verificar a adequação dessas inferências na geração de conflitos (inconsistências epistêmicas) e no estabelecimento de consensos. Ele sugere realizar essa análise de consensos e ambigüidades pelas marcas lexicais do discurso, centrando-se, principalmente, nas relações de consequência temporal e causal.

Para Komlósi (1995), a atividade comunicativa *per se* requer do interlocutor a aquisição e o domínio de um conjunto de habilidades e estratégias que podem facilitar a compreensão dos sentidos estabelecidos interpessoalmente, permitindo uma orientação para construí-los (expressar e intencionar). Portanto, essas estratégias são construídas a partir de negociações, para que se possa estabelecer consensos e compreender os implícitos próprios das situações discursivas. Sendo assim, existem construções e reconstruções de enunciados propiciadas pela elaboração de estratégias realizadas pela inferenciação.

Contudo concebe-se que o diálogo não se constitui apenas de consensos, pois os interlocutores estão sempre estabelecendo julgamentos de valores durante as

atividades discursivas, o que permite o diálogo constituir-se de desacordos. Como bem destaca Faraco (2003), a palavra “diálogo” utilizada comumente remete a uma significação de consenso ou “solução de conflitos”, mas, para o círculo de Bakhtin, o diálogo é constituído de uma dinâmica de relações (dialógicas) não apontam não apenas em direção às consonâncias mas sobretudo às multissonâncias e dissonâncias, ou seja, as relações dialógicas são entendidas como espaço de tensão entre enunciados.

As diferenças entre as propostas de Pinto e Komlósi referem-se tanto aos diferentes objetivos dos estudos quanto às naturezas distintas da inferência e do argumento. Reforçando a proposta de Pinto, destaca-se que ele se propõe estudar a elaboração de um argumento (elemento pró) como favorecedor da geração de inferências. Já Komlósi procura investigar os tipos de processos inferenciais gerados no discurso argumentativo, identificando o papel desses processos nessas situações discursivas.

Um estudo atual que tenta relacionar o inferir e o argumentar é o de Santa-Clara e Spinillo (submetido). A proposta das referidas autoras foi identificar alguns pontos de convergência entre o inferir e o argumentar, refletindo sobre possíveis aproximações entre esses processos, a saber: o envolvimento de premissas e conclusões; a natureza situacional; a natureza dialógica; a previsão.

Elas sugerem que tanto o inferir quanto o argumentar requerem a elaboração de premissas e conclusões; propõem-se, no entanto, analisar o inferir na compreensão de texto, e não no âmbito da argumentação. Sendo assim, a proposta de Santa-Clara e Spinillo difere do estudo de Pinto.

Todavia não se considera a reflexão proposta por Santa-Clara e Spinillo (submetido) como uma discussão que tenta expandir a relação estabelecida por Pinto, pois as autoras realizam reflexões distintas da argumentação e da inferência, na medida em que se propõem identificar pontos de contato entre os dois processos tratados de forma separada. Mais especificamente, os processos de inferir e argumentar são abordados por Santa-Clara e Spinillo como processos distintos, não se detecta interdependência entre ambos, inferir e argumentar.

Para Santa-Clara e Spinillo (submetido), inferir e argumentar são processos sensíveis ao contexto. Ao se referirem à argumentação, as autoras destacam a concepção de Leitão (2000), que considera a natureza social da argumentação influenciada pelas suas condições de produção. Na inferência, elas abordam a atividade de leitura, propondo que não se lê um mesmo texto da mesma forma, pois a geração de inferências dependerá dos propósitos do leitor. Elas consideram possível a multiplicidade de significados para um mesmo texto, que é passível de diversas alternativas de compreensão de acordo com aquilo que é inferido pelo leitor em uma dada situação.

A natureza dialógica do argumentar é contemplada pelas autoras ao fazerem referência à natureza heteroglóssica (vozes dialógicas) da argumentação, mencionando as propostas do círculo de Bakhtin. Já no inferir, ao referirem a sua natureza dialógica, as autoras remetem à interação estabelecida entre leitor e autor do texto, a qual funciona como um elo entre esses interlocutores. As autoras parecem considerar ainda as intenções dos interlocutores, por isso propõem que tanto o autor quanto o leitor têm em mente (representação mental) determinados objetivos que pretendem atingir.

Nessa discussão acerca da natureza dialógica do inferir e do argumentar, constata-se o que já vinha sendo discutido pelas autoras sobre as concepções de compreensão e argumentação no decorrer do artigo: elas adotam perspectivas teóricas distintas e de difícil conciliação. Dessa maneira, ao abordar a inferência, elas adotam as perspectivas cognitivas, mencionando a representação mental e a intencionalidade do leitor e do autor do texto. Ao tratar da argumentação, elas seguem a perspectiva dialógica proposta por Leitão e os pressupostos do círculo de Bakhtin.

Ao tratar do inferir na compreensão de texto, as autoras referem-se ao resgate de informações não-explicadas no texto, propondo ser a inferência uma atividade cognitiva responsável pela formação de sentido e representação mental organizada e coerente do texto.

Já, ao caracterizar o argumentar ao longo do artigo, há uma indefinição conceitual, pois elas não esclarecem a concepção de argumentação adotada. Inicialmente, a discussão está mais direcionada à perspectiva monológica, ao mencionar que, na argumentação, o interlocutor precisa construir uma representação apropriada da sua audiência. Contudo, posteriormente, elas destacam que a argumentação é atividade discursiva de cunho social, intelectual e verbal, existindo uma heteroglossia inerente à natureza polêmica (dialética da argumentação).

O caráter preditivo no argumentar é considerado por elas, ao proporem que o emissor precisa fazer previsões a respeito de sua audiência, às vezes com antecipação de contra-argumentos. No inferir, as previsões podem estar relacionadas tanto ao autor do texto quanto ao leitor. No caso do leitor, ao integrar

as informações textuais com seu conhecimento de mundo, ele faz previsões, antecipando fatos e criando expectativas a respeito do que virá a seguir.

Na presente investigação, o processo inferencial estudado será a inferência de predição, mas, diferentemente da proposta de Santa-Clara e Spinillo (submetido), não se pretende discutir os pontos de contato entre a predição no argumentar e a predição no inferir. A proposta do presente estudo é investigar o processo de geração de inferências de predição, com a hipótese de que essas inferências possuem natureza inerentemente argumentativa. Pela apreciação inerente à antecipação de suas hipóteses, intrínseca às inferências de predição, o leitor precisa estabelecer uma negociação; há, assim, movimentos argumentativos, em que pontos de vista (selecionados ou alternativos), justificativas e movimentos opositivos parecem emergir. Há, portanto, uma dimensão axiológica (avaliativa) inerente ao processo inferencial que possibilitará a compreensão do texto. Esse processo não ocorre linearmente, mas de forma introspectiva e prospectiva; faz necessário, então, que o leitor acesse tanto seu conhecimento de mundo quanto as partes do texto já lidas e ainda não lidas. É assim que se dá a geração de inferências de predição, pela integração dinâmica de todos os seus conhecimentos (texto já lido, texto não lido e de mundo), para ser possível realizar antecipação sobre o texto, que será confirmada ou refutada. É um processo inferencial intrinsecamente necessário à compreensão textual o qual favorece a dimensão avaliativa (negociativa), que permite a compreensão do texto lido.

Mais especificamente, pode-se sugerir, a partir da discussão teórica traçada anteriormente, que o leitor, durante o processo inferencial, ao se deparar com múltiplas vozes, necessita negociar com essas vozes presentes no próprio

conteúdo textual, no conhecimento prévio, nas experiências pessoais, crenças, no ponto de vista do autor, entre outros, para que a inferência se estabeleça.

Em suma, inferência é uma atividade discursiva e cognitiva necessária à compreensão textual. Nela, o leitor é capaz de integrar partes do texto (já lido e não lido) com o seu conhecimento de mundo, criando uma rede de idéias, que é construída a partir da negociação entre as diversas possibilidades de fazer sentido ao texto lido. A inferência, que é de difícil resgate na situação de leitura, apresenta-se em tipos diferentes: algumas são inconscientes; outras conscientes. As conscientes, mais especificamente, são as inferências de predição, foco do presente estudo. O que importa, aqui, é que a inferência é construída discursivamente em situação de produção e contexto específico, quando estão em jogo todas as vozes discursivas que permeiam a integração conteúdo textual-conhecimento de mundo. Ela, portanto, não pode ser gerada de forma passiva e abstrata.

SEGUNDO CAPÍTULO

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo do presente estudo é investigar a geração do processo de inferência de predição, sugerindo que este tem natureza essencialmente argumentativa. Para tal, serão descritos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos adotados na investigação dos processos envolvidos na geração dessas inferências, abordando-se a população investigada, a situação de investigação e a unidade de análise deste estudo.

2.1 POPULAÇÃO

Participaram deste estudo 07 (sete) estudantes do sexo feminino, com idades entre 20 e 23 anos, do curso de graduação em Fonoaudiologia de uma universidade particular da cidade do Recife.

2.2. DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO DE LEITURA

As participantes do estudo realizaram a leitura de um texto, de forma individual, sem a intervenção direta da investigadora, que permaneceu na sala somente durante as instruções iniciais da atividade.

O texto foi apresentado às participantes no computador, no programa *power point*, fonte 16, segmentado em 40 partes. Entre os *slides* que continham partes do texto escritas em preto, foram apresentados *slides* com perguntas escritas em azul, totalizando 134 *slides* da atividade de observação da compreensão *on-line*.

Após cada parte de texto, apareciam perguntas, sendo que cada slide continha apenas uma pergunta. As participantes foram solicitadas a realizar a leitura em voz alta, responder a perguntas que iam aparecendo na tela. Todas as situações de leitura foram registradas em áudio e em vídeo. A gravação em áudio e em vídeo foi crucial para que fosse possível realizar a transcrição das situações de leitura (essa foi a etapa inicial da análise). Especificamente, a gravação em vídeo permitiu a observação da tela para constatar o movimento que as participantes realizavam no momento da leitura, consentindo que elas voltassem aos *slides* anteriores, mas não podiam avançar nos slides antes de verbalizar suas inferências.

Foram escolhidas três perguntas que geraram as verbalizações dos leitores. A primeira pergunta, “Qual será a continuação do texto?”, foi capaz de gerar a inferência de predição, que é a inferência consciente investigada neste estudo. As segunda e terceira perguntas contribuíram para explicitação das bases geradoras das inferências de predição.

O critério para segmentação do texto em partes foi estabelecido, respeitando-se as características do texto, que é saturado de seqüências narrativas. Para conceituação das seqüências discursivas da presente investigação, ressalta-se a concepção de “segmento” do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999). Para ele, os textos são constituídos por segmentos regulares, facilmente identificados em razão da sua organização e marcação lingüística específicas. O referido autor destaca que os textos dependem dos recursos morfossintáticos da língua que aparecem em número limitado. No caso da história selecionada para o presente estudo, existem marcações lexicais específicas de gênero discursivo

(história) e organização textual peculiar da história que possibilita ao leitor elaborar hipóteses a partir do conhecimento prévio acerca desse gênero discursivo.

A segmentação do texto foi criada para fins apenas metodológicos, de forma a permitir que a compreensão do texto *on-line* fosse realizada no processo de leitura. Não se teve a pretensão, aqui, de apresentar partes estanques do texto, pois o texto é considerado como enunciado completo, com todos os seus aspectos, como situação contextual, organização, dentre outros.

Tentando-se manter unidades/enunciados privadas de significação, as segmentações foram realizadas nos seguintes momentos: apresentação de uma ação inacabada, suscitando a sua finalização; finalização de uma ação que permitia a avaliação do leitor, por envolver crenças e conhecimento prévios, surgimento de novos personagens e novos cenários. No Quadro 1, abaixo, serão apresentadas as segmentações e os critérios adotados em cada uma.

Quadro 1 – Segmentação do texto e critérios de segmentação.

Segmentação do texto	Critérios de segmentação
PARTE 1: A donzela estava um dia sentada à beira de um riacho,	Apresentação da personagem principal (donzela), do primeiro cenário e introdução da primeira ação da donzela (verdade da donzela).
PARTE 2: deixando a água do riacho passar por entre seus dedos muito brancos quando	Desenvolvimento da primeira ação da donzela (deixando a água do riacho passar por entre seus dedos).
PARTE 3: sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai,	Finalização da primeira ação da donzela (verdade) e início do problema da donzela (medo do castigo do pai) que desencadeará toda trama da história. Já há referência no texto ao segundo personagem (pai da donzela).
PARTE 4: a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e	Início da ação da donzela (primeira mentira); aparecimento do segundo cenário (casa) e referência a outro personagem (primeiro homem).
PARTE 5:	Desenvolvimento da ação da donzela

que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e	(narração da mentira), pedindo a finalização.
PARTE 6: deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida.	Finalização da ação da donzela (primeira mentira).
PARTE 7: O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e	Introdução da ação do pai e dos irmãos da donzela; introdução dos personagens (irmãos da donzela).
PARTE 8: encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram	Finalização da ação do pai e dos irmãos da donzela (mataram); introdução de um novo cenário (bosque).
PARTE 9: mas não encontraram o anel de diamantes. E a donzela disse:	Reação finalizada (não encontraram o anel); introdução da segunda ação da donzela (segunda mentira).
PARTE 10: - Agora me lembro, não era um homem eram dois.	Finalização da segunda mentira da donzela e introdução de outro personagem (outro homem).
PARTE 11: E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem, e	Iniciação da reação do pai e dos irmãos à ação da donzela (segunda mentira).
PARTE 12: o encontraram e o mataram, mas ele não tinha o anel. E a donzela disse:	Finalização da reação do pai e dos irmãos da donzela e introdução da (re)ação da donzela (terceira mentira).
PARTE 13: - então está com o terceiro!	Finalização da terceira mentira da donzela e introdução de outro personagem (terceiro homem).
PARTE 14: Pois se lembrara que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela	Justificação da ação (terceira mentira) da donzela e introdução da reação do pai e dos irmãos a terceira mentira da donzela.
PARTE 15: saíram no encalço do terceiro assaltante e o encontraram no bosque.	Desenvolvimento da re(ação) do pai e dos irmãos da donzela à terceira mentira da donzela.
PARTE 16: Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue, e trouxeram para a aldeia, e	Continuação da reação do pai e dos irmãos da donzela com a introdução de um novo cenário – a aldeia.
PARTE 17: o revistaram, e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela para o espanto dela.	Finalização da (re)ação do pai e dos irmãos da donzela.
PARTE 18: - Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo, e	Iniciação da reação dos aldeões.
PARTE 19: a deixou desfalecida – gritaram os aldeões – Matem-no!	Finalização da reação dos aldeões.
PARTE 20: - Esperem! Gritou o homem, no momento	Início da defesa (ação) do pescador.
PARTE 21: em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. – Eu não roubei o anel.	Finalização da defesa do pescador.
PARTE 22: Foi ela que me deu! E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos.	Início da ação (mentira) do pescador em sua defesa.
PARTE 23: O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pensando,	Desenvolvimento da mentira do pescador (narrado pela voz do autor do texto).

PARTE 24: quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo.	Continuação da trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 25: Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse,	Continuação da trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 26: pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado	Continuação da trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 27: ele resistira, e dissera que a donzela deveria ter paciência,	Continuação da trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 28: pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias.	Continuação da trama do pescador narrada pela voz do autor do texto (introdução da ação da donzela na trama do pescador).
PARTE 29: Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo	Continuação da ação da donzela na trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 30: já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará seu amor. E ele	Continuação da ação da donzela na trama do pescador narrada pela voz do autor do texto.
PARTE 31: sucumbira, pois era pobre, e a necessidade é o algoz da honra.	Finalização da trama do pescador.
PARTE 32: Todos se viraram contra a donzela e gritaram: Rameira! Impura! Diaba! E	Início da reação dos aldeões à mentira do pescador.
PARTE 33: exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela	Finalização da reação dos aldeões e início da reação do pai da donzela à mentira do pescador.
PARTE 34: passou a forca para o seu pescoço. Antes de morrer a donzela	Finalização da reação do pai da donzela e iniciação da reação da donzela à mentira do pescador.
PARTE 35: disse para o pescador:	Início da pergunta da donzela ao pescador.
PARTE 36: - A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e	Fechamento da história (reestabelecimento da verdade). Início do diálogo entre donzela e pescador.
PARTE 37: vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?	Fechamento da história (reestabelecimento da verdade). Continuação do diálogo entre donzela e pescador (pergunta da donzela ao pescador).
PARTE 38: O pescador deu de ombros e disse:	Início da resposta do pescador a pergunta da donzela (reestabelecimento da verdade).
PARTE 39: - A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe.	Finalização da resposta do pescador a pergunta da donzela (verdade).
PARTE 40: Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não história de pescador. Luiz Fernando Verríssimo. A mulher do Silva.	Finalização da história.

As participantes foram informadas de que, durante a leitura, elas deveriam dar pausas para fazer comentários sobre sua compreensão e responder, oralmente,

às perguntas expostas na tela. Foi solicitado, ainda, que as pausas fossem feitas não somente no momento estabelecido pela pesquisadora mas também em qualquer momento que achassem necessário.

A pesquisadora forneceu a seguinte instrução às participantes: *Essa é uma atividade de leitura que faz parte da minha pesquisa. Estou querendo entender o processo de leitura, o que o leitor faz, ao ler um texto, para construir a compreensão textual. Você vai ler um texto que está no computador. Ele aparecerá em partes, em slides no programa power-point. Aí você vai lendo em voz alta e passando os slides. Existem, em alguns momentos do texto, umas perguntas que você deverá responder para continuar a leitura. As seqüências escritas em preto fazem parte do texto e as escritas em azul são as perguntas. Se você quiser fazer algum comentário durante a leitura, que não seja ao surgimento das perguntas, fique à vontade, pois meu objetivo é investigar o que se passa na cabeça do leitor, no momento exato da leitura. Caso você deseje, pode voltar aos slides já lidos. Vou sair da sala, estou lá fora; assim que você terminar, me chame.*

2.2.1 ESCOLHA DO TEXTO

A escolha do texto foi realizada a partir de uma premissa básica – não escolher gêneros saturados de estruturas argumentativas, pois esses, por si mesmos, poderiam propiciar a geração de inferências argumentativas. Contudo, essa é uma tarefa complicada, pois os gêneros discursivos são altamente heterogêneos e híbridos quanto aos tipos textuais que os constituem. Para Marcuschi (2002), os tipos textuais constituem-se de seqüências lingüísticas e não são textos

empíricos; referem-se, ainda, apenas a poucas categorias conhecidas: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

No presente estudo, adota-se a concepção de gênero de discurso do círculo de Bakhtin, entretanto, não se pode deixar de destacar a importância metodológica e prática da conceituação dos tipos textuais de Marcuschi, pois permite que se agrupem enunciações dentro de determinadas “categorias”, a depender dos objetivos dos interlocutores na situação discursiva. Um exemplo prático desse agrupamento remete ao tipo textual “argumentação”, que pode aparecer tanto em uma conversa informal quanto em um tribunal; isso faz com que o interlocutor escolha exatamente esse tipo (argumentação) pelo seu objetivo – defesa de um ponto de vista.

Diante disso, houve a tentativa de escolher um gênero discursivo que não fosse saturado de argumentatividade, considerando-se argumentativo um texto com uma estruturação típica composta por argumento (ponto de vista e justificativa), contra-argumento e resposta (LEITÃO, 2000).

Para Guimarães (1986), conceituar um texto como argumentativo é dizer que seu modo de enunciação é argumentativo, constituído por uma ação de interlocução em que o locutor procura persuadir o destinatário. Com isso, o texto argumentativo se caracteriza pela propriedade persuasiva, correlacionando-se com certas marcas textuais previamente estabelecidas.

Gêneros discursivos carregados de elementos argumentativos acima mencionados foram propositadamente evitados, pois, em razão da sua natureza polêmica, podem levar os leitores a desenvolver argumentos e contra-argumentos, que talvez dificultem a captura da natureza argumentativa,

possivelmente inerente aos processos inferenciais, pois o texto, em si, já desencadeia a argumentação.

Com base nas considerações acima, foi selecionada uma história (gênero discursivo) saturada de seqüências narrativas, intitulada “A Verdade” de Veríssimo (1984) (consultar Anexo I). O autor do texto, Luís Fernando Veríssimo, é considerado pelos críticos um excelente humorista, criador de várias obras literárias, principalmente contos (NICOLA, 1998). O texto A Verdade faz parte da sua obra A Mulher do Silva, considerada um dos principais livros de Luís Fernando Veríssimo, publicado pela L&PM Editores, editora situada na sua cidade natal, Porto Alegre.

Para Marcuschi (1989), o texto A Verdade, já utilizado com sucesso na investigação da inferência, permite, especificamente, desenvolver elementos básicos do imaginário popular dos leitores. Nele, fazem-se presentes diferentes valores: a família, o sexo, o crime, a moral, a diferença de classes sociais, dentre outros. Para o referido autor, o texto A Verdade faz com que os leitores exponham os valores morais e religiosos e é um “laboratório” experimental para a análise das diferenças de percepção entre as classes sociais dos leitores.

O texto escolhido consiste de uma produção contemporânea da década de 80. A temática não é de circulação freqüente na atualidade: trata-se de uma trama cujo personagem principal é uma “donzela com dedos muito brancos”. Emerge uma visão considerada “ultrapassada” para os dias atuais, porque, hoje, a mulher vem ganhando, a cada dia, mais espaço no mercado de trabalho, o que possibilita a ela competir com o homem. A visão do texto é de uma mulher “frágil” e “dependente”, que possivelmente não agrada às leitoras. Contudo a temática da

“verdade” e as questões relacionadas à violência, temas bastante recentes na nossa sociedade, podem despertar o interesse dos leitores para análise da violência – essa uma avaliação permitida pelo texto. Assim, tal texto mostra um discurso que é atravessado pelo outro, pelas vozes sociais que permeiam a unicidade dos participantes específicos desta situação de leitura específica.

Por se tratar de uma história, a escolha de um gênero discursivo conhecido e bastante difundido no meio sociocultural das participantes, provavelmente, contribuiu para que elas realizassem a atividade proposta com sucesso. Com certeza, durante a leitura de uma história, questões relacionadas à estruturação emergem na tentativa de melhor compreensão textual. A busca pela coerência do texto é um fator determinante na compreensão, o que obriga o leitor buscar conexões entre todas as partes dele. No caso do texto saturado de seqüências narrativas, essa coerência é estabelecida pelas suas características. Assim, existem expectativas sobre um texto dessa natureza, como a presença de personagens, ações, desenvolvimento e desfecho, cenário, dentre outros.

No caso do presente estudo, as participantes são universitárias, mulheres, de classe socioeconômica média, o que possibilita uma possível análise dos fatos da narrativa a partir dos seus valores sociais, econômicos, morais e religiosos.

Como mencionam Grasser, Singer e Trabasso (1994), gêneros dessa natureza, saturados de seqüências narrativas, apresentam correspondência com as experiências diárias do leitor, e isso favorece a emergência de conhecimentos sobre ações, metas, obstáculos e reações emocionais a evento. Caracterizam-se, também, pela marcação temporal cronológica, pela causalidade e pelas ações dos agentes. Para Kleiman (2002), os componentes que os estruturam são: (i)

cenário ou orientação – apresentam-se os personagens e os lugares em que os fatos ocorreram; (ii) início da trama propriamente dita; (iii) resolução, desenrolar da trama até o fim.

Não se pode esquecer a própria estrutura da língua presente no texto lido, pois os elementos lingüísticos explicitados serviram de âncora para que o leitor fizesse suas inferências. Além disso, os marcadores lingüísticos contribuírem, sobremaneira, na identificação dos elementos cognitivo-discursivos investigados, conforme será abordado posteriormente.

2.2.2 ESCOLHA DO TESTE DE COMPREENSÃO TEXTUAL

Inicialmente, é importante ressaltar a relevância do estudo da inferenciação, procurou-se capturar microanaliticamente os processos envolvidos na geração das inferências de predição. Considera-se, aqui, que a compreensão textual é permitida, essencialmente, pela geração de inferenciações pelos leitores. Sabe-se, contudo, que o processo inferencial, durante a situação de leitura, ocorre de forma solitária e rapidamente, daí não ser possível capturar o processo microanaliticamente na situação natural de leitura. Por isso, foi preciso, no presente estudo, configurar uma situação de leitura inevitavelmente artificial, mas que permitisse a captura de processos inerentes a ela, mesmo reconhecendo que a situação de leitura artificial, enquanto atividade, se diferencia da situação natural. Como dito anteriormente, a concepção adotada neste estudo é a de que a leitura, embora seja uma atividade solitária, é essencialmente dialógica, pois o leitor negocia com vozes dialógicas, na busca do estabelecimento de um sentido para o texto.

Diante do exposto, foi utilizado, nesta investigação, o teste de perguntas: solicitou-se que as participantes respondessem às perguntas durante a situação de leitura, fazendo pausas previamente estabelecidas pela pesquisadora – característica de um procedimento metodológico de compreensão *on-line*. O teste de perguntas *on-line* com as pausas preestabelecidas convida o leitor a refletir sobre sua compreensão no momento da leitura e, em seguida, dar-lhe continuidade, testando suas hipóteses e antecipações.

Na literatura, já existe o teste com perguntas, contudo, na maioria das vezes, não são utilizadas, na compreensão *on-line*, com o estabelecimento de pausas no decorrer da leitura, e sim na compreensão *off-line* (após a leitura). As pausas são utilizadas, tipicamente na literatura, em testes de reprodução de texto; então, são denominadas, quando utilizadas no decorrer da leitura (compreensão *on-line*), de “pausas protocoladas pré-marcadas” quando são preestabelecidas pelo pesquisador ou “pausas protocoladas espontâneas” quando realizadas espontaneamente pelo participante da pesquisa (MARCUSCHI, 1989).

Existem estudos de compreensão textual que utilizaram as pausas com perguntas na compreensão *on-line* (Perfetti, Marron e Foltz, 1996; Mahon, 2002). Perfetti, Marron e Foltz (1996) utilizaram a atividade de leitura com compreensão *on-line*, com o objetivo de detectar os aspectos envolvidos na compreensão de um texto. Nessa atividade, os participantes liam o parágrafo do texto e, após a leitura, eles eram instruídos a pensar em voz alta (*think aloud*) acerca do texto. Os leitores foram solicitados a responder perguntas sobre a compreensão do parágrafo e do texto em geral.

Mahon (2002) dividiu o texto em sete (7) partes, formulando, para cada parte, perguntas inferenciais, com o objetivo de propiciar a explicitação das crianças das bases geradoras de suas inferências. Como menciona a autora, estudos dessa natureza, com o uso de metodologia *on-line*, são pouco usuais, mas podem trazer informações relevantes sobre a geração de inferências, que não são possíveis em uma metodologia *off-line*, como os processos cognitivos e discursivos envolvidos na geração das inferências. Ela destaca, então, que o teste de compreensão *on-line* permite que o leitor elabore hipóteses sobre a continuidade do texto (inferências de predição); ademais demonstra que cada ferramenta metodológica deve se adequar aos objetivos do estudo proposto.

O presente estudo propõe-se utilizar um instrumento metodológico *on-line* inspirado na proposta de Mahon (2002), mas com objetivos analíticos distintos. O estudo da referida autora caracteriza-se como um estudo de PRODUTO que buscava acessar, por meio da linguagem/discurso, o conhecimento utilizado (intratextual ou extratextual) pelas crianças, durante a compreensão, ou seja, o produto das inferências realizadas. Diferentemente, o presente estudo se caracteriza como estudo do PROCESSO de inferenciação, no qual se busca capturar o processo de geração de inferências preditivas.

Discutindo os testes de compreensão textual, Oakhill e Garnham (1998) mencionam que muitos testes de questões-respostas acessam a compreensão após a leitura do texto, depois de ela acontecer (compreensão *off-line*). Contudo as autoras discutem que há, na literatura, um instrumento adicional cujo uso elas defendem, pois tem ajudado a entender o processo de compreensão do texto denominado *think aloud*. Nesse instrumento, os leitores são solicitados a

verbalizar seus pensamentos no momento da leitura, indicando as suas dificuldades de leitura.

Nessa mesma direção, Graesser, Wiemer-Hastings e Wiemer-Hastings (2001) consideram que as inferências não são manifestadas diretamente no texto, e que é necessário ter uma ferramenta de explicitação das mesmas, principalmente durante a atividade de leitura natural. Dentre as ferramentas utilizadas para acessar a compreensão de texto, os mesmos autores destacam, igualmente, o protocolo verbal, em que uma das formas do instrumento é *think aloud*, no qual é solicitado ao leitor que pense alto e explicita seu pensamento acerca da compreensão textual.

Na mesma direção das autoras acima, considera-se, aqui, que o *think aloud* é a ferramenta mais adequada para a presente investigação, uma vez que permite obter informações sobre as estratégias individuais de leitura. Seu limite, como já mencionado anteriormente, refere-se à artificialização da situação de leitura. Seu alcance, crucial para o presente estudo, é favorecer a verbalização de inferências que não são, em geral, explicitadas na leitura natural. A utilização dos procedimentos metodológicos *on-line* e *think aloud* permitiu a “lentificação” do processo de leitura, que, tipicamente, ocorre de forma rápida, por isso é de difícil acesso como objeto de estudo.

2.3 UNIDADE DE ANÁLISE

O objetivo da presente pesquisa é investigar o processo de geração de inferências, com a hipótese de que esse processo possui natureza essencialmente

argumentativa. Sugere-se que, durante o processo inferencial, o leitor precisa negociar para escolha de uma das diversas possibilidades de fazer sentido a um determinado texto, utilizando-se para isso de movimentos retrospectivos e prospectivos que lhe permitem integrar o conteúdo textual já lido, não lido e seu conhecimento de mundo.

Definir a unidade de análise constitui-se em uma etapa crucial na validação de uma pesquisa científica de caráter sociohistórico-cultural que pretende realizar uma investigação no plano processual. A definição da unidade de análise é constituída pelos elementos imprescindíveis que permitem capturar o fenômeno investigado. No caso da presente investigação, o fenômeno é o processo de geração de inferências de predição. Para definir a unidade de análise deste estudo, serão retomados alguns conceitos importantes que ajudaram na sua constituição, como os conceitos de inferência e argumentação e a relação aqui proposta entre inferência e argumentação (constituição argumentativa das inferências de predição).

O presente estudo concebe a inferência como um processo cognitivo-discursivo gerado a partir da integração de informações textuais com a situação contextual do leitor (conhecimentos de mundo), favorecendo a construção da significação (compreensão textual). Essa integração é realizada, de forma retrospectiva e prospectiva, pela apreciação (avaliativa) dos leitores. Sugere-se aqui que, durante o processo de inferenciação preditiva (necessário à compreensão textual), várias possibilidades de fazer sentido ao texto emergem, desencadeando-se um processo dialógico-dialético de negociação e escolha o qual é carregado de argumentatividade. Nessa negociação, durante a atividade de leitura, acredita-se

que os leitores precisam dialogar com diferentes vozes sociais que polemizam a escolha de uma das alternativas de fazer sentido ao texto e estabelecer a sua continuidade.

Esta investigação se configura, portanto, dentro de uma perspectiva dialógica da atividade de leitura e tem como objetivo analisar em detalhes o processo argumentativo de inferenciação. Desse modo, é a necessidade de apreciação dos leitores que possivelmente gera o processo argumentativo, o qual pode ser identificado pela emergência de operações argumentativas, que são: argumento (ponto de vista e justificativa) e movimentos opositivos. No presente estudo, o movimento de oposição consiste na presença da oposição nas verbalizações das participantes, seja no formato explícito de um contra-argumento, seja na presença de elementos lexicais que indiquem a presença de oposição. Um modalizador que ajuda a marcar os movimentos opositivos é o indicador modal *provavelmente*, pois sugere que o leitor não assume a total responsabilidade sobre os seus enunciados.

Enfatiza-se que essas operações argumentativas podem aparecer, nas verbalizações das participantes, em diferentes níveis de completude: mais especificamente, pode-se observar a presença de um ponto de vista, justificativa e movimentos opositivos em algumas verbalizações e a presença apenas de um argumento (ponto de vista e justificativa) em outras – há variedade no surgimento dessas operações argumentativas.

Considera-se que as operações argumentativas transitam na situação de leitura, para a constituição *on-line* da compreensão, a partir da geração de inferências de predição. De acordo com a literatura, essas inferências são geradas comumente

pelos leitores, nos quais ocorre a elaboração de hipóteses sobre a continuação textual durante o processo de leitura (OAKHILL; GARNHAM, 1988). Então, supõe-se que as participantes elaboraram conscientemente hipóteses sobre a continuidade do texto que poderiam ser confirmadas ou refutadas, a partir de uma atividade de negociação.

Serra e Oller (2003) defendem que o leitor precisa antecipar ou imaginar como o texto vai prosseguir e ir comparando suas previsões, se estão corretas para poder modificá-las, se necessário, e fazer outras. Essas inferências são consideradas pelos autores como estratégias, e elas é que permitem ao leitor avançar no sentido da auto-regulação da própria leitura; podem ser, portanto, utilizadas conscientemente. As inferências de predição de natureza consciente é que serao o foco desta análise.

Diante do exposto, a unidade de análise da presente investigação constitui-se de cinco elementos discursivos, que, conjuntamente, permitem capturar a construção da inferência de predição, conforme descritos abaixo.

O **elemento A**, o conteúdo textual (CT), é deflagrador de todo o processo por causa da própria natureza da situação de leitura; permite ao leitor se deparar com um texto específico, com objetivos definidos pelo seu autor, na tentativa de explicitar suas idéias sobre uma determinada temática. Neste estudo, o conteúdo textual aparece em partes: há uma parte do texto em cada *slide* apresentado às participantes.

O **elemento B** consiste na pergunta P-1 apresentada ao leitor após cada slide com conteúdo textual. A pergunta 1 (Qual será a continuação do texto?) é

necessária para que haja a geração verbalizada da inferência de predição. Essa pergunta 1 poderá ter sido lida em voz alta pelas participantes ou não.

O **elemento C** (IP) é constituído pela própria inferência de predição. Essas inferências constituem-se em antecipações do leitor realizadas, freqüentemente, no processo de compreensão textual, que lhes permitem testar suas hipóteses acerca da continuidade do texto.

O **elemento D** P-2 é constituído pela pergunta “Como você chegou a essa idéia?” e/ou pela pergunta 3, “O que você está pensando?”. Essas perguntas permitem a explicitação das bases geradoras das inferências de predição.

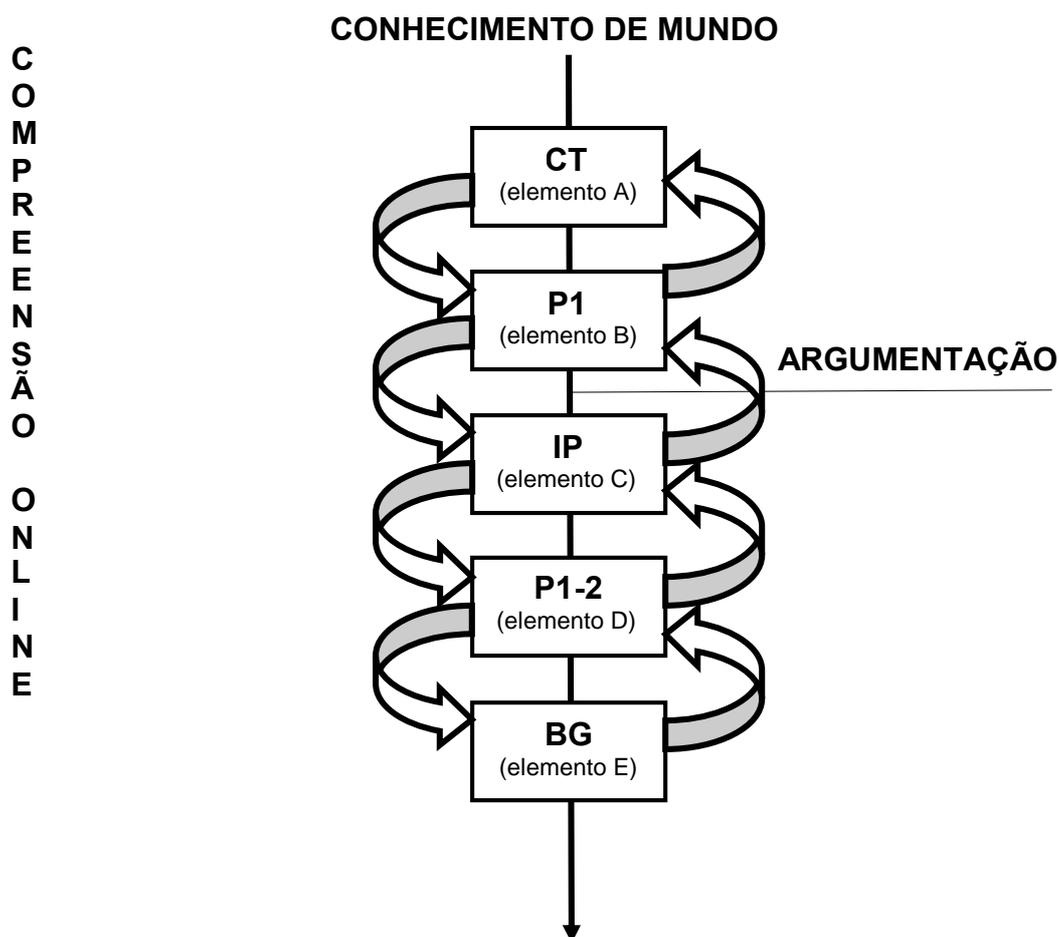
O **elemento E** é constituído pela explicitação das bases geradoras das inferências de predição, permitida pelas perguntas 2 e ou 3. Assim, ao elaborarem as suas inferências preditivas, as participantes foram solicitadas (pelo elemento D) a verbalizar as bases geradoras dessas inferências.

O conhecimento de mundo do leitor é crucial, pois ele favorece a realização de apreciações necessárias para a constituição das inferências. No caso das inferências de predição, o conhecimento de mundo permite que o leitor elabore hipóteses para a continuação do texto, pela avaliação e seleção de uma alternativa dentre as de continuidade textual. O conhecimento de mundo consiste nas experiências pessoais, crenças e conhecimentos prévios do leitor, que está inserido em um grupo sociocultural particular, ocupando papéis sociais específicos. Além disso, interlocutores diversos lêem um texto específico com objetivos diferentes ou de diferentes lugares sociais, fazendo um delineamento da leitura. Sendo assim, nenhum texto pode ser lido da mesma forma, pois os leitores possuem conhecimentos de mundo diferentes, o que permite fazerem

apreciações específicas para constituição do sentido do texto, sobretudo em razão de suas funções socioculturais, dos lugares institucionais e das suas ideologias.

A partir dos cinco elementos, conceituados acima, da unidade de análise, os processos inferenciais de natureza argumentativa podem ser capturados. O Quadro 2 apresenta, de forma esquemática, como esses elementos podem contribuir na investigação dos processos inferenciais de natureza argumentativa.

QUADRO 2: Esquema representativo dos movimentos realizados para constituição das inferências de predição na situação de leitura *on-line*.



Legenda:**CT:** conteúdo textual (elemento A)**P1:** pergunta 1 (elemento B)**IP:** inferência de predição (elemento C)**P2 e P3:** perguntas 2 e 3 (elemento D)**BG:** bases geradoras das inferências de predição (elemento E)

A hipótese do presente estudo é que as inferências de predição, como possuem natureza argumentativa, possibilitam a emergência das operações argumentativas (ponto de vista, justificativa e movimentos opositivos). No Quadro 2 acima, verifica-se que a argumentação tem relação de imbricamento com os cinco elementos da unidade de análise, pois ela permite a geração do processo de inferenciação. Sendo assim, a argumentação permeia todo o processo inferencial, favorecendo a constituição da predição. Ao realizar as verbalizações nos elementos B e E, a expectativa é que as operações argumentativas irão, inevitavelmente, emergir, dada a natureza negociativa da inferenciação. O discurso argumentativo que percorre todo o processo de inferenciação será capturado, neste estudo, pela elaboração, confirmação ou recusa de argumentos realizados pelos leitores durante a geração das inferências de predição.

A explicitação das inferências e das suas bases geradoras traz à tona os argumentos presentes no processo *on-line* e demonstra que a inferência não se trata de um produto final, mas sim de um processo com movimentos retrospectivos e prospectivos, como indicam as setas do Quadro 2. As setas demonstradas no Quadro 2 sugerem que a compreensão textual é um processo constituído por movimentos em espiral, e não apenas um processo linear. Dessa maneira, o interlocutor, ao ler uma parte do texto, pode voltar a conteúdos textuais anteriores para realizar suas inferenciações e continuar a leitura. Assim, para a elaboração de hipóteses acerca da continuação textual, o leitor precisa realizar

negociações não somente com o seu conhecimento de mundo mas também com o conteúdo textual já lido e sugerido (antecipado). De acordo com a perspectiva dialógica, as setas indicativas dos movimentos retrospectivos e prospectivos sugerem que, durante a leitura, o interlocutor assume atitude responsiva (julgamento de valores). Nesse caso, o leitor realiza apreciações acerca do já lido e do não lido, antecipando a continuação do texto. Mais especificamente, as setas seguem em direção prospectiva, quando o leitor continua a leitura e realiza antecipações acerca do texto. Seguem, também em direção retrospectiva, na medida em que o leitor precisa voltar ao conteúdo textual lido, para realizar suas avaliações.

Segundo aponta Kleiman (2002), o texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se fosse processado numa soma progressiva de partes. Dentro de um modelo de processamento textual, ela sugere que este se dá numa oscilação entre vários movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo). A compreensão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se co-determinam progressivamente. Essa co-determinação progressiva estabelece as condições da textualização, que, em consequência, vão alterando-se de forma progressiva. Sendo assim, as inferências tidas como hipóteses possíveis em um determinado ponto do texto não são mais possíveis em um mais adiante.

Apesar de a perspectiva de processamento textual mencionada por Kleiman (2002) se distanciar da proposta da presente investigação, suas idéias são caras ao presente estudo, pois se acredita que a compreensão textual é constituída com

esses movimentos, considerados aqui de movimentos dialógicos. Esses movimentos dialógicos parecem permitir a realização de qualquer tipo de intervenção pelo leitor que não extrapole a compreensão permitida ao texto lido.

Para se entender e identificar a geração de inferências argumentativas faz-se necessária a utilização de marcadores lingüísticos. Então, foram utilizados os operadores argumentativos e modais descritos por Koch (1997, 2002), como ferramenta analítica. Serão denominados de marcadores discursivos os operadores argumentativos e indicadores modais que indiquem a presença de vozes dialógicas. Abaixo, será realizada uma discussão acerca da importância desses marcadores, descrição de alguns deles e dos operadores que indicam a presença das operações argumentativas.

2.4 MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos são marcas formais presentes no texto e nas inferências das participantes. Eles atuam como pistas indicativas do processo investigado, ajudando a identificar os elementos argumentativos, além de indicar a existência das vozes dialógicas (diversas possibilidades de fazer sentido do texto) presentes na compreensão textual. Ressalta-se, assim, que, além dos operadores argumentativos, alguns indicadores modais que marcam a presença da outras vozes podem ser utilizados como elementos lingüísticos capazes de identificar os elementos argumentativos. Assim, alguns operadores argumentativos, como MAS e OU ENTÃO, podem funcionar como modalizadores.

Baseado na semântica argumentativa de Ducrot e Anscombe, Portolés (1999) define um operador argumentativo como unidade lingüística que, aplicada a um conteúdo específico, transforma as possibilidades argumentativas deste. Sendo assim, uma única unidade lingüística, ou operador argumentativo, pode mudar a direção da enunciação, pois exerce força específica que contribui na constituição do significado. Apesar de a presente investigação não compartilhar com os pressupostos da teoria de Ducrot – considerada de argumentatividade radical, porque propõe que todos os enunciados são argumentativos em sua natureza –, não se pode negar a contribuição dos operadores argumentativos na interpretação dos enunciados discursivos. Os marcadores discursivos têm a função de modalizar e orientar a significação de determinado enunciado e podem indicar a presença de processos psicológicos. Esses operadores marcam a natureza argumentativa do processo inferencial, na medida em que apontam itens lexicais indicadores de justificativas, oposições, modalizadores, dentre outros.

Abordando especificamente o operador MAS, Kleiman (2002) menciona que esse indica que existe um espaço deixado pelo autor do texto para que o leitor refute seu argumento. A referida autora defende que o autor deixa pistas (lingüísticas) para que o leitor realize determinadas inferências (permitidas). Assim, através das pistas lingüísticas, o leitor é capaz de seguir um determinado percurso, daí é relevante destacar esses aspectos estruturais do texto.

Quanto aos indicadores modais, Kleiman (2002) os considera expressões que indicam o grau de comprometimento do autor do texto com a verdade ou com a justeza da informação, relativizando-a ou para mais, a certeza absoluta, ou para

menos, a possibilidade remota. Alguns modalizadores mencionados pela autora são: (i) TALVEZ – torna a proposição não categórica, relativiza o grau de comprometimento do autor com a força de verdade da proposição; (ii) EVIDENTEMENTE – indica a completa adesão do autor; (iii) NÃO HÁ DÚVIDA – expressa certeza; (iv) os modalizadores PARECER, EMBORA, AINDA indicam descompromisso com a verdade; (v) APENAS é restritivo; (vi) o uso de EXIGIRIA e SERIA implica outra série de expressões negativas. Contudo esses mesmos modalizadores, mencionados por Kleiman como produção do autor do texto, possivelmente estão presentes nos processos inferenciais que são verbalizados, indicando as possibilidades de fazer sentido ao texto. Assim, no momento de seleção de uma dentre as possibilidades, o leitor pode demonstrar incerteza, por meio de um indicador modal, já que sua verbalização é apenas uma das possibilidades de fazer sentido ao texto.

Koch (2002) enfatiza, com propriedade, o papel dos modalizadores, mencionando que a relação entre enunciados é projetada a partir de certas relações de modalidade. Para ela, os operadores de modalidade atuam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece (indicadores modais). Entre os vários tipos de lexicalização possíveis das modalidades, destacam-se: os auxiliares modais (poder, dever, querer); os advérbios modalizadores (provavelmente, certamente, possivelmente); os verbos de atitude proposicional (eu creio, eu acho, eu sei).

TERCEIRO CAPÍTULO

3 – ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados constará de duas etapas: a primeira refere-se a uma microanálise da situação de leitura *on-line* de uma participante, que ilustra o procedimento analítico aplicado ao seu conjunto dos dados; a segunda constitui-se da análise geral das situações de leitura de todas as participantes, sintetizando a recorrência do procedimento analítico nos demais *corpora*. Ressalte-se, inicialmente, que os nomes das participantes desta pesquisa são fictícios, em benefício do sigilo das suas identidades.

3.1 - MICRO-ANÁLISE DE UMA SITUAÇÃO DE LEITURA *ON-LINE*

A atividade de leitura da participante será apresentada em seqüências discursivas: conteúdo textual, perguntas da pesquisadora e explicitações da compreensão pela participante.

A segmentação dessa atividade em seqüências discursivas específicas foi realizada para facilitar a análise dos dados, e assim destacadas: conteúdo textual lido (**em negrito**); perguntas propostas pela pesquisadora (**escritas em azul**); respostas às perguntas dos *slides* (*em itálico*).

Na análise apresentada, procurou-se apontar a natureza das inferências de predição por meio da identificação de operações argumentativas presentes no processo de inferenciação. As operações argumentativas focalizadas foram

pontos de vista, justificativa e movimentos opositivos. Os marcadores discursivos considerados anteriormente (seção 2.4) indicam a presença das diferentes vozes dialógicas (heteroglossia), que constituem a argumentação.

Recorda-se ao leitor que, durante a situação de leitura, o conteúdo textual e as perguntas foram apresentados em *slides*. Primeiramente, a participante leu o conteúdo textual presente no *slide*; logo depois, em outros *slides*, apareceram perguntas que pediam a verbalização das participantes, e assim, consecutivamente. Ressalte-se que a pergunta 3 não aparece em todas os segmentos do texto, apenas em alguns momentos. Serão apresentadas abaixo a análise e a discussão da participante 1 (**Milena**) nessa atividade de leitura (compreensão *on-line*).

A decisão de analisar na íntegra a situação de leitura de Milena deu-se pela adequação dessa participante à situação experimental do presente estudo, quando não apresentara qualquer dificuldade com a situação de leitura. Ela não se preocupava com possíveis avaliações da investigadora acerca da sua leitura, não considerando os papéis sociais atribuídos à investigadora e a ela na instituição de ensino da qual faziam parte, professora e aluna, respectivamente. Além disso, Milena detinha-se ao conteúdo textual e não realizava avaliações que fugissem das idéias expostas no texto.

Participante 1: Milena

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S1): a verdade (++) Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho,	(S2): qual será a continuação do texto?	(S3): (++) <i>alguma coisa (+) que aconteceu (+) à beira do riacho (inferência de predição/PV)</i>
	(S4): como você chegou a essa idéia?	(S5): (++++) <i>sei lá (++) é::: (++) porque eu acho (MO) assim se tá/ citou o lugar (+) é porque (+) alguma coisa de importante vai acontecer então lá <u>ou então</u> (MO) que (+) vá dar sentido ao resto do texto (bases geradoras/J).</i>

Legenda das convenções:

[]: informações possivelmente implícitas relacionadas ao conhecimento de mundo do leitor presente na discussão dos resultados.

...: recorte do protocolo para fins de análise dos processos inferenciais e argumentativos.

(+): pausas dos participantes durante a situação de leitura.

(()): comentários de transcrição da pesquisadora.

/: interrupções na fala das participantes, paradas no meio do enunciado.

Texto em itálico: resposta dos participantes ao ler o trecho textual.

Texto em negrito: conteúdo textual lido. As inferências, suas bases geradoras e as operações argumentativas foram marcadas também com o negrito.

Texto escrito em azul: perguntas da situação de compreensão *on-line*.

Parte cinza do quadro demonstrativo da análise: perguntas da situação de compreensão *on-line*, demonstrando que não fazem parte da unidade de análise do estudo.

Texto em letras maiúsculas: comentários da investigadora durante a transcrição dos protocolos.

(S): refere-se às seqüências discursivas dos participantes.

PV: ponto de vista.

J: justificativa.

MO: movimentos opositivos.

Enunciações sublinhadas: referem-se aos marcadores discursivos que indicam a presença dos movimentos opositivos.

Na constituição da inferência/argumento (PV+J) e movimentos opositivos em S3 e S5, percebe-se que a participante utiliza o seu conhecimento de mundo para constituir suas antecipações acerca da continuidade do texto, mencionando que a referência ao lugar (beira do riacho), no conteúdo textual de S1, é um indicativo (elo) de algum acontecimento na narrativa. Isso demonstra, já no início da leitura, que ela tem conhecimento prévio sobre a organização do gênero discursivo “história” que a possibilita inferir preditivamente que haverá alguma ação (*alguma coisa (+) que aconteceu (+) à beira do riacho*), ou seja, constituir sentido ao texto. Esse conhecimento pode ter sido construído pelo contato freqüente,

provavelmente escolar, da participante com o gênero discursivo história, pois sempre há um cenário em que a trama é desenvolvida. Considera-se que a inferência de predição gerada em S3 é constituída do primeiro ponto de vista da participante (conclusão do argumento) acerca da continuação do texto. Assim, sua produção de sentido ao texto foi constituída argumentativamente pelo conhecimento formado antes, a partir da leitura e avaliação de outras histórias.

Na S5, a base geradora da inferência de predição é verbalizada pela participante, constituindo-se do fundamento de seu ponto de vista (justificativa): *porque eu acho assim se tá/ citou o lugar (+) é porque (+) alguma coisa de importante vai acontecer então lá ou então que (+) vá dar sentido ao resto do texto*. Para elaborar os fundamentos do ponto de vista (justificativa), a participante integra o conteúdo textual ao conhecimento prévio concernente ao gênero discursivo “história”. A participante indica (na S5) ter conhecimento relativo a leituras realizadas anteriormente de gêneros discursivos dessa natureza, sugerindo que “a ação” é um dos constituintes que contribui na organização das histórias (*porque eu acho assim se tá/ citou o lugar (+) é porque (+) alguma coisa de importante vai acontecer então lá*). O conhecimento prévio acerca desse gênero faz parte da dialogicidade traçada pelos leitores com as diversas vozes, pois as histórias são os mais difundidos nas práticas escolares, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade.

Nos fundamentos do ponto de vista (justificativa), parece haver, ainda, o início de explicitação da participante sobre a necessidade de coerência textual, ou seja, as informações que se seguem parecem ser cruciais à coerência textual (sentido do texto), há um possível conhecimento anterior de que o texto precisa ter coerência

para se fazer funcional (*ou então que (+) vá dar sentido ao resto do texto*). A base em que fundamenta o seu ponto de vista (justificativa) vem marcada pelo operador argumentativo PORQUE, que tem a função de introduzir a própria justificativa.

Os movimentos opositivos aparecem em dois momentos na S5, o que permite sugerir, aqui: as inferências de predição são permeadas de argumentatividade. O primeiro movimento opositivo refere-se ao marcador discursivo ACHO, verbo de atitude proposicional, que indica poderem existir outras possibilidades de continuação do texto – outras vozes (*porque eu acho assim*), o que enfraquece o argumento da participante. O fato de a participante apontar que existem outras possibilidades de continuação textual é um indicativo de enfraquecimento do seu argumento, pois existe a aceitação de que seu ponto de vista não é o único, demonstração de que ela reconhece a existência de pontos de vista diferentes. Esse marcador discursivo (ACHO) sugere que podem existir alternativas de continuação do texto, pois, ao enunciá-lo, a participante dá indicativos de dúvidas sobre a continuação – trata-se apenas de uma hipótese por ela elaborada. Esse operador modal caracteriza-se como modalidade epistêmica, porquanto refere-se ao eixo da crença (valor de verdade) da participante na leitura *on-line* – possibilidade de continuação em razão da variabilidade de possibilidades dentro dos bipólos (positivo e negativo). Esse modalizador diminui a força do seu argumento (seu valor de verdade), demonstra ser apenas uma possibilidade – a escolhida pela participante.

O segundo momento em que o movimento opositivo aparece remete à enunciação do operador argumentativo OU ENTÃO, que marca a natureza

argumentativa da inferência de predição, demonstrando a sua dialogicidade pela presença das vozes dialógicas. Esse operador argumentativo tem a função de introduzir argumentos alternativos, indicando, assim, que a compreensão textual é constituída de possibilidades de continuação do texto.

A voz do autor do texto aparece marcada pelo verbo CITOU, demonstrando, também, a existência de vozes dialógicas na constituição da narrativa (*se tá/ citou o lugar (+) é porque (+) alguma coisa de importante vai acontecer*). A participante parece levar em consideração, na sua leitura, a voz do autor do texto, ao enunciar que (alguém) citou o lugar durante a elaboração das bases que fundamentam seu ponto de vista (justificativa). A referência à voz do autor indica que a leitura é permeada de negociação pela apreciação do leitor, que não somente faz alusão ao autor, como também parece considerá-lo durante toda situação de leitura, mesmo sem explicitar a presença dele.

Sendo assim, sugere-se que a inferência de predição é constituída argumentativamente, pois nela se pode verificar a emergência das operações argumentativas na sua geração.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S6): deixando a água do riacho passar por entre seus dedos muito brancos quando	(S7): qual será a continuação do texto?	(S8): “... aconteceu alguma coisa (+) que é relevante pro texto (+) pro sentido do texto” (inferência de predição/PV).
	(S9): como você chegou a essa idéia?	(S10): “(+) dedução (+) pra dá continuidade ao texto tem que ter (+) seguimento” (bases geradoras/J).

Na S8, a inferência de predição é formada pelo ponto de vista (conclusão do argumento) da participante, que utiliza o seu conhecimento prévio relacionado, provavelmente, a outras leituras de gêneros dessa natureza, para focalizar a idéia de coerência necessária à continuidade do texto, já iniciada na S5 (... *aconteceu alguma coisa (+) que é relevante pro texto (+) pro sentido do texto*).

Seguindo esse mesmo raciocínio, na S10 a participante verbaliza a base geradora da inferência de predição em forma de fundamento do ponto de vista (justificativa): ...*dedução (+) pra dá continuidade ao texto tem que ter (+) seguimento*. A participante utiliza o seu conhecimento prévio de leitora de gêneros discursivos dessa natureza (história), informações que a autorizam a explicitar as bases geradoras da sua inferência, propondo que todo texto tem que ter continuidade (seguimento). Tais informações parecem indicar que a participante já começa a pensar não somente no seguimento do texto como também na sua finalização (desfecho da narrativa). Geralmente, os leitores lêem seus textos com objetivos específicos (conhecimento, entretenimento, dentre outros), que devem ser alcançados ao final da leitura, fazendo com que eles percorram toda leitura pensando no final. No caso da leitura de histórias, os leitores esperam que haja um final feliz, em que o bem prevaleça.

Nas S8 e S10, a participante segue as idéias desenvolvidas nas S3 e S5, ao referir-se a questões mais globais envolvidas na compreensão textual, como a seqüenciação, a coerência e os componentes organizadores do gênero discursivo específico (história). As questões levantadas até agora demonstram que a participante, além de ser uma leitora proficiente, tem conhecimento prévio com esse gênero discursivo específico (história), pois não apresenta qualquer

dificuldade ao realizar as suas inferências de predição acerca de aspectos globais envolvidos na compreensão textual. Além da familiaridade com o gênero discursivo em questão, não se deve esquecer que a proficiência na leitura da participante se deve ao fato de ser universitária.

Espera-se que essas inferências de predição que movimentam diretamente a história surjam no decorrer da leitura e a participante volte a conteúdos anteriormente lidos para continuar gerando inferências preditivas globais e focais sobre a continuidade do texto e avaliações acerca da história e do autor.

Sugere-se que as inferências de predição são conclusões do argumento (PV); há, assim, a verbalização das bases geradoras dessas inferências em forma de fundamento do ponto de vista (J). A argumentação é constitutiva das inferências de predição, em que os leitores elaboram hipóteses sobre a continuidade do texto, e, para essa elaboração, é necessário que eles argumentem, ou seja, elaborem pontos de vista, justificativas e movimentos opositivos. A geração de inferências de predição é possibilitada pela elaboração das operações argumentativas, pois estas permitem que os leitores negociem para a escolha de uma das possibilidades de continuação do texto. O caráter negociativo evidenciado na produção de sentido ao texto, durante a geração de inferências de predição, ajuda a caracterizar a natureza argumentativa da inferenciação, à medida que a participante levanta diferentes possibilidades de continuação do texto. Para que exista a negociação, a participante precisa negociar com as diferentes vozes sociais (seus valores familiares, sociais, morais e religiosos; o conhecimento prévio, dentre outras), a fim de permitir o surgimento de diferentes possibilidades de continuação do texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S11): sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai,	(S12): qual será a continuação do texto?	(S13): (++++) <i>é::: que aconteça alguma coisa (+) que tipo no começo seja ruim mas que::: depois vai ter alguma coisa boa (inferência de predição/PV).</i>
	(S14): como você chegou a essa idéia?	(S15): <i>talvez (MO) pe/ pelas idéias que a gente (MO) vê de dos outros textos sempre tem uma lição de moral (+) um desfecho bom (bases geradoras/J).</i>

A predição gerada na S13 parece ser elaborada a partir de conhecimentos prévios da participante, que continua a utilizar o seu conhecimento sobre os gêneros discursivos (história), realizando inferências a partir de conhecimentos acerca da organização global desses gêneros (*é::: que aconteça alguma coisa (+) que tipo no começo seja ruim mas que::: depois vai ter alguma coisa boa*). Esse conhecimento prévio autoriza a participante a inferir que, geralmente no começo de narrativas, acontece algo *ruim* e, depois, *alguma coisa boa*. Parece que a participante não admite desfecho infeliz para a história, em que o mal prevaleça. Assim, as predições da participante parecem estar em concordância com seus valores sociais e morais.

Na S15, a base geradora da inferência de predição é verbalizada, constituindo-se dos fundamentos do ponto de vista (J), que também foram elaborados a partir dos conhecimentos de mundo da participante com outros textos, principalmente narrativos (*talvez pe/ pelas idéias que a gente vê de dos outros textos sempre tem uma lição de moral (+) um desfecho bom*). Parece que ela utiliza o raciocínio de que há repetição das idéias da narrativa, sugerindo que, se, em outros textos, essas idéias prevalecem (lição de moral e desfecho bom), nessa história também acontece o mesmo.

Ainda na S15, há dois movimentos opositivos que aparecem indicados tanto no marcador discursivo TALVEZ quanto na expressão A GENTE, que indicam a voz da oposição (heteroglossia) presente na explicitação das bases geradoras da inferência de predição a enfraquecer o argumento. Isso demonstra que a participante, ao elaborar a inferência de predição, leva em consideração todas as vozes dialógicas inerentes ao processo inferencial, para escolha de uma dentre as diversas possibilidades de fazer sentido ao texto, realizada a partir de um processo de negociação. No indicador modal TALVEZ, a participante demonstra assumir que seu argumento foi apenas uma das possibilidades de continuação do texto, marcado pela flexibilização, que enfraquece o ponto de vista dela a partir desse movimento opositivo. Esse indicador modal é um marcador discursivo, pois demonstra existirem outras vozes dialógicas, ou seja, sugere que o texto é constituído pela seleção de uma das possibilidades de continuidade.

A expressão A GENTE, referente ao outro movimento opositivo, é considerado um marcador discursivo, pois indica a presença de outras vozes dialógicas na constituição da inferência preditiva. Esse movimento opositivo indica que a participante não assume a total responsabilidade pela hipótese escolhida, porquanto há uma generalização para os demais leitores (...*pe/ pelas idéias que a gente vê de dos outros textos sempre tem uma lição de moral (+) um desfecho bom*). Essa generalização indica que parece ser um consenso (dos leitores) que as narrativas têm uma organização característica, existe (sempre) um desfecho bom.

Em suma, o argumento (PV e J) e os movimentos opositivos da participante são constitutivos da sua antecipação (inferência de predição), e é essencial a

apreciação do leitor permitida pela integração do conteúdo textual com o seu conhecimento prévio.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S18): a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e	(S19): qual será a continuação do texto?	(S20): (++) <i>a primeira interação é as pessoas acreditarem (+) no que ela vai dizendo (+++) pra daí começar a seqüência lógica da idéia:: até se chegar na verdade seja ela dizendo ou não (Inferência de Predição/PV).</i>
	Como você chegou a essa idéia?	((A PARTICIPANTE NÃO RESPONDE A PERGUNTA QUE SUSCITA AS BASES GERADORAS DE SUA INFERÊNCIA DE PREDIÇÃO)).

Na S20, a inferência de predição foi construída com base nas crenças e valores da participante, que realiza marcações axiológicas tanto acerca dos aspectos globais envolvidos na narrativa quanto sobre os acontecimentos da história (*a primeira interação é as pessoas acreditarem (+) no que ela vai dizendo (+++) pra daí começar a seqüência lógica da idéia:: até se chegar na verdade seja ela dizendo ou não*). A marcação acerca dos aspectos globais é permitida pelo conhecimento prévio da participante sobre textos narrativos (conhecimento de gênero). Sendo assim, ela retoma a importância da seqüência lógica da história desenvolvida desde a S3. A integração do conteúdo textual e do conhecimento de mundo da leitura a autoriza a inferir preditivamente os acontecimentos da história, em conexão com a idéia já desenvolvida em S15 de que as histórias em geral têm um desfecho bom (a verdade prevalece). A idéia da verdade pode ser retomada nos argumentos posteriores da participante, pois essa idéia parece ser o eixo

norteador da narrativa. Esse eixo norteador aparece marcado pelo operador argumentativo ATÉ, destacando a idéia principal da narrativa (chegar à verdade).

O aparecimento da verdade marca a necessidade de prevalência do bem em detrimento do mal na história, apontando o perfil (historicidade) da participante. Ela, então, parece ser uma leitora com valores familiares conservadores, bastante comuns na nossa sociedade, principalmente no nordeste brasileiro, em que determinadas posturas não seriam permitidas a ninguém, especialmente a uma mulher.

Existe, ainda, o operador argumentativo SEJA...OU, marcando a presença de possibilidades de continuação textual, mais especificamente alternativas em relação a como a verdade da narrativa aparecerá. Se a verdade surgirá contada ou não pela donzela, são possibilidades em aberto a essa altura do processo de compreensão da história em questão. O que fica claro, entretanto, são as duas idéias levantadas no ponto de vista da participante: a verdade aparecerá (i) contada pela donzela (ii) ou não. A inferência de predição da S20 surge, argumentativamente, elaborada por pontos de vista que provavelmente serão fundamentos no decorrer da narrativa. Essa geração de ponto de vista é possibilitada pela avaliação (marcadores axiológicos) da participante ao integrar o conteúdo textual com o seu conhecimento de mundo.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S21): que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e	(S22): qual será a continuação do texto?	(S23): (++) alguma coisa que o homem fez (+) com ela pra ele ter levado o anel (inferência de predição/PV).

	(S24): como você chegou a essa idéia?	(S25): (+++) <i>é:: (+) porque por conta do “e” se tem “e” é porque tem que ter alguma coisa (+) e a continuação é essa (+) alguma coisa que ele vai fazer (base geradora/J).</i>
--	--	--

Na S23, a inferência de predição constitui-se de uma conclusão do argumento (PV), em que a participante sugere que existirá uma ação do personagem da narrativa (o homem) para poder levar o anel (*alguma coisa que o homem fez (+) com ela pra ele ter levado o anel*). Parece existir o conhecimento da organização da própria narrativa (gênero), que indica que o texto (história) é constituído de ações, além do conhecimento de mundo da participante que autoriza a inferir preditivamente que o personagem (homem) não pode ficar parado se quiser levar o anel.

Na S25, existem os fundamentos do ponto de vista (J) que permitem a participante realizar avaliações sobre a elaboração de sua inferência (*porque por conta do “e” se tem “e” é porque tem que ter alguma coisa (+) e a continuação é essa (+) alguma coisa que ele vai fazer*). Essas marcações avaliativas são realizadas pela integração de um elemento lingüístico explícito no conteúdo textual de S21, que é a conjunção aditiva E, mencionando o *status* dessa conjunção como elemento de ligação, que autoriza a participante a realizar antecipação sobre a continuidade do texto. Os fundamentos do ponto de vista (J) vêm introduzidos pelo operador argumentativo PORQUE, que indica a presença de justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior (bases geradoras da inferência de predição).

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S28): a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida.	(S29): qual será a continuação do texto?	(S30): (++) <u>provavelmente</u> (MO) (+) ela acordou (+) por algum motivo (+) e percebeu que tinha sido roubada (inferência de predição/PV) <u>mas mentira dela né</u>
	(S31): como você chegou a essa idéia?	(S32): (++) porque é a seqüência pra dá seguimento ao texto (+) ela tinha ter que acordar por algum motivo por ela mesma (+) e perceber que no/ (+) quer dizer ela tem que criar né que:: (+) o que aconteceu (+) aí na seqüência se ela ficou desfalecida ela acorda (+) e (+) faz alguma coisa percebe que levaram o anel dela (bases geradoras/J).

Na S30, a inferência de predição (PV1) foi elaborada pela geração de um ponto de vista realizado pela integração do conteúdo textual com o conhecimento de mundo da participante. Isso sugere que, para haver continuidade no ponto em que a narrativa está (com a donzela desfalecida), a donzela precisa ter acordado (*“provavelmente ela acordou... e percebeu que tinha sido roubada...”*).

Na S30, surge o movimento opositivo, marcado pelo indicador modal PROVAVELMENTE, que sugere existirem alternativas de continuação do texto, enfraquecendo o argumento da participante (de que a donzela acordou). Sendo assim, ele é considerado um marcador discursivo (indicando a sua natureza heteroglóssica), pois demonstra que existem possibilidades de continuação do texto, que não seja a defendida pela participante, cujo ponto de vista agora é posto em dúvida. Esse movimento opositivo ajuda a reforçar a hipótese do presente estudo de que o processo inferencial de natureza preditiva é constituído argumentativamente, havendo a emergência das operações básicas da argumentação pela necessidade de negociação para escolha de uma dentre as diversas possibilidades de continuação do texto.

Para predizer a continuação do texto, a participante precisa buscar sentido para o texto que estar sendo lido. Essas predições são únicas, pois dependem da história da participante. Já se percebe, na produção de sentidos do texto em S30, que a participação avalia negativamente a mentira da donzela.

Na S32, os fundamentos do ponto de vista (J) são elaborados pela retomada de uma idéia anteriormente apresentada na leitura que indica a necessidade de seguimento do texto para haver continuidade (“... *porque é a seqüência pra dá seguimento ao texto...*”). Para a participante, então, é preciso que a donzela acorde (PV) para a história continuar (seguimento do texto). Esses fundamentos do ponto de vista vêm introduzidos pelo operador argumentativo PORQUE, que marca a presença da própria justificativa.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S33): O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e	(S34): qual será a continuação do texto?	(S35): (++) <i>que eles acharam <u>ou</u> (MO) não o assaltante (+) acharam alguma pista (inferência de predição/PV).</i>
	(S36): como você chegou a essa idéia?	(S37): (++) <i>por conta do “e” que tem do final da frase (+) eles foram atrás do assaltante “e” que fizeram alguma coisa com certeza (base geradora/J).</i>

Na S35, a inferência, constituída pela integração do conteúdo textual já lido com o conhecimento de mundo da participante, permite-a antecipar a continuação do texto, ao inferir que, se os personagens (pai e irmão da donzela) foram à procura do assaltante, existem duas possibilidades autorizadas de continuação do texto:

encontrar ou não o assaltante (*que eles acharam ou não o assaltante (+) acharam alguma*).

Existe, ainda nessa seqüência discursiva, um movimento opositivo marcado pelo operador argumentativo OU, que indica a consideração pela leitora dessas duas possibilidades de continuação. A emergência desse movimento opositivo (MO) sugere que a inferência de predição é gerada argumentativamente, e é possível a identificação das operações argumentativas (PV, MO e J), que surgem a partir da negociação necessária na elaboração das hipóteses (predição) pela participante. Assim, esse operador argumentativo, marcador discursivo, explicita as alternativas de continuidade do texto.

Na S37, as bases geradoras da inferência de predição surgem argumentativamente, constituídas pelas idéias que fundamentam seu ponto de vista – justificativa (*por conta do “e” que tem do final da frase (+) eles foram atrás do assaltante “e” que fizeram alguma coisa com certeza*). Para explicitar as bases geradoras da inferência de predição de S35, a participante considera o elemento lingüístico de ligação E, presente no conteúdo textual de S33 (final da frase), para que fosse possível gerar a predição. O conhecimento de mundo utilizado pela participante demonstra que ela espera haver algum acontecimento na narrativa, pois se eles (pai e irmãos da donzela) foram à procura do assaltante (ação inerente às narrativas), haverá alguma conseqüência (reação). A participante defende seu argumento fortemente, ao utilizar a enunciação CLARO ao final da enunciação. Assim, parece-lhe óbvio que haverá um acontecimento devido à ação inicial dos personagens (pai e irmãos da donzela foram à procura do assaltante). A importância demonstrada pela participante ao conteúdo textual nas bases

geradoras da inferência preditiva aparece marcada pela enunciação POR CONTA DO, o que ratifica a contribuição do elemento lingüístico apresentado no conteúdo textual de S33.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S38): encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram	(S39): qual será a continuação do texto?	(S40): (++) <i>é::: eu <u>acho</u> (MO) que (+) vão (+) dizer a ela (+) o que aconteceu e ela va/ vai ficar muito arrependida (+) alguma coisa assim (inferência de predição/PV).</i>
	(S41): como você chegou a essa idéia?	(S42): (+++) <i>porque (+) <u>seria</u> (MO) até uma coisa natural se acontecesse (+) com a <u>gente</u> (MO) (++) eu <u>acho</u> (MO) que uma pessoa (+) normal <u>pensaria</u> (MO) assim (+) <u>ficaria</u> (MO) (+) muito:: se sentindo mal assim (+) por conta (+) do que fez porque mataram um homem injustamente (bases geradoras/J).</i>

Na S40, a participante elabora uma inferência de predição constituída pelo seu ponto de vista acerca da continuação do texto, em razão dos últimos acontecimentos da história – morte do homem (*eu acho que (+) vão (+) dizer a ela (+) o que aconteceu e ela va/ vai ficar muito arrependida (+) alguma coisa assim*). Ao realizar a inferência de predição, a participante integra o conteúdo textual que relata a morte do homem com o seu conhecimento de mundo, exprimindo uma apreciação (avaliação negativa) dos fatos, ao antecipar que a donzela vai ficar muito arrependida. A presença dessa apreciação é reforçada no final da S40 pela enunciação *alguma coisa assim*, indicando que não pode ser diferente. A apreciação do texto depende dos valores sociais, crenças dos leitores, trata-se de avaliações únicas. No caso da participante em questão, ela manifesta não aceitar as ações desenvolvidas na história, que aparecem demonstradas pelas suas

antecipações de que haverá o arrependimento da donzela, haverá um bom desfecho da narrativa.

Há, na S40, um movimento opositivo, que aparece indicado pelo marcador de discursivo ACHO, presente na enunciação da participante, demonstrando que seu ponto de vista é apenas uma das possibilidades de continuação. O ponto de vista é, então, enfraquecido, ao indicar que existem outras possibilidades a dialogar com outras vozes – hipóteses de continuação textual.

A justificativa para o ponto de vista de que a donzela vai ficar arrependida (S42) foi gerada a partir dos valores e crenças da participante, em que há uma avaliação da reação esperada na continuação da narrativa a partir de suas experiências pessoais (“...*porque (+) seria até uma coisa natural se acontecesse (+) com a gente...*”) e uma avaliação negativa da narrativa – **morte do homem** (“...*porque mataram um homem injustamente*”). Essa justificativa vem, ainda, introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, que tem a função de marcar a presença da justificativa.

Na S42, surgem movimentos opositivos que aparecem indicados pelos marcadores discursivos, sugerindo a presença da dimensão dialética da argumentação na constituição da inferência de predição, pois a participante, ao verbalizar as suas bases geradoras, parece demonstrar que esses movimentos opositivos são essenciais na elaboração da predição. O marcador discursivo ACHO demonstra que existem alternativas de continuação do texto e ajuda a enfraquecer o argumento da participante. Assim, a leitora deixa marcado seu reconhecimento da possibilidade de outras perspectivas, outros pontos de vista diferentes.

A enunciação A GENTE ajuda a corroborar a presença da apreciação da participante, que parece fazer uma avaliação dos acontecimentos da narrativa, transpondo, de forma generalizada, para o seu cotidiano os acontecimentos da narrativa (...se acontecesse (+) com a gente...).

Já os movimentos opositivos marcados pelos verbos **ser**, **pensar** e **ficar** no futuro do pretérito SERIA, PENSARIA e FICARIA indicam que a participante não assume ser sua enunciação a continuação exata do texto, ou seja, ela não assume total responsabilidade pela sua enunciação, que é compartilhada com outras vozes dialógicas. Há, portanto, enfraquecimento do seu argumento, ao assumir, na avaliação, outras vozes dialógicas, outras perspectivas.

Os movimentos opositivos põem em “xeque” o argumento da participante, ajudando a constituir a inferência de predição, que pode ser confirmada, ajustada ou refutada.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S43): mas não encontraram o anel de diamantes. E a donzela disse:	(S44): qual será a continuação do texto?	(S45): (+) <i>talvez</i> (MO) <i>ela tenha pego a mentira</i> <i>ou então</i> (MO) <i>diga que não foi aquele homem</i> (inferência de predição/PV).
	(S46): como você chegou a essa idéia?	(S47): <i>porque</i> (+) <i>seria</i> (MO) <i>o lógico</i> (+) <i>pra ela dizer</i> (+) <i>se bem que eu acho</i> (MO) <i>mais que ela vai dizer que não era aquele homem</i> (+) <i>já que o anel não tava com ele</i> (+) <i>porque se não a história já vai terminar</i> (base geradora/J).

Na S45, a inferência de predição foi constituída pela formulação de um ponto de vista pela participante, que elabora duas hipóteses principais na conclusão desse argumento (*talvez ela tenha pego a mentira* *ou então diga que não foi aquele*

homem). Esse ponto de vista foi constituído pela integração dos conteúdos textuais de S43 (mas não encontraram o anel de diamantes. E a donzela disse) e de seqüências anteriores com o conhecimento de mundo da participante, os quais a autorizam a inferir duas hipóteses passíveis de continuação textual: (i) falar a verdade, já que não encontrou o anel de diamantes e um homem já morreu; (ii) continuar com a mentira.

Na S45, surgem, ainda, dois movimentos opositivos que enfraquecem o argumento da participante ao elaborar as duas hipóteses (falar a verdade e continuar mentindo). O primeiro movimento opositivo, marcado pelo indicador modal TALVEZ, enfraquece a primeira hipótese. Esse movimento demonstra que a natureza das inferências preditivas é constituída pela elaboração de argumentos, que podem ser refutados, ajustados ou confirmados posteriormente. Por causa da natureza argumentativa das inferências de predição, a participante elabora os movimentos de oposição que são constituídos pela negociação entre as hipóteses passíveis de compreensão textual, indicando a presença de vozes dialógicas (heteroglossia) nessa constituição.

O segundo movimento opositivo presente em S45 é marcado pelo operador argumentativo OU ENTÃO, que apresenta outra possibilidade de continuação do texto no ponto de vista da participante. Isso enfraquece o seu argumento (...ou então diga que não foi aquele homem).

Na S47, na explicitação das bases geradoras da inferência de predição constituídas pelos fundamentos do ponto de vista (J) de S45, a participante demonstra não concordar com a atitude da donzela (mentira), ao avaliar que o melhor seria a donzela contar a verdade (*porque (+) seria o lógico (+) pra ela*

dizer (+) se bem que eu acho mais que ela vai dizer que não era aquele homem (+) já que o anel não tava com ele (+) porque se não a história já vai terminar). A participante utiliza, então, suas crenças e valores sociais ao explicitar, inicialmente, o que seria mais sensato (lógico) na continuação da narrativa. Essa explicação inicial são as bases geradoras da primeira idéia (hipótese) desenvolvida no ponto de vista de S45 (inferência de predição). Posteriormente, ela aponta em direção às bases geradoras da segunda idéia do ponto de vista (inferência de predição), ao propor que, para ter continuidade do texto, provavelmente, a donzela continue com a mentira. Percebe-se, na constituição dessa justificativa, o apoio no conhecimento de mundo, principalmente no conhecimento prévio de leitura, que a autoriza a realizar negociação para a constituição do seu argumento. Ela é iniciada pelo operador argumentativo PORQUE e marcada pelo operador argumentativo JÁ QUE, que tem a função de indicar a presença da própria justificativa.

Na S47, os movimentos opositivos indicam a apreciação da participante na constituição do argumento, ao realizar a negociação com as diversas vozes dialógicas. O primeiro movimento opositivo, marcado pelo verbo SERIA, põe em dúvida a primeira idéia elaborada no ponto de vista (inferência de predição) de S45 (...seria o lógico (+) pra ela dizer...). Esse movimento opositivo ajuda a demonstrar que a primeira hipótese elaborada pela participante não é a única passível de continuação e que a participante não assume a responsabilidade pelo seu argumento, que se mostra enfraquecido.

O segundo movimento opositivo aparece marcado pelo verbo ACHO, marcador discursivo, que enfraquece o seu argumento, quando ela demonstra que existem

outras possibilidades de continuação textual (*se bem que eu acho mais que ela vai dizer que não era aquele homem*).

No argumento da participante, constitutivo da inferência de predição, o que parece prevalecer são as idéias focais do texto relativas “à verdade” e sua oposição (a mentira). A posição avaliativa da participante em direção à desaprovação da atitude da donzela parece entrar em consonância com seus valores sociais e crenças. A participante é uma adolescente de classe socioeconômica média, estudante universitária, que, de acordo com sua história, não concorda com posições que violem as normas da sociedade atual, como é o caso das mentiras e mortes expostas no texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S50): -Agora me lembro, não era um homem eram dois.	(S51): qual será a continuação do texto?	(S52): <i>bom provavelmente (MO) vão atrás do outro homem (inferência de predição/PV).</i>
	(S53): como você chegou a essa idéia?	(S54): <i>porque se eram dois e eles já mataram um só sobrou um (+) homem pra eles matarem (base geradora/J).</i>

A inferência preditiva da S52 é constituída pela conclusão do argumento – ponto de vista da participante (*bom provavelmente vão atrás do outro homem*). Para geração dessa inferência acerca da continuidade do texto, houve a contribuição indispensável dos conteúdos textuais anteriores que levam a sugerir que, se a donzela disse que havia outro homem, o pai e os irmãos irão atrás desse outro.

Na S52, há um movimento opositivo que enfraquece o argumento da participante, marcado pelo indicador de modal (marcador discursivo) PROVAVELMENTE.

Esse movimento opositivo põe em dúvida o ponto de vista dela, demonstrando que ela assume existirem outras alternativas de continuação do texto.

Na S54, leva em consideração o conteúdo textual anterior de que o pai e os irmãos da donzela acharam e mataram o primeiro homem e infere que eles vão atrás do outro homem. O conhecimento de mundo (matemático) autoriza a participante a explicitar, nas bases geradoras da inferência de predição, que, se já mataram um homem, sobrou apenas um homem (*porque se eram dois e eles já mataram um só sobrou um (+) homem pra eles matarem*). Os retornos ao conteúdo textual anterior nas verbalizações da leitora parecem demonstrar que a compreensão não ocorre linearmente, pois são necessários movimentos retrospectivos nos conteúdos textuais anteriores e prospectivos com a ajuda do conhecimento de mundo, para o processo de compreensão textual se estabelecer. Assim, a S54 é formada pela justificativa que aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, marcador do próprio fundamento do ponto de vista.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S55): E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem, e	(S56): qual será a continuação do texto?	(S57): <i>provavelmente</i> (MO) acharam o segundo homem (inferência de predição/PV).
	(S58): como você chegou a essa idéia?	(S59): <i>eu cheguei a essa idéia (+) sei lá (+) a forma que eu tô estruturando o que eu já li dentro (+) da minha cabeça assim (+) que eu tô meio que realizando (+) a continuação e o final da história na minha cabeça (base geradora/J).</i>

Na S57, a inferência de predição gerada pela participante é formada pela conclusão do argumento (PV) elaborado pela participante (*provavelmente acharam o segundo homem*). Esse ponto de vista foi elaborado dialogicamente pela avaliação do conteúdo textual já lido, que contém informações sobre a atitude do pai e dos irmãos da donzela com o primeiro homem.

Há, na S57, um movimento opositivo marcado pelo indicador modal PROVAVELMENTE (marcador discursivo), que enfraquece a posição da participante acerca da continuação da história. O movimento opositivo põe em dúvida o argumento (inferência) gerado na antecipação do texto, que propõe ser esse argumento apenas uma das possibilidades de continuação.

Na S59, a participante explicita a base geradora da inferência de predição, que é constituída pelos fundamentos do seu ponto de vista – justificativa (*eu cheguei a essa idéia (+) sei lá (+) a forma que eu tô estruturando o que eu já li dentro (+) da minha cabeça assim (+) que eu tô meio que realizando (+) a continuação e o final da história na minha cabeça*). Ao aludir à estruturação interna (na cabeça), a participante parece referir-se a uma negociação com o conteúdo textual já lido e não lido para chegar ao final da história. Portanto, considera-se que a leitora precisou realizar uma avaliação e dialogar com as vozes dialógicas, voltando ao conteúdo textual já lido, para elaborar o seu argumento. Essa dialogia parece ser inerente à compreensão textual, que é constituída não apenas pela representação na mente do leitor que acessa o conhecimento estocado na memória. O processo inferencial de natureza preditiva parece ser constituído argumentativamente, para o qual é necessário o leitor negociar com as vozes dialógicas, para antecipar a sua hipótese sobre a continuação do texto.

No caso da S59, parece existir atividade de natureza metacognitiva, em que a participante procura explicitar conscientemente algumas estratégias utilizadas no momento da leitura.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S60): o encontraram e o mataram, mas ele não tinha o anel. E a donzela disse:	(S61): qual será a continuação do texto?	(S62): bom <u>provavelmente</u> (MO) ela deve ter inventado outra mentira né que ela vai ser mentirosa (inferência de predição/PV).
	(S63): como você chegou a essa idéia?	(S64): ã::: sei lá pela primeira vez que ela (+) disse que (+) <u>talvez</u> (MO) (+) pela minha construção eu esperava que ela fosse dizer a verdade, mas não é como se ela não tivesse se importado (+) é com a morte do primeiro homem que ela sabia que (+) ((ININTELIGÍVEL)) os dois homens tinham saído pra procurar o outro homem, e, se eles achassem, ia matar. Aí eu <u>acho</u> que (+) por isso que eu <u>acho</u> (MO) que ela (+) diria outra mentira (base geradora/J).
	(S65): o que você está pensando?	(S66): novamente como é que ela vai desenvolver essa mentira, porque é uma coisa que tá crescendo.

Na S62, a participante gera uma inferência de predição, antecipando a continuação do texto (*bom provavelmente ela deve ter inventado outra mentira né que ela vai ser mentirosa*). Essa inferência preditiva foi gerada pelas operações argumentativas que emergem na negociação para escolha dessa hipótese, em detrimento das demais possibilidades de continuação textual, e é constituída pela conclusão do argumento (PV) da participante. Para realizar a negociação, a participante precisou integrar o conteúdo textual a suas crenças e valores sociais (vozes), realizando, inclusive, avaliação negativa da atitude da donzela, imprimindo a marcação de que a donzela é mentirosa. Sendo assim, pelas suas

experiências pessoais, a mentira parece não ser uma atitude “boa”, há, portanto, dimensão axiológica negativa da personagem da narrativa. O conteúdo textual ajuda na elaboração da predição – na medida em que a participante negocia com o conteúdo já lido – de que já houve uma mentira, então ela infere que a donzela vai inventar outra mentira.

Na S62 há um movimento opositivo marcado pelo modal PROVAVELMENTE (marcador discursivo), que indica haver enfraquecimento do argumento da participante (“...*provavelmente ela deve ter inventado outra mentira...*”). Ao enfraquecer seu argumento, a participante admite a existência de outras possibilidades de continuação do texto.

Na S64, surge a base geradora da inferência de predição (PV), elaborada em forma de fundamento do ponto de vista – justificativa (...*talvez (+) pela minha construção, eu esperava que ela fosse dizer a verdade, mas não é como se ela não tivesse se importado (+) é com a morte do primeiro homem que ela sabia que (+) ((ININTELIGÍVEL)) os dois homens tinham saído pra procurar o outro homem, e, se eles achassem, ia matar. Aí eu acho que (+) por isso que eu acho que ela (+) diria outra mentira*). Essa justificativa parece ser constituída a partir de avaliações da participante, em que ela explicita que sua hipótese elaborada em S45 foi refutada. A negação da hipótese de S45 (*eu esperava que ela fosse dizer a verdade*) foi construída com apoio nas crenças e nos valores da participante, que faz uma avaliação negativa da atitude da donzela, que é mentirosa (...*mas não é como se ela não tivesse se importado (+) é com a morte do primeiro homem...*).

Na S64, surgem movimentos opositivos indicados por dois marcadores discursivos: o modal TALVEZ e o verbo ACHO. Esses movimentos enfraquecem o argumento da participante, que indica existirem alternativas de continuação do texto, inclusive, demonstra que uma das suas hipóteses anteriores foi refutada. A natureza essencialmente argumentativa das inferências pode ser percebida pela presença das operações argumentativas, que ajudam a constituir a predição. Durante a geração dessas inferências, surgem atividades negociativas da leitora, que precisa escolher uma das diferentes alternativas de continuidade, a fim de produzir sentidos ao texto. Assim, no processo de compreensão, a participante elabora hipóteses, avalia-as, testa-as as quais serão refutadas ou confirmadas.

O ponto de vista (inferência de predição) gerado em S62 aparece novamente em S64, demonstrando ser a hipótese escolhida pela participante (...*por isso que eu acho que ela (+) diria outra mentira*). Esse ponto de vista vem introduzido pelo marcador de conclusão POR ISSO, que indica ser a retomada do ponto de vista em forma de conclusão (fechamento).

Há, no final da S64, um movimento opositivo marcado pelo verbo dizer no futuro do pretérito, DIRIA, que ajuda a reforçar que a predição elaborada é apenas uma das possibilidades de continuação e enfraquece o argumento da participante.

A verbalização da participante na S66 foi desencadeada pela pergunta 3. Entretanto, ressalte-se aqui que as enunciações da participante referentes à pergunta 3 (**o que você está pensando?**) não foram analisadas, pois não acrescentaram informações acerca das bases geradoras das inferências de predição. Ressalte-se que a resposta a essa pergunta, muitas vezes, ajudou a

reforçar os argumentos já elaborados. Diante disso, não houve análise das respostas à pergunta 3 em nenhuma das seqüências discursivas.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S67): - Então está com o terceiro!	(S68): qual será a continuação do texto?	(S69): <i>novamente eles (+) ou (+) eles eles vão atrás do terceiro, <u>mas</u> (MO) aí já tá começando a ficar estranho, porque (+) an/ era um, depois eram dois e agora já são três né. Aí eu <u>acho</u> (MO) que já vão começar a desconfiar, achar estranho (inferência de predição/PV).</i>
	(S70): como você chegou a essa idéia?	(S71): <i>porque::: a pessoa não tem certeza por quantos homens foi assaltadas (+) foi assaltado (+) é meio estranho é sei lá é lógica (+) é uma coisa meio puxada (+) assim sei lá pra/ pro dia-a-dia uma coisa assim (Base geradora/J).</i>

Os conteúdos textuais anteriormente lidos são cruciais para que haja a continuação da leitura, autorizam a participante a antecipar suas hipóteses acerca da continuação do texto. Ela elabora a predição de que eles (pai e irmãos da donzela) vão à procura do terceiro, já que eles procuravam mais dois (...*novamente eles (+) ou (+) eles eles vão atrás do terceiro...*). Entretanto, a participante antecipa também sua estranheza de haver um terceiro homem, fazendo uma avaliação acerca da reação dos personagens que vão começar a desconfiar da donzela (...*mas aí já tá começando a ficar estranho porque (+) an/ era um, depois eram dois e agora já são três né. Aí eu acho que já vão começar a desconfiar, achar estranho*). Essa estranheza da participante contribui para que ela ajuste o seu argumento, ao predizer que o pai e os irmãos da donzela começariam a desconfiar.

Na S69, surgem movimentos opositivos, marcando a estranheza explicitada pela participante de que existe mais um ladrão (na história da donzela). O primeiro movimento é indicado pelo operador argumentativo MAS, marcando a avaliação negativa da participante acerca da mentira contada pela donzela (*...mas aí já tá começando a ficar estranho porque (+) an/ era um, depois eram dois e agora já são três...*). O outro movimento é marcado pela enunciação ACHO, que enfraquece o argumento da participante ao indicar que sua predição é apenas uma possibilidade de continuação do texto.

Esses movimentos opositivos são indicativos de que a argumentação desempenha papel crucial na constituição da compreensão textual, pois, ao elaborar a inferência de predição, o leitor precisa elaborar um argumento, que surge pela necessidade de negociação dentre as diversas possibilidades de continuação do texto, para escolher a sua predição.

Ao explicitar a base geradora de inferência preditiva na S71, percebe-se a presença da apreciação da participante nos fundamentos do ponto de vista (J) – (*porque::: a pessoa não tem certeza por quantos homens foi assaltadas (+) foi assaltado (+) é meio estranho é sei lá é lógica (+) é uma coisa meio puxada (+) assim sei lá pra/ pro dia-a-dia uma coisa assim*). A apreciação foi realizada pela avaliação negativa da atitude da donzela: a donzela não tinha certeza da quantidade de homens que participaram do assalto. Para elaborar esses fundamentos do ponto de vista (J), a participante dialoga com suas experiências pessoais, crenças e valores, provavelmente acerca do comportamento das pessoas quando mentem e sobre situações específicas de assalto (geralmente se

sabe por quantas pessoas o indivíduo foi assaltado). Essa justificativa vem introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S72): Pois se lembrara que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela	(S73): qual será a continuação do texto?	(S74): (++) <u>acho</u> (MO) que fizeram alguma coisa né, foram atrás de novo (inferência de predição/PV).
	(S75): como você chegou a essa idéia?	(S76): porque toda vez são eles que tomam alguma atitude. Eles fizeram alguma coisa, foram atrás do homem (base geradora/J).

Na S74, a participante parece ter desencadeado atividade negociativa para escolha do seu ponto de vista, para a qual foram essencial a participação e a integração do conteúdo textual com a experiência pessoal (acho que fizeram alguma coisa né, foram atrás de novo). Ao inferir que os personagens (pai e irmãos da donzela) foram à procura de novo, a participante dialogou com o conteúdo textual anterior de que o pai e os irmãos da donzela já tinham ido à procura (dos assaltantes) duas vezes, elaborando a constituição de sentidos ao texto. Essa repetição de acontecimentos da narrativa, sugerida pela participante, aparece marcada pela verbalização da enunciação DE NOVO.

Há, na S74, um movimento opositivo indicado pelo marcador discursivo ACHO que demonstra existirem múltiplas possibilidades (vozes dialógicas) de continuação do texto. O movimento opositivo enfraquece o argumento da participante, pondo-o em dúvida.

A base geradora da inferência de predição, verbalizada pela participante na S76, demonstra que a inferência foi elaborada com base no conteúdo textual já lido

(porque toda vez são eles que tomam alguma atitude. Eles fizeram alguma coisa, foram atrás do homem). Para explicitar as bases geradoras, a participante precisou elaborar os fundamentos de ponto de vista (J), operação argumentativa crucial na geração do ponto de vista. Portanto, ao gerar uma inferência de predição, a leitora precisou elaborar seu argumento, sendo os elementos argumentos essenciais na geração das inferências preditivas. A natureza da inferência de predição é, então, essencialmente argumentativa, pois o leitor precisa negociar com as possibilidades de continuação de texto para realizar sua escolha. A justificativa ao ponto de vista vem introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, marcando o aparecimento da própria justificativa.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S77): saíram no encalço do terceiro assaltante e o encontraram no bosque.	(S78): qual será a continuação do texto?	(S79): <u>provavelmente</u> (MO) mataram como fizeram com o primeiro e com o segundo (inferência de predição/PV1).
	(S80): como você chegou a essa idéia?	(S81): eu cheguei a essa idéia, porque eles fizeram isso com o primeiro e com o segundo (base geradora/J) (+) bom talvez (MO) não tenham feito isso, porque assim acho (MO) que primeiro eles resolveram achar o anel pra depois matar o homem, né (inferência de predição /PV2).
	(S82) Milena: o que você está pensando?	(S83) Milena: eles vão antes pensar né já que mataram dois homens é em (+) procurar o anel antes.

A inferência de predição elaborada na S79 remete aos conteúdos textuais anteriores e é constituída pelo ponto de vista da participante (provavelmente mataram como fizeram com o primeiro e com o segundo). Ao expor seu ponto de

vista, ela prediz que os personagens (pai e irmãos da donzela) matarão o terceiro homem, como fizeram com os anteriores.

Existe, na S79, um movimento opositivo marcado lexicalmente pelo marcador discursivo (modalizador) PROVAVELMENTE, que enfraquece o argumento da participante. Nesse sentido, ao enfraquecer seu argumento, ela indica que o ponto de vista é apenas uma das possibilidades de continuação textual.

Na S81, a participante verbaliza as bases geradoras de sua inferência preditiva ao demonstrar o fundamento de seu ponto de vista (J): *porque eles fizeram isso com o primeiro e com o segundo*. Esse fundamento do ponto de vista aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE.

A participante gera, na S81, outro ponto de vista, que se contrapõe ao seu argumento anterior (PV1), acrescentando outros elementos ao PV1 (*bom talvez não tenham feito isso, porque assim acho que primeiro eles resolveram achar o anel pra depois matar o homem, né*). A idéia acrescida é a possibilidade de eles (pai e irmãos da donzela) procurarem, primeiro, o anel; depois, matar.

Na S81, a participante gera movimentos opositivos que enfraquecem o seu argumento, mesmo após acrescer informações no PV2. O primeiro movimento opositivo, marcado pelo indicador modal (marcador discursivo), enfraquece o PV1, ao sugerir que pode haver outra possibilidade de continuação. O segundo movimento opositivo, que aparece marcado pela enunciação verbal ACHO, introduz outra informação à conclusão de seu argumento, entretanto, de forma enfraquecida, pois indica ser apenas uma possibilidade de continuação. Os movimentos opositivos ajudam a evidenciar a presença da dialogicidade, em que

a leitora parece fazer uma apreciação ao realizar suas predições, negociando entre as diversas possibilidades de fazer sentido ao texto (heteroglossia).

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S84): Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue. E trouxeram para a aldeia, e	(S84): qual será a continuação do texto?	(S86): eu <u>acho</u> (MO) colocaram ele (+) é (+) <i>diante dela pra ver se ela o reconhecia</i> <u>ou então</u> (MO) <i>procuraram o anel ne/ nele foi alguma coisa assim (inferência de predição/PV).</i>
	(S87) Milena: como você chegou a essa idéia?	(S88) Milena: (++) <i>porque assim se o se o pegaram da floresta e o levaram pra (+) aldeia, é porque alguma coisa eles querem descobrir (+) antes de matar</i> <u>ou tipo</u> (MO) (++) <i>sem precisar matar ele (base geradora/J).</i>

Na S86, a inferência de predição consiste na conclusão do argumento (PV) da participante, o qual foi elaborado pela geração de duas hipóteses de continuação. O seu ponto de vista foi elaborado com o auxílio do conteúdo textual já lido e das experiências pessoais, os quais a autorizaram a inferir preditivamente que eles (pai e irmãos da donzela) não mataram o terceiro homem e iram tentar descobrir a verdade (*eu acho colocaram ele (+) é (+) diante dela pra ver se ela o reconhecia ou então procuraram o anel ne/ nele foi alguma coisa assim*). Percebe-se que o eixo norteador da narrativa (verdade) surge durante a leitura, que sugere uma situação dialógica, aparecendo os dois pólos opostos (verdade x mentira). O conhecimento prévio da participante sobre gêneros discursivos saturados de seqüências narrativas a ajudaram a inferir que a verdade prevaleceria, provavelmente a partir do conhecimento de que, nas histórias, o “bem” impera, há um final feliz (...e foram felizes para sempre). Além dessa primeira idéia, a participante elabora argumentativamente outra possibilidade de continuação de

texto na sua predição qual seja: eles iriam procurar o anel no terceiro homem. Para a produção de sentidos do texto, a participante utiliza suas crenças e valores sociais, predizendo que a verdade deve aparecer, é preciso procurar o anel, já que ele está perdido.

Há, na S86, dois movimentos opositivos gerados pela participante que ajudam a corroborar a hipótese de que a compreensão textual é constituída pela negociação entre as diversas vozes dialógicas. Esses movimentos aparecem marcados pela expressão dialógica ACHO e pelo operador argumentativo OU ENTÃO. Ambos ajudaram a enfraquecer a primeira idéia desenvolvida pela participante no seu ponto de vista (*eu acho colocaram ele (+) é (+) diante dela pra ver se ela o reconhecia...*), apresentando a segunda possibilidade de desenvolvimento do texto (*ou então procuraram o anel ne/ nele foi alguma coisa assim*). O enfraquecimento de uma hipótese e apresentação de outra hipótese no ponto de vista da participante ajudam a corroborar a hipótese do presente estudo da necessidade de negociação entre alternativas de continuação do texto.

Na S88, a participante verbaliza as bases geradoras da sua inferência preditiva ao elaborar o fundamento do seu ponto de vista – justificativa (*porque assim se o se o pegaram da floresta e o levaram pra (+) aldeia, é porque alguma coisa eles querem descobrir (+) antes de matar ou tipo (++) sem precisar matar ele*). A justificativa (S88) vem introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, marca a presença dela. Sendo assim, a experiência pessoal da participante, traduzida por seus valores sociais e crenças, a autoriza a inferir que, se eles (personagens) levaram o homem para a aldeia, é porque queriam descobrir a verdade (eixo norteador da narrativa). Para a participante, as histórias devem sempre favorecer

os valores morais e éticos da nossa sociedade, não se admitem histórias com o final triste. Essa visão romantizada e ética das histórias advém da própria história pessoal da participante: adolescente, de classe socioeconômica média, estudante de uma universidade humanista, membro de uma família que valoriza a moral, inclusive protegida pela mãe.

Na S88, há um movimento opositivo indicado pelo marcador discursivo OU TIPO, que acrescenta ao argumento a possibilidade de não haver mais mortes (*ou sem precisar matar*). Essa outra possibilidade remete à avaliação da participante sobre a continuidade do texto, demonstrando uma marcação axiológica negativa dos personagens da narrativa.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S89): o revistaram, e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela para o espanto dela.	(S90): qual será a continuação do texto?	(S91): <u>acho</u> (MO) que como dessa vez encontraram (+) <u>acho</u> (MO), que dessa vez eles vão matar, achando que tão (++) sendo justos (+) e acreditando na história dela (inferência de predição/PV).
	(S92): como você chegou a essa idéia?	(S93): porque se já mataram os outros dois sem ter a certeza de que eles estavam com anel esses, que ele que/ eles tem a certeza quem sabe ((ININTELIGÍVEL)) esse que eles tem a certeza eles vão matar (base geradora/J).
	(S94): o que você está pensando?	(S95): se eles vão matar realmente se não vão (+) sei lá (+) tentar (+) saber a verdade (+), conversar com ele.

S91, a participante remete ao conteúdo textual (como os personagens encontraram o anel no bolso do homem) para inferir, com base na sua experiência pessoal, que eles vão matar, pensando que estão sendo justos (acho que como dessa vez encontraram (+) acho que dessa vez eles vão matar

achando que tão (++) sendo justos (+) e acreditando na história dela). Nesse ponto de vista, parece haver avaliação da participante quanto às questões relativas a crenças e a valores: ela verbaliza a idéia de justiça, demonstrando valoração negativa das mortes dos homens. A participante faz uma marcação axiológica negativa da atitude tanto do pai e irmãos quanto da donzela, ao inferir que a trama irá continuar na mesma direção (mortes e mentiras), mas com um adicional – a presença do anel de diamantes.

Na S91, existem movimentos opositivos marcados pela expressão verbal ACHO (marcador discursivo), que enfraquece o ponto de vista da participante, demonstrando ser apenas possibilidade de continuação do texto. Sugere-se que existe atividade dialógica na geração da inferência preditiva, pois a leitora parece considerar outras perspectivas para a continuação do texto.

Na S93, a participante verbaliza as bases geradoras da inferência de predição mediante a explicitação do fundamento da geração da inferência preditiva (*porque se já mataram os outros dois sem ter a certeza de que eles estavam com anel esses que ele que/ eles tem a certeza quem sabe ((ININTELIGÍVEL)) esse que eles tem a certeza eles vão matar*). Há nessa justificativa do ponto de vista a explicitação da avaliação negativa das ações e dos personagens da narrativa, pois a participante indica que eles (pai e irmãos) vão matar o terceiro homem, já que o anel apareceu. A justificativa aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, que marca a presença dela.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S96): - Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo, e	(S97): qual será a continuação do texto?	(S98): <i>(++) a punição que eles vão dar pra eles (inferência de predição/PV).</i>
	(S99): como você chegou a essa idéia?	(S100): <i>porque alguma coisa vão fazer (base geradora/J).</i>

Na S96, a produção de sentidos para a continuação do texto remete à idéia de punição do culpado (o homem), já que existem provas contra ele (o aparecimento do anel).

Na S100, há a verbalização da base geradora da inferência de predição como fundamento (justificativa) do ponto de vista, o que indica que haverá uma ação (*porque alguma coisa vão fazer*). Esse fundamento do ponto de vista vem introduzido pelo operador argumentativo PORQUE, marcando a presença da própria justificativa. Esta é construída com base no conhecimento prévio sobre gêneros discursivos saturados de seqüências narrativas. Isso demonstra que as narrativas são caracteristicamente organizadas por ações.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S101): a deixou desfalecida – gritaram os aldeões – Matem-no!	(S102): qual será a continuação do texto?	(S103): <i>eu acho (MO) que ela vai fazer alguma coisa (+) vai dizer a verdade (inferência de predição/PV1) (+) porque já morreram duas pessoas injustamente (base geradora/J para PV1).</i>
	(S104): como você chegou a essa idéia?	(S105): <i>sei lá (MO) porque dessa vez ela tá presente e ela pode fazer alguma coisa ((ININTELIGÍVEL)) ou não (MO), ela pode mentir (inferência de predição/PV2), porque, se ela dizer a verdade, ela vai ser culpada ((ININTELIGÍVEL)) pelas duas mortes (base geradora/J para PV2).</i>

	(S106): o que você está pensando?	(S107): (++) <i>se vão matar ou não o homem.</i>
--	--	---

Na S103, a predição consiste no argumento (ponto de vista e justificativa) e no contra-argumento (MO). O PV1 (S103) apresenta a própria inferência de predição, elaborada com apoio das crenças e valores morais da participante (*eu acho que ela vai fazer alguma coisa (+) vai dizer a verdade*). O fundamento do PV1 (base geradora da inferência de predição) é elaborado pela avaliação negativa das ações dos personagens da narrativa (“... *já mataram duas pessoas injustamente*”). Esse fundamento do PV1 aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE, marcando a presença da própria justificativa.

Na S103, existe um movimento opositivo, marcado pela enunciação ACHO, que enfraquece o argumento da participante, o que demonstra haver alternativas de continuidade textual.

Na S105, surge outro argumento composto pelas operações argumentativas: ponto de vista, justificativa e movimento opositivo, que desencadeiam a inferência de predição. O ponto de vista (PV2) foi constituído por duas possibilidades de continuação do texto: (i) a donzela contar a verdade; (ii) continuar mentindo (*sei lá porque dessa vez ela tá presente e ela pode fazer alguma coisa ((ININTELIGÍVEL)) ou não ela pode mentir...*). Nessas possibilidades, consideradas pela participante como passíveis de continuação, surgem o eixo norteador da narrativa (verdade).

A verbalização da base geradora da inferência de predição de S105 refere-se ao fundamento do ponto de vista (J): *...porque, se ela dizer a verdade, ela vai ser*

culpada ((ININTELIGÍVEL)) pelas duas mortes. Esse fundamento do ponto de vista foi elaborado pela participante a partir dos seus valores morais, que sugerem a necessidade de a verdade aparecer para haver punição da culpada – a donzela. Essa justificativa indica que a participante faz uma apreciação, considerando ser a atitude da donzela negativa e ela não ter saída, já que as narrativas têm geralmente um final feliz. A justificativa para PV2 também aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Na S105, surge um movimento opositivo que enfraquece o argumento da participante, sugerindo que sua inferência de predição é uma das possibilidades de continuação do texto. Esse movimento aparece indicado pelo operador argumentativo OU NÃO.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S108): - Esperem! Gritou o homem, no momento	(S109): qual será a continuação do texto?	(S110): (+) eu <u>acho</u> (MO) que ele (+) va/ vai tentar se defender (++) já que ele tem consciência de que ele não roubou o anel que ele achou (inferência de predição/PV).
	(S111): como você chegou a essa idéia?	(S112): porque se ele (+) ficou (+), ele vai se defender por mais que saiba que existe uma culpada; ele numa situação dessa, o normal é que ele vá se defender mesmo que seja com uma mentira (base geradora/J).

Na S110, a inferência de predição da participante foi gerada argumentativamente e é constituída do ponto de vista elaborado pela participante (*eu acho que ele (+) va/ vai tentar se defender (++) já que ele tem consciência de que ele não roubou o anel que ele achou*). Nessa inferência, a experiência pessoal da participante aliada ao conteúdo do texto já lido a autoriza a predizer que, como o homem é

inocente (conforme já apontado nos conteúdos textuais anteriores), ele vai tentar defender-se.

Na S110, há um movimento de oposição que surge marcado pela enunciação ACHO (marcador discursivo), propiciando o enfraquecimento do argumento da participante, que considera outras perspectivas de continuação. A negociação entre alternativas de continuação do ponto de vista/inferência (S110) demonstra que a compreensão textual é constituída argumentativamente, para a qual as inferências de predição são essenciais.

Na S112, a participante explicita a base geradora da inferência de predição, que é constituída pelo fundamento do ponto de vista – justificativa (*porque se ele (+) ficou (+), ele vai se defender por mais que saiba que existe uma culpada; ele numa situação dessa, o normal é que ele vá se defender mesmo que seja com uma mentira*). O fundamento utilizado para o argumento (tentativa de defesa pelo homem, contando outra mentira) refere-se ao fato de o homem ter visto o anel ser levado pelas águas – atitude de defesa esperada (normal) de uma pessoa que não é culpada. A justificativa para o ponto de vista aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, marcado posteriormente pelo operador MESMO QUE, que assinala a avaliação da participante em defesa do homem inocente (*...defender mesmo que seja com uma mentira*).

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S113): em que passavam a corda da	(S114): qual será a continuação do texto?	(S115): (++) <u>acho</u> (MO) que as pessoas no primeiro momento não vão acreditar nele (inferência de predição/PV).

<p>força pelo seu pescoço. – Eu não roubei o anel.</p>	<p>(S116): como você chegou a essa idéia?</p>	<p>(S117): <i>porque:: é a palavra de um homem, de um simples homem que foi encontrado na floresta, contra a dela (base geradora/J).</i></p>
--	---	--

Na S115, a participante gera uma inferência de predição constituída pela elaboração de um ponto de vista (*acho que as pessoas no primeiro momento não vão acreditar nele*).

Há, na S115, um movimento opositivo indicado pelo marcador discursivo ACHO, que enfraquece o argumento desenvolvido pela participante. Assim, esta parece considerar que existem outras possibilidades de continuação do texto; sua hipótese é apenas uma das alternativas de continuidade.

Na S117, ela explicita as bases geradoras de sua inferência de predição, que é formada pela justificativa (fundamento do PV): *porque:: é a palavra de um homem de um simples homem, que foi encontrado na floresta, contra a dela*. A participante explicita, então, o que está fundamentando a sua inferência de predição: suas experiências anteriores, que a autorizam a inferir que as pessoas não vão acreditar no homem. Desse modo, o que está na base de suas idéias é a crença de que geralmente quem leva vantagem é quem tem condições socioeconômicas melhores – o homem era pobre, as pessoas não iriam acreditar nele. Para elaborar essa justificativa, a participante utiliza, então, seu conhecimento sobre o favorecimento de pessoas com nível socioeconômico alto, muito comum em nossa sociedade. Ela, ao elaborar essa justificativa, faz uma avaliação (negativa) da situação exposta na narrativa. A justificativa aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE, marcando a presença da própria justificativa.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S118): Foi ela que me deu! E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos.	(S119): qual será a continuação do texto?	(S120): <i>ai, meu Deus (+), acho (MO) que::: (++) ela vai negar e daí vai dizer a verdade, o que aconteceu tudinho (inferência de predição/PV).</i>
	(S121): como você chegou a essa idéia?	(S122): <i>porque:: ele também tá mentindo feito ela, então (+) é realmente pra ficar indignada diante de uma mentira e pra ((ININTELIGÍVEL)) ela vai acabar contando a verdade (base geradora/J).</i>
	(S123): o que você está pensando?	(S124): (+++) na reação dela é que estou pensando.

Na S118, começa a ser desenvolvida a mentira do homem, uma das idéias centrais da narrativa. Na S120, a inferência de predição foi gerada argumentativamente e é formada do ponto de vista da participante acerca da continuidade do texto. Ao elaborar o seu ponto de vista, a participante utiliza o conteúdo textual de S118 aliado a sua experiência de mundo (historicidade), especificamente a idéia de que a verdade deve prevalecer no desfecho da história (...*acho que::: (++) ela vai negar e daí vai dizer a verdade, o que aconteceu tudinho*).

Há, na S120, a presença de um movimento opositivo marcado pela expressão ACHO (marcador discursivo), que indica o enfraquecimento do argumento da participante, ao considerar outras possibilidades de continuidade textual.

O fundamento do ponto de vista (justificativa), verbalizado na base geradora da inferência de predição em S122, demonstra que a participante realiza avaliação negativa da atitude dos personagens (*porque:: ele também tá mentindo feito ela,*

então (+) é realmente pra ficar indignada diante de uma mentira e pra ((ININTELIGÍVEL)) ela vai acabar contando a verdade). Essa apreciação negativa é elaborada pelo conflito tenso entre a verdade (defesa principal da participante) e a mentira, sugerindo, assim, que a compreensão textual é uma atividade responsiva ativa (no sentido bakhtiniano do termo). O fundamento do ponto de vista aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S125): O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pensando,	(S126): qual será a continuação do texto?	(S127): (+++) <u>acho</u> (MO) que ele vai contar (+) é (+) assim como é que ele/ o que que ele tava fazendo e ele a viu lá; eu <u>acho</u> (MO) que é isso que ele vai contar, tipo (+) como se fosse uma meia verdade verdade verdade (inferência de predição/PV), porque ela também tava no riacho é uma mentira que ((ININTELIGÍVEL)) deu o anel pra ela (base geradora/J).
	(S128): como você chegou a essa idéia?	(S129): porque assim (+), se ele tava no riacho e ela tava no riacho, ele viu alguma coisa (+) e tipo pra ele não ser acusado porque se ele (+) viu a moça perdendo o anel (+) e ficou de certa forma é um pouco (+) é um/ uma coisa assim (+) é uma:: os anéis ficaram então pra não ser tão culpado ele vai dizer que ela deu (base geradora/J).

Na S127, a participante elabora um argumento (ponto de vista e justificativa) e um movimento opositivo ao predizer a continuidade do texto (...acho que ele vai contar (+) é (+) assim como é que ele/ o que que ele tava fazendo e ele a viu lá; eu acho que é isso que ele vai contar, tipo (+) como se fosse uma meia verdade verdade verdade, porque ela também tava no riacho é uma mentira que ((ININTELIGÍVEL)) deu o anel pra ela). A inferência de predição é, então,

constituída da conclusão do argumento (ponto de vista). Ainda na S127, a participante elabora um dos fundamentos do seu ponto de vista, que é explicitado como base geradora da sua inferência de predição (...*porque ela também tava no riacho é uma mentira que ((ININTELIGÍVEL)) deu o anel pra ela*). Ao explicitar as bases geradoras da sua inferência de predição, a participante retoma os conteúdos textuais já lidos quando aponta que o homem (pescador) também está mentido. A participante realiza avaliação negativa do pescador, a qual a autoriza a inferir que possivelmente ele estava mentindo. Entretanto, a participante indica a possibilidade de que o pescador também estava no riacho, logo, uma “meia verdade”. Esse fundamento do ponto de vista (justificativa) aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE.

Na S127 há ainda um movimento opositivo marcado pela expressão ACHO, que enfraquece o argumento da participante o qual sugere que ela considera outras perspectivas de continuidade do texto.

Na S129, a participante verbaliza com mais detalhes as bases geradoras da inferência de predição, sformadas pelos fundamentos do ponto de vista – justificativa (*porque assim (+), se ele tava no riacho e ela tava no riacho, ele viu alguma coisa (+) e tipo pra ele não ser acusado, porque se ele (+) viu a moça perdendo o anel (+) e ficou de certa forma é um pouco (+) é um/ uma coisa assim (+) é uma:: os anéis ficaram então pra não ser tão culpado ele vai dizer que ela deu*). A justificativa elaborada sobre a defesa do homem remete ao fato de ele estar no riacho, ter visto a donzela perder o anel, conseqüentemente ele vai se defender. Esse fundamento do ponto de vista (defesa do pescador) aparece marcado pelo operador argumentativo PORQUE. Essa justificativa foi constituída

com base nos conteúdos textuais anteriores e no conhecimento prévio da participante, o que demonstra estar a participante constituindo a compreensão textual de forma adequada, sem perder o eixo norteador da narrativa – a verdade.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S130): quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo.	(S131): qual será a continuação do texto?	(S132): (+++) ((ININTELIGÍVEL)) coisa estranha (+) <u>talvez</u> (MO) eles tivessem se apaixonado (+) e ela deu (+) e que/ não poderiam mais se ver e ela deu o anel (+). Ele vai dizer, né, isso (+), que ela deu o anel pra (+) é/ pra ele não esquecer mais dela (inferência de predição/PV).
	(S133): como você chegou a essa idéia?	(S134): porque (+) é uma forma (+) que as pessoas têm (+) assim (+) na vida real de:: (+) serem lembradas (+), de querer lembrar das outras (+), é possuindo um objeto da outra pessoa (base geradora/J).
	(S135): o que você está pensando?	(S136): o que é tô pensando (+) é::: na reação dela mais uma vez diante da mentira dele.

Na S132, a participante inicia seu enunciado, demonstrando uma estranheza sobre o conteúdo textual de S130, e acaba por assumir que sua hipótese sobre a continuidade do texto elaborada em S127 havia sido refutada (*coisa estranha...*). Depois, ela elabora sua predição, constituída de um ponto de vista (...talvez eles tivessem se apaixonado (+) e ela deu (+) e que/ não poderiam mais se ver e ela deu o anel (+). Ele vai dizer, né, isso (+), que ela deu o anel pra (+) é/ pra ele não esquecer mais dela). Essa inferência de predição é constituída argumentativamente com a contribuição do conteúdo textual, sobretudo de S130. Ela integra, então, o conteúdo textual à própria experiência, os quais a autorizam a inferir que eles (donzela e pescador) se apaixonaram (...talvez eles tivessem se apaixonado (+) e ela deu (+) e que/ não poderiam mais se ver e ela deu o anel...).

Entretanto, a participante, ao monitorar sua compreensão, reforça, com base nos conteúdos textuais lidos anteriormente, que sua predição (paixão entre donzela e pescador) faz parte da mentira do pescador (...*ele vai dizer isso né...*).

Há, na S132, um movimento opositivo marcado pelo operador argumentativo TALVEZ, que enfraquece o argumento da participante, ao assumir outras possibilidades de continuação do texto.

Esses movimentos opositivos ajudam a reforçar a hipótese deste estudo de que a inferência de predição é constituída de operações argumentativas, o que demonstra existir argumentatividade inerente à inferência de predição pela necessidade de negociação de perspectivas.

Os fundamentos do ponto de vista (justificativa) constituem as bases geradoras da inferência de predição (*porque (+) é uma forma (+) que as pessoas tem (+) assim (+) na vida real de:: (+) serem lembradas (+), de querer lembrar das outras (+), é possuindo um objeto da outra pessoa*). Na S134, a participante demonstra que as bases geradoras da inferência de predição retomam a sua experiência pessoal, ao explicitar o que é mais comum no seu cotidiano: presentear alguém com um objeto pessoal para que seja sempre lembrado. Essa justificativa vem introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S137): Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse,	(S138): qual será a continuação do texto?	(S139): (+++) eu <u>acho</u> (MO) que:: (++) é isso que os dois se apaixonaram (+), que ele fez o que ela pediu, que os dois se apaixonaram, mas que depois ela não quis mais ele. Então ele:: (+) foi (+) e fez isso (+) nela, né, fez isso, deu o anel a ele (inferência de predição/PV).

	(S140): como você chegou a essa idéia?	(S141): (++) <i>sei lá, assim ((ININTELIGÍVEL)) que ela (+), digamos ela seria rica e ele pobre. Aí:: mas ele/ ela se apaixonou por ele na história dele, né, mas seria impossível (+). Então a/ assim a maior lembrança que ele poderia ter dela seria essa (base geradora/J).</i>
--	---	--

Na S137, a participante elabora uma inferência de predição, em que, ao mesmo tempo que confirma sua predição anterior, sugere a continuidade do texto (*eu acho que:: (++) é isso que os dois se apaixonaram (+), que ele fez o que ela pediu, que os dois se apaixonaram, mas que depois ela não quis mais ele. Então ele:: (+) foi (+) e fez isso (+) nela, né, fez isso, deu o anel a ele*). Essa inferência de predição constitui-se da conclusão do argumento da participante (PV). A participante conclui seu argumento ao inferir que a donzela deu o anel, porque não mais queria ficar com o pescador. Essa predição demonstra que a produção de sentidos do texto, durante a compreensão, não é desprovida da historicidade do leitor.

Há, na S137, um movimento opositivo marcado pela expressão ACHO, que, ao indicar que o argumento é apenas uma das possibilidades de continuação do texto, acaba por enfraquecê-lo.

As bases geradoras do ponto de vista são constituídas pelos fundamentos deste (J) (*...sei lá assim ((ININTELIGÍVEL)) que ela (+), digamos, ela seria rica e ele pobre. Aí:: mas ele/ ela se apaixonou por ele na história dele, né, mas seria impossível (+). Então a/ assim a maior lembrança que ele poderia ter dela seria essa*). A participante, ao elaborar os fundamentos do seu argumento, realiza uma avaliação que sugere ser impossível um romance entre uma donzela (rica) e um pescador (pobre). Nessa avaliação, como a donzela queria “se livrar” do

pescador, deu o anel como lembrança (pagamento). Contudo, em nenhum momento, a participante perde o eixo norteador da narrativa (a verdade), inferindo, nessa justificativa, que todos esses acontecimentos fazem parte da história do pescador, que é uma mentira (...na história dele, né...). Os fundamentos do ponto de vista vêm marcado pelo operador argumentativo QUE.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S142): pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado,	(S143): qual será a continuação do texto?	(S144): <i>bom, já que disseram que ele era um homem honrado (base geradora/J), (+) acho (MO) que ele num (+) fez nada (inferência de predição/PV).</i>
	(S145): como você chegou a essa idéia?	(S146): (+) <i>por conta da palavra honrado (+) que ele colocou no meio da história, né, (+) que a gente já tá começando a desenvolver como se a::: (++) história fosse verdadeira mesmo (base geradora/J).</i>

Na S144, a participante elabora seu argumento (ponto de vista e justificativa) e um contra-argumento (MO), ao realizar a inferência de predição (*bom, já que disseram que ele era um homem honrado (+), acho que ele num (+) fez nada*). A conclusão do argumento (ponto de vista) é constituída da própria inferência de predição. Ao demonstrar as bases geradoras dessa inferência, a participante verbaliza que os fundamentos para seu argumento (inferência de predição) foram o conteúdo textual de S142 (...já que disseram que ele era um homem honrado...). As crenças e valores sociais (moral e ética) da participante a autorizam a inferir preditivamente que, se ele (pescador) era um homem honrado, não faria nada. A justificativa em S144 aparece introduzida pelo operador argumentativo JÁ QUE, marcando a presença da própria justificativa.

Há, na S144, um movimento opositivo indicado lexicalmente pela expressão ACHO, que enfraquece o argumento da participante, por considerar que existem perspectivas de continuação do texto estabelecida pela negociação com as vozes dialógicas.

Há, na S146, retomada e ajustamento dos fundamentos do ponto de vista (justificativa), que constituem as bases geradoras da inferência de predição (*por conta da palavra honrado (+) que ele colocou no meio da história, né (+), que a gente já tá começando a desenvolver como se a::: (++) história fosse verdadeira mesmo*). Na S146, os fundamentos do ponto de vista demonstram a retomada da palavra HONRADO, a grande favorecedora da inferência de predição de S144. Há ainda a verbalização do pronome ELE, sugerido pela participante como referência ao autor do texto (voz dialógica) na suas inferenciações, ao estabelecer que ele (autor) colocou no meio da história.

Surge, ainda, o marcador discursivo A GENTE: indica que a leitora faz uma generalização da sua hipótese para as pessoas do seu cotidiano. Isso demonstra que a voz da leitora do texto contribui na constituição da compreensão do texto. A participante faz referência nessa justificativa ao fato de que todo o enredo faz parte da história (mentira) do pescador (*...que ele colocou no meio da história né...*). Esse fato demonstra que a participante é uma compreendedora madura, que elabora hipóteses para a continuidade do texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S147): ele resistira, e dissera que a donzela deveria ter paciência,	(S148): qual será a continuação do texto?	(S149): (++) <u>talvez</u> (MO) ele (+) tenha dito que:: (+) quisesse casar com ela (+), né, pra depois (+) ele fazer o que ela (+) pediu (inferência de predição/PV).
	(S150): como você chegou a essa idéia?	(S151): porque, se ele pediu pra ela ter paciência (+), é porque ele queria alguma coisa mais séria (+), mais certa (base geradora/J).

A inferência da S149 de natureza argumentativa autoriza a participante a predizer que o pescador iria pedi-la em casamento, já que ele resistirá e dissera para a donzela ter paciência (talvez ele (+) tenha dito que:: (+) quisesse casar com ela (+), né, pra depois (+) ele fazer o que ela (+) pediu). A idéia de casamento faz parte do cotidiano da participante – a sociedade vigente o valoriza como demonstração de amor e constituição de família. Na elaboração da inferência preditiva, a participante demonstra saber que o conteúdo textual de S147 e sua predição fazem parte da mentira do pescador (...*ele tenha dito*...).

Na S149, existe um movimento opositivo marcado pelo modalizador TALVEZ, que enfraquece o argumento da participante, ao indicar que há outras possibilidades de continuação do texto.

Na S151, as bases geradoras da inferência de predição foram geradas em forma de fundamentos do ponto de vista (justificativa), as quais a permitem predizer que, se o pescador pediu que a donzela tivesse paciência, queria algo mais sério – o casamento (*porque, se ele pediu pra ela ter paciência (+), é porque ele queria alguma coisa mais séria (+), mais certa*). Essa justificativa aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE. A produção de sentido ao texto, vinculada

à idéia de casamento, continua sendo desenvolvida pela participante, mantendo-se, assim, uma visão romantizada da história.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S152): pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias.	(S153): qual será a continuação do texto?	(S154): (++) é:: (+), <i>deixa eu vê (++)</i> , eu <u>acho</u> (MO) <i>que ela não aceitou (++)</i> , porque ela <u>talvez</u> (MO) <i>não quisesse (+) casar com ele (inferência de predição/PV).</i>
	(S155): como você chegou a essa idéia?	(S156): <i>porque, se ela (+) deu o anel a ele (+), é porque, sei lá (+), ela queria ir embora queria (+), mas assim que os dois se encontrassem (base geradora/J).</i>
	(S157): o que você está pensando?	(S158): <i>o que é tô pensando (+) é::: na reação dela mais uma vez, diante da mentira dele.</i>

A inferência gerada na S154 foi elaborada com o apoio do conhecimento prévio da participante, provavelmente informações referentes às diferenças socioeconômicas e culturais entre a donzela e o pescador, as quais indicam que ela (donzela) podia não querer casar com ele (pescador) - (...eu acho que ela não aceitou (++)), *porque ela talvez não quisesse (+) casar com ele).*

Há, na S154, dois movimentos opositivos, marcados pela expressão ACHO e pelo modalizador TALVEZ, que enfraquecem o argumento da participante, ao indicar que seu ponto de vista é apenas uma das possibilidades de continuação do texto.

Na S156, foram elaboradas as bases geradoras da inferência de predição, constituídas dos fundamentos do ponto de vista (justificativa): *porque, se ela (+) deu o anel a ele (+), é porque, sei lá (+) ela queria ir embora, queria (+), mas assim que os dois se encontrassem.* Essa justificativa vem introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Observa-se, ainda, em S158, que a participante não perde o eixo norteador da narrativa, comprovando que todo o conteúdo textual anteriormente lido faz parte da mentira do pescador (*o que é tô pensando (+) é:: na reação dela mais uma vez, diante da mentira dele*).

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S159): Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo	(S160): qual será a continuação do texto?	(S161): eu <u>acho</u> (MO) que ela vai dizer que:: é:: o amor deles é impossível e que (+) o anel é uma lembrança (+) que ele pode deixar/ que ela pode deixar pra ele (inferência de predição/PV).
	(S164): como você chegou a essa idéia?	(S163): (+) ah, da mesma forma (+) que eu cheguei às outras. Assim (+) que ele pode dizer que (+) ela gostou dele, mas que achava que o amor dos dois era impossível, aí fez isso (base geradora/J).

Na S161, a inferência de predição refere-se à conclusão do argumento (ponto de vista) gerado com base no conteúdo textual e nas idéias já desenvolvidas anteriormente sobre as diferenças socioeconômicas entre pescador e donzela (*eu acho que ela vai dizer que:: é:: o amor deles é impossível e que (+) o anel é uma lembrança (+) que ele pode deixar/ que ela pode deixar pra ele*).

Na S161, existe um movimento opositivo indicado pela expressão ACHO, que enfraquece o argumento da participante, ao demonstrar que existe atividade negociativa entre as diversas possibilidades de fazer sentido ao texto, consideradas no processo de compreensão textual.

Nas bases geradoras da inferência de predição, a participante continua defendendo a idéia relacionada às diferenças socioeconômicas entre donzela e pescador, tão valorizada na sociedade (*ah, da mesma forma (+) que eu cheguei*

às outras. Assim (+) que ele pode dizer que (+) ela gostou dele, mas que achava que o amor dos dois era impossível, aí fez isso). Essa inferência de predição foi gerada em forma de fundamentos do ponto de vista (justificativa).

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S164): já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará seu amor. E ele	(S165): qual será a continuação do texto?	(S166): (+++) ah, ((ININTELIGÍVEL)) <u>acho (MO)</u> que a continuação do texto vai ser que ele (+) <u>talvez (MO)</u> (+) se deixe (+) levar pelo anel. Não, não, acho que não (+), <u>acho (MO)</u> que ele não vai deixar se levar pelo anel, assim (+) não vai se deixar comprar (++) por/ vai dizer que não ((ININTELIGÍVEL)) (inferência de predição/PV).
	(S167): como você chegou a essa idéia?	(S168): porque, no começo do texto, ele disse que não aceitava que ela se entregasse a ele por ele ser um homem honrado. Aí <u>talvez (MO)</u> (+) por esse fato (+) ele não aceite o anel (base geradora/J).

Na S166, a inferência de predição foi constituída pela conclusão do argumento da participante, que inicialmente apresenta uma hipótese e depois realiza um ajustamento do seu ponto de vista (acho que a continuação do texto vai ser que ele (+) talvez (+) se deixe (+) levar pelo anel. Não, não, acho que não (+), acho que ele não vai deixar se levar pelo anel, assim (+) não vai se deixar comprar (++) por/ vai dizer que não...). Ao predizer a continuação do texto, inicialmente a participante infere que o pescador vai se vender, reforçando, mais uma vez, a influência da experiência pessoal acerca das diferenças socioeconômicas. Posteriormente, ela realiza o ajustamento do seu argumento, sugerindo que o pescador não irá vender-se, conclusão do argumento da participante.

Na S168, surgem dois movimentos opositivos que enfraquecem o argumento da participante, demonstrando serem as duas hipóteses elaboradas apenas possibilidades de continuação textual. Esses movimentos estão marcados pelo modal TALVEZ e pela expressão ACHO, que enfatizam negociação pela emergência de vozes dialógicas.

Na S168, as bases geradoras da inferência de predição foram verbalizadas em formato de fundamentos do ponto de vista (J), em que a participante retorna aos conteúdos textuais anteriores de que o pescador é um homem honrado, para inferir que ele não aceitará o anel (*porque, no começo do texto, ele disse que não aceitava que ela se entregasse a ele por ele ser um homem honrado. Aí talvez (+) por esse fato (+) ele não aceite o anel*). A participante realiza uma avaliação negativa da possibilidade de o homem aceitar o anel ao predizer que ele não vai aceitar. Os fundamentos do ponto de vista (justificativa) aparecem introduzidos pelo operador argumentativo PORQUE.

Existe, na S168, um movimento opositivo marcado pelo modalizador TALVEZ (marcador discursivo), que enfraquece o argumento da participante ao demonstrar que ela considera as perspectivas de continuação textual.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S169): sucumbira, pois era pobre, e a necessidade é o algoz da honra.	(S170): qual será a continuação do texto?	(S171): (+) <i>ai, meu Deus do céu ((RISOS)) um:: acho (MO) que:: (+) bom, depois que ele aceitou, né, ela (+) talvez (MO)tenha dito que ele (+) tive/ que ele diga, né, que ela tinha si/ que (+) daria (MO) o anel, mas que ele teria (MO) que procurá-la (+) e falar com o pai dela (inferência de predição/PV).</i>

	(S172): como você chegou a essa idéia?	(S173): Bom (+), já que a idéia de que ele não <u>aceitaria</u> (MO) estava errada (+), né (base geradora/J).
--	---	--

Na S171, a inferência de predição foi constituída pela conclusão do argumento (ponto de vista), desencadeado com o auxílio do conteúdo textual já lido e dos valores sociais da participante (... acho que:: (+) *bom, depois que ele aceitou, né, ela (+) talvez tenha dito que ele (+) tive/ que ele diga, né, que ela tinha si/ que (+) daria o anel, mas que ele teria que procurá-la (+) e falar com o pai dela*). O conteúdo textual remete à aceitação do anel de diamantes pelo pescador, desenvolvendo idéias a partir da sua experiência pessoal, que a autoriza a inferir que a donzela deu o anel como forma de manter contato com ele.

Existem movimentos opostos no processo de inferenciação de S171 marcados pela expressão ACHO, pelo modalizador TALVEZ, dos verbos DARIA e TERIA, que têm a função de enfraquecer o argumento da participante, pela consideração da participante de outras perspectivas como possibilidades de continuação do texto.

Na S173, a participante verbaliza as bases geradoras de sua inferência preditiva, que é constituída pelo fundamento do ponto de vista (justificativa). Isso demonstra que a participante realiza a inferência de predição de S171 com base na refutação da sua hipótese de S166 (*Bom (+), já que a idéia de que ele não aceitaria estava errada (+), né*). O fundamento do ponto de vista (justificativa) vem introduzido pelo operador argumentativo JÁ QUE, marcando a presença da própria justificativa.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S174): Todos se viraram contra a donzela e gritaram: “Rameira! Impura! Diaba!” e	(S175): qual será a continuação do texto?	(S176): é: <u>acho</u> (MO) que, depois dessa (+) mentira dele, que todo mundo ficou contra ela (+), ela sentiu assim (+) um peso que tipo como se a mentira dela tivesse retornado (+) pra ela. E aí eu <u>acho</u> (MO) que ela vai contar (+) a verdade (inferência de predição/PV).
	(S177): como você chegou a essa idéia?	(S178): porque agora ela vai ter direito de resposta, e a única forma dela fugir dessas acusações é contando a verdade talvez (MO) (base geradora/J).
	(S179): o que você está pensando?	(S180): no que que ela vai dizer como desdo começo.

Na inferência elaborada na S176, a participante retoma os conteúdos textuais anteriores para inferir que a donzela irá contar a verdade, pois ela se sentiu culpada (... acho que, depois dessa (+) mentira dele, que todo mundo ficou contra ela (+), ela sentiu assim (+) um peso que tipo como se a mentira dela tivesse retornado (+) pra ela. E aí eu acho que ela vai contar (+) a verdade). Na sua predição, a participante retoma a idéia de que a verdade irá prevalecer. Isso demonstra que ela utiliza seu conhecimento prévio de gêneros para inferir que, nas narrativas, há sempre o final feliz.

Na S176, surgem movimentos opositivos marcados pela expressão ACHO, que enfraquece o argumento da participante, demonstrando que existe uma negociação para escolha de uma dentre as diversas possibilidades de continuação textual.

As bases geradoras da inferência de predição foram verbalizadas na S178, constituída pelo fundamento do ponto de vista (justificativa): *porque agora ela vai ter direito de resposta, e a única forma dela fugir dessas acusações é contando a*

verdade talvez. A justificativa foi elaborada com base na integração do conteúdo textual e com o conhecimento de mundo da participante, continuando a avaliação acerca dos acontecimentos da narrativa, que retoma a possibilidade de finalização da narrativa de que a verdade irá surgir. A justificativa aparece introduzida pelo operador argumentativo PORQUE.

Na S178, há um movimento opositivo marcado pelo indicador modal TALVEZ, que enfraquece o argumento da participante. Esse movimento demonstra que a participante considera outras perspectivas de continuação do texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S181): exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela	(S182): qual será a continuação do texto?	(S183): (+++) <u>acho</u> (MO) <i>que até o pai dela (+) vai se virar contra ela (+), se sentindo culpado por ter matado dois homens por causa de uma mentira dela que ele não não sabe nem qual é a mentira real (inferência de predição/PV).</i>
	(S184): como você chegou a essa idéia?	(S185): <i>porque tem escrito que o próprio pai da donzela (+), ou seja (+), é como se tivesse nem o pai da donzela salvo seu próprio pai a acusou (base geradora/J).</i>

Na S183, a inferência de predição foi constituída pela conclusão do argumento (ponto de vista), em que a participante utiliza tanto seu conteúdo textual quanto o conhecimento prévio para realizar a predição (acho que até o pai dela (+) vai se virar contra ela (+), se sentindo culpado por ter matado dois homens por causa de uma mentira dela que ele não não sabe nem qual é a mentira real). Nessa predição, a participante faz uma avaliação negativa (marcação axiológica) dos acontecimentos da narrativa (mentira da donzela e morte de dois homens) pela integração do conteúdo textual com o seu conhecimento de mundo (valores e

crenças), ao inferir que o pai estava sentindo-se culpado pela morte dos homens por causa da mentira da donzela. Assim, a participante infere preditivamente que o pai também vai ficar contra ela, por se sentir culpado.

Na S183, existe um movimento opositivo, indicado pelo marcador discursivo ACHO, que põe em dúvida o argumento da participante, ao considerar outras possibilidades de continuação do texto – a sua hipótese é apenas uma dessas possibilidades.

Na S185, as bases geradoras da inferência de predição foram verbalizadas em forma de fundamento do ponto de vista (justificativa), elaborado com base no conteúdo textual de S181 (*porque tem escrito que o próprio pai da donzela (+), ou seja (+), é como se tivesse nem o pai da donzela salvo seu próprio pai a acusou*). O fundamento do ponto de vista (J) aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE e marcado por OU SEJA, operador argumentativo que tenta convencer o outro a aceitar o argumento.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S186): passou a força para o seu pescoço. Antes de morrer a donzela	(S188): qual será a continuação do texto?	(S189): <i>eu <u>acho</u> (MO) que ela vai (+) dizer a verdade (inferência de predição/PV).</i>
(S187): antes de morrer a donzela ((REPETE PARTE DO TEXTO))	(S190): como você chegou a essa idéia?	(S191): <i>porque, se ela tava ali naquela situação, ela não tinha mais nada a perder, porque ela mentiu no começo com medo de que brigassem com ela, sendo que/ sendo que tipo nada é pior do que do que a morte (+), né, então <u>talvez</u> (MO) pra não morrer ela apelou pela/ pela verdade (+) dela (base geradora/J).</i>
	(S192): o que você está pensando?	(S193): <i>se vão perdoá-la se vão acreditar ou não nela, é nisso que eu tô pensando.</i>

Ao gerar a predição na S189, a participante utiliza seu conhecimento prévio, que foi sendo elaborado no decorrer da narrativa para inferir que a verdade vai aparecer (desfecho feliz): *eu acho que ela vai (+) dizer a verdade.*

Na S189, há um movimento opositivo introduzido pelo marcador discursivo ACHO, que põe em “xeque” o argumento da participante, porque esta considera outras perspectivas para a continuação do texto. Esse movimento opositivo demonstra que a natureza da inferência de predição é constituída dialogicamente pela negociação entre alternativas, para que seja escolhida uma hipótese antecipada pelo leitor.

Na S191, as bases geradoras da inferência de predição foram verbalizadas em forma de fundamentos do ponto de vista (justificativa) constituído pelas informações contidas no texto e pelo conhecimento de mundo da participante (*porque, se ela tava ali naquela situação, ela não tinha mais nada a perder, porque ela mentiu no começo com medo de que brigassem com ela, sendo que/ sendo que tipo nada é pior do que do que a morte (+), né, então talvez pra não morrer, ela apelou pela/ pela verdade (+) dela*). A participante faz uma avaliação da trama da história, demonstrando que a possibilidade de morrer vai fazer com que ela (donzela) conte a verdade. Para constituir essa inferência, ela retomou o início do texto, explicitando que a situação da donzela é bem pior no momento atual da narrativa (S186) do que no início da história. Os fundamentos do ponto de vista (justificativa) aparecem introduzidos pelo operador argumentativo PORQUE.

Na S191, há um movimento opositivo marcado pelo modalizador TALVEZ, que enfraquece o argumento da participante, ao considerar que sua predição é apenas uma das possibilidades de continuação do texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S194): disse para o pescador:	(S195): qual será a continuação do texto?	(S196): (++++) <u>talvez</u> (MO) <i>ela tenha dito (+) alguma coisa que:: (++) tipo fizesse ele ter pena dela e contar a verdade <u>ou que talvez</u> (MO) ela merecesse aquilo (inferência de predição/PV).</i>
	(S197): como você chegou a essa idéia?	(S198): (++) eu <u>acho</u> (MO) <i>que ela (+) no fundo ela tá desejando a sua própria morte (+). Então é <u>acho</u> (MO) que ela (+) por isso ela vai falar com o pescador por tá se sentindo culpada (base geradora/J).</i>

Na S196, a inferência de predição é constituída do ponto de vista, em que a participante elabora duas hipóteses de continuação do texto (talvez ela tenha dito (+) alguma coisa que:: (++) tipo fizesse ele ter pena dela e contar a verdade ou que talvez ela merecesse aquilo). Ela elabora seu ponto de vista com base no seu conhecimento de mundo, que a autoriza a inferir duas possibilidades de continuação: (i) a donzela vai se livrar, ao contar a verdade; (ii) ela vai morrer por merecimento. Essas duas hipóteses surgem pela avaliação negativa da trama da história realizada pela participante, sugerindo que a verdade tem que aparecer.

Na S196, existem dois movimentos opositivos que põem em dúvida as duas hipóteses elaboradas pela participante na inferência de predição. O primeiro movimento opositivo aparece marcado pelo modalizador TALVEZ, demonstrando que a primeira hipótese é apenas uma possibilidade de continuação textual. O segundo movimento vem introduzido pelos marcadores discursivos OU QUE, que

indica a presença de outra hipótese, e TALVEZ, que enfraquece seu argumento ao demonstrar que a segunda hipótese também é apenas uma alternativa de continuidade textual.

Na S198, a participante verbaliza que as bases geradoras da inferência preditiva são formadas pelos fundamentos do ponto de vista (justificativa), em que a participante faz uma avaliação da situação da donzela a partir do seu conhecimento de mundo (valores), sugerindo que a donzela estava se sentindo-se culpada e que desejava morrer (*eu acho que ela (+) no fundo ela tá desejando a sua própria morte (+). Então é acho que ela (+) por isso ela vai falar com o pescador por tá se sentindo culpada).*

Na S198, existem dois movimentos opositivos indicados pelo marcador discursivo ACHO, que enfraquecem o argumento, por ela demonstrar que sua predição é apenas uma das possibilidades de continuação textual.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S199): a sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e	(S200): qual será a continuação do texto?	(S201): (++) o pescador falou que a mentira dela ((A PARTICIPANTE RELER LINHA DO TEXTO EM VOZ BAIXA)) (++) – ai não sei tá começando a ficar complicado – (+) sei lá, porque eu <u>acho</u> (MO) que não tem mentira maior. A mentira dele vai causar a men/ a morte dela como a dela causou a morte de duas pessoas (++)). E (++) eu <u>acho</u> (MO) que ela vai dizer a ele que do mesmo modo que, a mentira dela causou a morte de duas pessoas, a mentira dele vai causar a morte dela (inferência de predição/PV).
	(S202): como você chegou a essa idéia?	(S203): sei lá, porque, se ela comparou (+) as mentiras (++) , talvez (MO) ela teja/ esteja agora comparando as conseqüências (base geradora/J).

Na S201, a inferência de predição é constituída pela conclusão do argumento (ponto de vista), em que a participante inicia sua predição realizando duas avaliações negativas (marcações axiológicas) baseadas no conteúdo textual de S199: (i) avaliação da situação da donzela (...*tá começando a ficar complicado...*); (ii) avaliação das mentiras. Isso sugere que não tem mentira maior (...*porque eu acho que não tem mentira maior. A mentira dele vai causar a men/ a morte dela, como a dela causou a morte de duas pessoas...*). Ela concluiu sua predição, ao realizar uma inferência com base nessas duas marcações axiológicas negativas (*eu acho que ela vai dizer a ele que, do mesmo modo que a mentira dela causou a morte de duas pessoas, a mentira dele vai causar a morte dela*).

Na S201, surgem dois movimentos opositivos que enfraquecem o seu argumento, ao sugerir que existem outras possibilidades de continuação textual. Esses movimentos opositivos aparecem indicados pelo marcador discursivo ACHO.

Na S203, as bases geradoras da inferência de predição são verbalizadas e se constituem do fundamento do ponto de vista (justificativa), retornando a idéia da comparação das mentiras pela donzela em S199 (...*porque, se ela comparou (+) as mentiras (++)*, talvez ela teja/ esteja agora comparando as conseqüências). Esse fundamento de ponto de vista vem introduzido pelo operador argumentativo PORQUE.

Há na S203, um movimento opositivo marcado pelo indicador modal TALVEZ (marcador discursivo), que ajuda a enfraquecer o argumento da participante, ao sugerir que existem outras possibilidades de continuação do texto – a sua predição é apenas uma das possibilidades.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S206): vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?	(S207): qual será a continuação do texto?	(S208): eu <u>acho</u> (MO) que essa:: pergunta (+) foi alguém de fora que fez pro pai dela ((ININTELIGTÍVEL)) eu <u>acho</u> (MO) assim, porque tipo eles/ os dois sabem que estão mentindo e (+) essa indagação <u>caberia</u> (MO) a alguém que tá de fora da conversa dos dois (inferência de predição/PV1)
	(S209): como você chegou a essa idéia?	(S210): eu <u>acho</u> (MO) que eu tô começando a pensar se ela mesmo vai querer continuar a viver, sabendo que (+) causou a morte de duas pessoas (base geradora/PV2).

Na S208, a inferência de predição foi constituída da conclusão do argumento da participante (ponto de vista), elaborada pela retomada do conteúdo textual de S206 (*eu acho que essa:: pergunta (+) foi alguém de fora que fez pro pai dela ((ININTELIGTÍVEL)) eu acho assim, porque tipo eles/ os dois sabem que estão mentindo e (+) essa indagação caberia a alguém que tá de fora da conversa dos dois*). Ao retomar o conteúdo textual de S206, a participante integra o conteúdo textual já lido, que indica haver outras pessoas na narrativa (os aldeões), com o seu conhecimento de mundo (de interlocução), para inferir que não foi nenhum dos dois (donzela e pescador) que fez a pergunta de S206.

Na S208, existem três movimentos opositivos indicados pelos marcadores discursivos ACHO e CABERIA, que enfraquecem o argumento da participante, ao demonstrar que existem outras possibilidades de continuação textual.

Na S210, a base geradora da inferência de predição é verbalizada e constituída pelo fundamento do ponto de vista (justificativa). Isso aponta para uma avaliação negativa (a partir do conhecimento de mundo) da participante acerca da donzela, que, por se sentir culpada não ia querer viver (*eu acho que eu tô começando a*

pensar se ela mesmo vai querer continuar a viver, sabendo que (+) causou a morte de duas pessoas).

Na S210, existe um movimento opositivo introduzido pelo marcador discursivo ACHO, que enfraquece o argumento da participante, ao indicar a consideração de que existem outras possibilidades de continuação do texto.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S211): O pescador deu de ombros e disse:	(S212): qual será a continuação do texto?	(S213): (+) <i>sei lá, eu <u>acho</u> (MO) que ele vai responder (+) alguma coisa que (+) que toque (+) a sensibilidade dela (+++). Aí no sei qual vai ser a continuação (+), deixa eu pensar (+) ((RELER A LINHA TEXTUAL EM VOZ INAUDÍVEL)), é:: (++++) talvez (MO) ele/ ele pode ter se defendido (+), ter dito a menti/ a verdade que ela contando a verdade (+) pra ele (inferência predição/PV).</i>
	(S214): como você chegou a essa idéia?	(S215): <i>sei lá, porque a tendência é a pessoa se defender (+), dizer que (++) tá dizendo a verdade (+), fazer isso se se entregar assim (base geradora/J).</i>

Na S213, a inferência de predição constitui-se do ponto de vista elaborado pela participante (*sei lá, eu acho que ele vai responder (+) alguma coisa que (+) que toque (+) a sensibilidade dela (+++) ... (++++) talvez ele/ ele pode ter se defendido, (+) ter dito a menti/ a verdade que ela contando a verdade (+) pra ele).*

A participante demonstra que a continuação do texto pode ser um apelo do pescador para sensibilizar a donzela. Aí outra a participação da sua experiência pessoal para realizar essa predição, principalmente conhecimento prévio de gênero que sugere que as narrativas têm sempre um final feliz. A participante retoma, na sua predição, a hipótese de que a verdade irá aparecer, ou seja, ao se

tocar a sensibilidade da donzela, ela vai contar a verdade (expectativa da participante desde o início da narrativa).

Na S213, há dois movimentos opositivos indicados pelos marcadores discursivos ACHO e TALVEZ, que enfraquecem o argumento da participante, sugerindo haver negociação inerente às inferências de predição, que, para sua geração, necessita da escolha pelo leitor de uma das possibilidades de continuação do texto.

Na S215, há a explicitação das bases geradoras da sua inferência de predição, formada pelo fundamento do ponto de vista (justificativa), em que a participante utiliza seu conhecimento de mundo como base geradora da sua predição de S213 (*sei lá, porque a tendência é a pessoa se defender (+) dizer que (++) tá dizendo a verdade (+), fazer isso se se entregar assim*). O fundamento do seu ponto de vista aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE.

Texto lido	Perguntas	Respostas da leitora
(S216): a verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe.	(S217): qual será a continuação do texto?	(S218): (+) <i>bom ele disse a verdade (+) e agora eu <u>acho</u> (MO) que não vão mais querer matar ele <u>ou então</u> (MO) (+) vão querer matar por ela não ter dito a verdade antes (Inferência de predição/PV)</i>
	(S219): como você chegou a essa idéia?	(S220): <i>porque (+) bom já que ele disse a verdade (++) né que tava junto chegou a conclusão de que ela é quem tava mentindo (base geradora/J)</i>

Inicialmente, na S218, a participante retoma o conteúdo textual, confirmando que sua hipótese foi ratificada: a verdade prevaleceu (*bom ele disse a verdade*). Ao prever a continuação do texto, a participante elabora duas hipóteses para continuação, constituída pelo ponto de vista da participante, que foram elaboradas

com base nos conteúdos textuais lidos até o momento (...eu acho que não vão mais querer matar ele ou então (+) vão querer matar por ela não ter dito a verdade antes).

Há, na S218, dois movimentos opositivos que introduzem as duas hipóteses elaboradas pela participante, os quais enfraquecem seu argumento por serem possibilidades de continuação do texto que precisam ser ainda confirmadas. Esses movimentos opositivos aparecem indicados pelos marcadores discursivos ACHO e OU ENTÃO.

Na S220, a participante verbaliza as bases geradoras da inferência preditiva de S218, em forma de fundamento do ponto de vista (justificativa), em que a participante retoma o eixo norteador da narrativa – a verdade (*porque (+) bom, já que ele disse a verdade (++)*, né, que tava junto, chegou a conclusão de que ela é quem tava mentindo). O fundamento do ponto de vista aparece introduzido pelo operador argumentativo PORQUE, seguido do operador argumentativo JÁ QUE, que marca a presença da própria justificativa.

<p>(S221): mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não história de pescador. Luiz Fernando Veríssimo. A mulher do Silva.</p>	<p>(S222): o que você está pensando?</p>	<p>(S223): (+++) bom, eu tô pensando é que talvez (MO) tenham matado ela (inferência de predição/PV) (+) por acharem que ele (+) contou essa história que encontrou o anel na barriga de um peixe (+), por amor a ela (inferência de predição/J).</p>
--	---	--

Na finalização da compreensão *on-line* (S223), a participante formula uma inferência de predição, que é formada pela conclusão do argumento (ponto de vista) e pelo fundamento do ponto de vista (justificativa), e antecipa ainda a

continuação/desfecho da narrativa (*bom, eu tô pensando é que talvez tenham matado ela (+) por acharem que ele (+) contou essa história, que encontrou o anel na barriga de um peixe (+), por amor a ela*). Essa predição retoma novamente os pontos centrais da narrativa: as mortes, a verdade e a mentira.

Na S223, surge um movimento opositivo marcado pelo modalizador TALVEZ, que enfraquece o argumento da participante, demonstrando que sua inferência é apenas uma das possibilidades de continuação do texto.

De modo geral, os movimentos opositivos foram recorrentes em muitas enunciações da participante. Isso demonstra que a negociação é uma atividade inerente à inferência preditiva, que é constituída argumentativamente pelos argumentos e contra-argumentos dos leitores.

Na realização das diversas inferências de predição, que antecipam a continuação do texto, constatou-se que a participante 1 (**Milena**) é uma compreendedora “madura”, pois não elaborou inferências não autorizadas, que extrapolassem o permitido para a continuação do texto. As hipóteses elaboradas na geração de inferências de predição foram confirmadas, reajustadas ou refutadas com a continuidade do texto, havendo a manutenção da compreensão do texto com a geração de hipóteses alternativas.

A participante procurava sempre, no decorrer da situação de leitura, voltar ao eixo norteador da história – a verdade. Isso permitiu que, ao final, ela confirmasse a sua hipótese inicial de que a verdade iria prevalecer na história.

3.2 ANÁLISE GERAL DAS SITUAÇÕES DE LEITURA ON-LINE

Nesta segunda etapa, tem-se como objetivo realizar uma análise geral das situações de compreensão *on-line* nas sete (07) participantes da presente pesquisa, demonstrando-se, de forma sintetizada, que há recorrência dos processos investigados.

No Quadro 3 abaixo serão apresentadas apenas duas seqüências discursivas de cada participante que permitam ilustrar rapidamente a presença das inferências de predição e das bases geradoras dessas inferências, sem se pretender realizar qualquer análise comparativa.

Quadro 3: ilustração das inferências de predição e das bases geradoras da inferência nos *corpus* das situações de leitura das sete (7) participantes

Participantes	Inferências de predição	Bases geradoras
(1) Milena	(S149) Milena: (++) talvez (MO) ele (+) tenha dito que:: (+) quisesse casar com ela (+), né, pra depois (+) ele fazer o que ela (+) pediu (PV).	(S151) Milena: porque, se ele pediu pra ela ter paciência (+), é porque ele queria alguma coisa mais séria (+), mais certa (J).
(2) Mara	(S95) Mara: bom, eu acho (MO) que o que vai acontecer (+) que a donzela vai dizer que não que não foi ele (++) e que (+++) acha que alguém deu pra ele, né, acha que alguém deu ele (+) outros ladrões deu pra ele (+) fugir com o anel (++) , acho que vai acontecer isso (PV).	(S97) Mara: bom eu cheguei a essa idéia, porque eu acho (MO), desde o início, que era o assaltante, o assaltante que tava tipo de guarda. Assim não foi o assaltante que chegou lá e abordou ela (+), acho (MO) que não (+), dois sim, três já era demais (J).
(3) Carla	(S164) Carla: esse anel é a prova do meu amor (+) por você (PV).	(S166) Carla: eu cheguei ao anel/ a idéia de que, como ela não pode dar o corpo dela, ela vai dar o anel como prova do amor dela (J).

(4) Joana	(S40) Joana: que o pai e o irmão vão ser culpado e a menina também (PV).	(S42) Joana: porque eles matarem um (+) cara, e aí ela perdeu o anel não foi o cara que tava dormindo lá debaixo da árvore (J).
(5) Carolina	(S143) Carolina: ai era aquilo ele vai (+), acho (MO) que ele não vai fazer isso, ele vai pedir ela em casamento (PV).	(S145) Carolina: que, já que ele disse que era um homem honrado, ele não vai tomar uma atitude dessas (+). Eu acho (MO) que é isso (PV).
(6) Aline	(S40) Aline: bem, não foi na nas ruas próximas, agora (+) foi no bosque que eles encontraram (+), mataram um homem (+), mataram um homem acreditando ser ele o assaltante (++) (PV).	(S44) Aline: (+) acho (MO) que, pelas características que a filha, né, a donzela (+++) como a filha (+) tinha dito (+) como era o assaltante (++) , essa idéia é a mais lógica (J).
(7) Daniela	(S3) Daniela: (+++) que ela foi (+) que ela ia tomar banho no riacho agora (PV).	(S5) Daniela: já que ela tava sentada no riacho, acho (MO) que ela tava com vontade de tomar banho (J).

Constata-se, nas seqüências discursivas apresentadas no Quadro 3, a presença da argumentação na geração das inferências de predição. Como observado nos exemplos expostos, as inferências de predição referem-se a hipóteses elaboradas pelas participantes sobre a continuidade do texto, constituídas argumentativamente pelas conclusões dos argumentos (pontos de vista) das leitoras. As bases geradoras das inferências de predição são constituídas pelos fundamentos do ponto de vista (justificativas). Observa-se, no Quadro 3, que os movimentos opositivos também aparecem na constituição das inferências de predição das situações de leitura de todas as participantes. Isso demonstra que a consideração de outras possibilidades de fazer sentido ao texto enfraquece o argumento proposto, o que parece ser uma constante na constituição dessas inferências. Os movimentos opositivos, como detalhados na microanálise do

protocolo de Milena, aparecem marcados por elementos lexicais (como em ACHO, TALVEZ, PROVAVELMENTE), que indicam a presença da oposição nas predições das participantes.

Esses dados serão retomados no Quadro 4 abaixo, ao se apresentar uma análise numérica das ocorrências das operações argumentativas nos protocolos de todas as situações de leitura das participantes desta pesquisa.

Quadro 4: análise numérica das operações argumentativas presentes nas inferências de predição.

Participantes	Inferência de predição		
	PV	J	MO
(1) Milena	43	41	78
(2) Mara	39	44	88
(3) Carla	43	43	63
(4) Joana	49	35	12
(5) Carolina	42	38	79
(6) Aline	45	46	30
(7) Daniela	44	36	14

O Quadro 4 permite observar a recorrência dos operadores argumentativos nas inferências de predição em todas as situações de leitura das participantes. Assim, percebe-se a presença de argumentos (pontos de vista e justificativas) em todas as participantes investigadas – um processo que se repete.

Observa-se no Quadro 4 acima, que, nas seqüências discursivas de Mara e Aline, há um número maior de justificativas do que de pontos de vista, diferentemente das demais participantes. Esse fenômeno ocorreu, porque Mara e Aline

apresentaram, em algumas situações, duas justificativas para um mesmo ponto de vista.

Existiu também a recorrência de movimentos opositivos em todas as situações de leitura realizada neste estudo. Isso reforça a natureza argumentativa das inferências, que precisam ser negociadas, por existirem diferentes possibilidades de continuação do texto.

A recorrência de argumentos e movimentos opositivos (contra-argumentos) nas situações de leitura de todas as participantes investigadas ajudaram a confirmar a hipótese do presente estudo de que a geração de inferência de predição é constituída argumentativamente. Portanto, essa recorrência demonstrou que a argumentatividade inerente à geração das inferências preditivas observadas no protocolo de Milena (detalhado na microanálise) não é um processo de ocorrência idiossincrática, porque ocorre nos protocolos das demais participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é uma prática social bastante difundida, necessária para o bom desempenho dos indivíduos no cenário educacional. No contexto socioeconômico atual, faz-se necessário que os interlocutores sejam leitores ativos como meio de buscar novas formas de aperfeiçoamento, para serem aceitos como pessoas ativas. Desse modo, a leitura que se exige hoje, no âmbito escolar não é apenas a fluência na recitação de textos mas também uma leitura compreensiva, que faça seus interlocutores serem reflexivos e críticos.

Muitos avanços realizados nas pesquisas de compreensão textual tentam desvendar os fatores lingüísticos e os processos cognitivos envolvidos nessa atividade de natureza complexa. Não se pode deixar de destacar a proposta de Kintsch (1998), com o seu modelo de Construção-Integração (CI). Ele sugere que, durante a compreensão de texto, o leitor faz uma representação mental estruturada e coerente. Na fase de construção do modelo de CI, ele propõe que o leitor faz representações mentais fragmentadas e incoerentes, construídas localmente pelo leitor. Já na segunda fase, de integração, o leitor faz representações mentais globais e coerentes, realizadas pela integração de um novo elemento em construção na mente do leitor. Esse modelo tem inspirado diversos estudos de compreensão textual, dentro da proposta cognitivista, segundo a qual, na leitura, o leitor faz representações mentais coerentes para que haja compreensão textual (Oakhill e Yuill, 1996; Perfetti, Marron e Foltz, 1996; Sanford e Garrod, 1981; Meijnsing, 1980; Oakhill e Garnham, 1988).

Nos estudos cognitivistas, a idéia prevalecente é de que a compreensão é realizada pela representação mental dos leitores, a qual é acessada internamente, por meio de um dispositivo – a linguagem. Assim, é possível investigar o seu PRODUTO. Em estudos dessa natureza, leva-se em consideração a competência dos leitores e, muitas vezes, propõe-se investigar se estes são proficientes na leitura, ressaltando-se os processos envolvidos na compreensão, como memória e inferenciação. No caso da inferência, esses estudos não unânimes em considerá-la crucial para que haja compreensão textual.

O presente estudo não compartilha do pressuposto de que a compreensão do texto é alcançada pela representação mental e individual dos leitores, diverge, portanto, dos estudos de natureza monologizante. Aqui, considera-se que o processo de compreensão textual se constitui dialogicamente, é sempre uma resposta ativa à enunciação de outrem, no sentido bakhtiniano do termo. Há sempre um conflito tenso e ininterrupto inerente ao processo de compreensão, permitindo que haja um acento de valor apreciativo na sua constituição. Com isso, a proposta deste estudo foi investigar microanaliticamente um processo dialógico de natureza complexa – a inferência de predição –, sugerindo que sua constituição é permeada de argumentatividade.

A inferência de predição é concebida aqui como processo cognitivo-discursivo gerado pela apreciação do leitor, que, ao integrar o conteúdo textual com a sua historicidade (conhecimento prévio, experiências pessoais, valores morais e éticos e crenças), precisa negociar dialogicamente com alternativas de fazer sentido ao texto para escolha da sua hipótese de continuação textual. Para que

haja negociação, a inferência é gerada argumentativamente, constituída pelas operações argumentativas (ponto de vista, justificativa e movimentos de oposição), que permitem a elaboração, confirmação, ajustamento ou refutação de argumentos – inferências preditivas.

Considera-se aqui que estudar o processo de inferenciação preditiva é de maior relevância para se entender a compreensão textual, pois as predições são inferências cruciais à compreensão do texto. Como destaca Solé (1998), a predição é necessária, porque a leitura é um processo de constante emissão e verificação de hipóteses que levam o leitor à construção da compreensão. Essas inferências, geradas no decorrer da situação de leitura, permitem ao leitor realizar ajustes nas suas antecipações sobre a continuidade do texto.

Sendo assim, os movimentos opositivos contribuem na constituição das inferências preditivas, realizando os ajustamentos entre as hipóteses elaboradas no processo de compreensão, na medida em que enfraquecem os argumentos dos leitores. Desse modo, as hipóteses geradas pelos leitores, ao predizerem a continuação do texto, são postas em dúvida durante a elaboração delas, pois os leitores assumem outras perspectivas quando integram o conteúdo textual com o seu conhecimento de mundo, surgindo, assim, as diversas possibilidades de continuação do texto. Os movimentos opositivos contribuem, sobremaneira, na construção da compreensão textual, confirmando a idéia de Leitão (2000) de que a contra-argumentação desempenha papel crucial na mudança de perspectiva e nos ajustamentos durante a argumentação.

Na constituição argumentativa das inferências de predição, ao assumir argumento e verbalizar as bases geradoras de suas inferências, já está embutida, no

discurso do leitor, a negociação. Ao explicitar os fundamentos do seu ponto de vista (justificativa), o leitor demonstra haver atividade negociativa quando assume uma hipótese como continuação do texto, e não outra. Desse modo, as próprias justificativas estão impregnadas de oposição, pois o fato de haver o argumento, já é, em si, assumir a dimensão dialética da argumentação.

Nesse sentido, Leitão (1999, 2003) defende que a justificação de pontos de vista e a consideração de idéias alternativas, tomadas em conjunto, criam, no discurso um espaço de negociação no qual perspectivas a respeito do mundo (físico ou social) são continuamente formuladas, revistas e transformadas. Assim, o processo de negociação de perspectivas é crucial à argumentação, porque permite construção, avaliação e reconstrução de sentidos e, conseqüentemente, a construção de conhecimento.

É, portanto, esse processo argumentativo que é constitutivo das inferências de predição, havendo um processo de negociação, pela elaboração de hipóteses passíveis de continuação do texto, que são confirmadas, refutadas ou ajustadas durante processo de revisão contínua premente à compreensão textual.

Confirmando a hipótese do presente estudo de que a geração de inferência de predição é constituída argumentativamente, pôde-se perceber, na análise da situação de leitura da participante 1 (Milena), que ela elaborou várias predições de continuidade de texto formadas por conclusão dos seus argumentos (pontos de vista). Nas bases geradoras das inferências de predição apresentam-se os fundamentos utilizados pela leitora na geração de seus pontos de vista, e percebe-se que a participante utilizou tanto o conteúdo textual quanto sua própria historicidade para estabelecer negociação.

Os inúmeros movimentos opositivos presentes na atividade negociativa demonstram que a participante pôs em “xeque” seus pontos de vista, enfraquecidos pela consideração de outras perspectivas para a continuidade do texto. Esses movimentos opositivos estão marcados por elementos lexicais que indicam o enfraquecimento dos argumentos, algumas vezes ajustados. Ao realizar esses ajustamentos, a participante pareceu levar em consideração a heteroglossia (vozes dialógicas) inerente à apreciação durante a geração das inferências de predição.

Os elementos lexicais presentes nos movimentos opositivos são recorrentes em muitas seqüências discursivas, não somente da participante 1 como das demais. Esses elementos lexicais exercem a função modalizadora de enfraquecer e pôr em dúvida os argumentos considerados, no presente estudo, de marcadores discursivos. Esses marcadores são indicativos dos movimentos opositivos que permitem realizar ajustamentos nas predições dos leitores.

No caso do gênero discursivo (história) da situação da presente investigação, os leitores sempre se depararam com duas idéias opostas (a verdade e a mentira) enunciadas durante toda leitura. Essas idéias opostas apareceram em vista de marcações ideológicas que as fizeram realizar avaliações, geralmente negativas, da trama da narrativa e da atitude dos personagens.

Nessas avaliações realizadas pela participante, constatou-se a influência da sua historicidade relacionada a crenças, experiências pessoais e conhecimento prévio. O conhecimento de gêneros discursivos surgiu tanto no conhecimento de gêneros em geral quanto no de gêneros discursivos específicos constituídos por seqüências narrativas. A participante enunciou, então, sua preocupação com o

seguimento do texto, com a coerência global e, também, com a organização interna das narrativas. Isso a autorizou a inferir existirem ações na narrativa que levam, inicialmente, a um desenvolvimento ruim e, depois, a um desfecho bom (final feliz).

Ressalta-se aqui que houve recorrência das operações argumentativas constituídas dos processos inferenciais de natureza argumentativa nas situações de leitura das demais participantes analisadas. Então, apareceu sempre a elaboração da conclusão de argumentos das participantes, o que gerou as inferências de predição. Daí, apareceram em todos os participantes argumentos (ponto de vista e justificativas) e movimentos opostos constitutivos das inferências de predição.

Retomando a proposta de Pinto (2001, 1995), que procura entender a natureza constitutiva das inferências, constata-se que, para ele, o argumento (premissas) propicia o desenvolvimento de inferências. Para ele, as premissas são constituídas de justificativas ao ponto de vista ou aos contra-argumentos, que permitem a geração de inferências. Por isso, sugere que o desenvolvimento de argumentos (premissas) é um convite à inferência. É, portanto, a relação estabelecida em que, ao elaborar premissas (argumentos), o interlocutor gera inferências e chega à conclusão do argumento.

Entretanto, no presente estudo, a natureza argumentativa da inferência de predição sugere relação de maior imbricamento e propõe que a geração da inferência de predição é constituída pelas operações argumentativas: argumento e contra-argumento. Essas operações não estão fora do processo inferencial, como se existisse um trajeto externo de inferência permitida pela elaboração

de argumentos (premissas) em que a inferência suscita via premissa a elaboração da conclusão do argumento. Para a presente investigação, todas as operações argumentativas permitem a constituição do processo inferencial de natureza preditiva, havendo uma atividade negociativa intrínseca para que esse processo se constitua.

Já Santa-Clara e Spinillo (submetido) fazem uma reflexão entre o inferir e o argumentar a qual se distancia da proposta do presente estudo. As autoras analisam o argumentar e o inferir como processos separados, apesar da sugestão de interdependência pela menção dos pontos de convergência entre ambos.

Um dos pontos de contato destacados pelas autoras é o caráter preditivo embutido no inferir e no argumentar. No argumentar, a previsão remete às condutas de antecipação de oposição à própria posição realizadas pelo interlocutor em defesa do seu ponto de vista. A antecipação de contra-argumentos em defesa do ponto de vista ajuda a fortalecer o próprio ponto de vista. Na leitura, a previsão pode ser realizada pelo autor do texto, que precisa fazer previsões em relação àquele a quem seu texto é endereçado. Assim, o autor, durante o processo de produção, precisa ter em mente um leitor imaginário, mesmo considerando a multiplicidade de sentidos de um texto. A necessidade de fazer previsões também caracteriza o papel do leitor do texto, como exposto na literatura em relação às inferências de predição (Solé, 1998, Mahon e Spinillo, submetido). Dessa forma, o leitor precisa realizar antecipações acerca da continuidade do texto, para que haja compreensão textual.

Ao invés de se caracterizarem pontos de contato comuns aos processos de inferenciação e argumentação, que permanecem separados como são analisados

por Santa-Clara e Spinillo (submetido), sugere-se aqui uma relação indissociável entre eles, porque um é constitutivo do outro. Portanto, o raciocínio tipicamente argumentativo é constitutivo da inferência de predição essencial à compreensão textual.

As predições são processos passíveis de desenvolvimento consciente pelos leitores, uma vez que estes elaboram hipóteses sobre a continuação do texto e são capazes de verbalizá-las. Parece haver, na geração dessas inferências, atividade metacognitiva, permitindo ao leitor realizar o monitoramento da sua compreensão ao elaborar hipóteses, testá-las e ajustá-las durante a situação de leitura. O ajustamento das predições foi observado nas hipóteses elaboradas que, no decorrer da leitura ou na elaboração, são ajustadas a partir da integração do conteúdo textual já lido e do conhecimento de mundo dos leitores. Conforme se sugere aqui, parece ser a compreensão realizada com movimentos em espiral, havendo uma dinâmica dialógica inerente a esse processo que permite ao leitor realizar movimentos retrospectivos e prospectivos em busca da compreensão. Nesse movimento em espiral está em jogo todo o processo negociativo, que permite ao leitor realizar apreciações durante o percurso da leitura, pela avaliação do texto, do autor e dos personagens, como ocorreu com as participantes analisadas.

Essas inferências de predição, elaboradas conscientemente pelos leitores, permitem ao leitor maduro desenvolver leitura crítica e reflexiva acerca do texto, as quais levam à compreensão. É, portanto, o objetivo principal das atividades de leitura, ler criticamente e, em conseqüência, construir a compreensão do texto. Esse processo inferencial preditivo é o alicerce para que haja a compreensão,

porque possibilita ao leitor argumentar com os seus pontos de vista e considerar perspectivas alternativas e contrárias.

A partir das idéias acima destacadas e dos resultados da presente investigação, sugere-se a realização de uma pesquisa de intervenção de sala de aula em que os alunos que estão no processo de aquisição da leitura sejam imersos em uma atividade de leitura cuja proposta seja a utilização de estratégias de formulação de hipóteses (antecipações da continuidade textual). Assim, os alunos poderão não apenas elaborar, mas também testar e ajustar suas hipóteses pela elaboração de argumentos alternativos. Essa atividade pode facilitar o aprendizado da leitura, ao mesmo tempo que aproxima o aprendiz das estratégias e inferências utilizadas pelo leitor maduro.

Como destaca Solé (2003), o leitor maduro não só compreende, mas também sabe identificar suas incompreensões e pode, conseqüentemente, realizar ações que lhe permitem preencher lacunas de compreensão. Trata-se, pois, de uma atividade de avaliação da sua própria compreensão de natureza metacognitiva. Dessa forma, propõe-se ainda a realização de um estudo futuro que permita observar o monitoramento da compreensão, mediante a utilização de textos que contenham enunciações incoerentes e lacunares. Essa pesquisa permitiria o acompanhamento dos ajustamentos gerados conscientemente no texto, dentro de uma perspectiva dialógica.

De modo geral, as inferências parecem envolver processos de natureza diversos; há inferências de diferentes níveis de complexidade – algumas elaboradas inconscientemente e outras, com mais consciência. Ao se considerar a diversidade de inferências, surgem alguns questionamentos: pode-se aplicar a

natureza inerentemente argumentativa das inferências de predição para os demais tipos de inferência? Mesmo existindo outras inferências de natureza consciente, como a inferenciação preditiva, elas têm natureza inerentemente argumentativa? Propõe-se aqui que podem existir similaridades entre algumas inferências elaboradas conscientemente, entretanto não se pode deixar de mencionar a dificuldade de se investigar essas inferências. Tal dificuldade se pode perceber nas diversas classificações das inferências que acabam, algumas vezes, por não esgotar todos os processos inferenciais existentes. Parece ser a inferenciação uma grande “caixa preta” de difícil acesso teórico-metodológico, ou seja, um grande desafio estudá-las processualmente.

Apesar das grandes dificuldades de cunho metodológico na investigação das inferências, convém ressaltar a importância de se estudá-las. No caso da presente investigação, foi proposto um processo de identificação da situação de leitura, a fim de se tentar capturar retrospectivamente a constituição das inferências de predição a partir de instrumento *think aloud* e da compreensão *on-line*. A atividade de compreensão *on-line* é considerada o procedimento metodológico mais adequado para estudar a inferência de predição (Mahon e Spinillo, submetido), porquanto permite investigar um processo que ocorre durante a situação de leitura.

Para concluir, é importante ressaltar a relevância de pesquisas de natureza processual sobre a compreensão de texto, tão bem estudada em pesquisas cognitivistas. No caso da inferência de predição, foi possível, pela realização do presente estudo, investigar processualmente a sua natureza permeada de argumentatividade. Assim, apesar da alta complexidade e da dificuldade de

capturar microanaliticamente esse processo, afirma-se a relevância de estudos dessa natureza que se propõem “perseguir” a constituição de processos psicológicos inerentemente humanos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, D. L. P. (2003). Dialogismo, polifonia e enunciação. In: D. L. P de BARROS e J. L. FIORIN (orgs.). *dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: edusp
- BENTES, A. C. (2001). Lingüística textual. Em: F. MUSSALIM; A. C. BENTES (orgs.). *introdução à lingüística. Domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez Editora.
- BRAIT, B. (1997). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. Em B. Brait (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: editora da UNICAMP.
- BRANDÃO, A. C. P. A.; SPINILLO, A. G. (1998). Aspectos gerais e específicos na compreensão de textos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 253-272.
- BRANDÃO, H. H. N. (2001). *Estudos sobre o discurso*. Texto para concurso de livre-docência, Universidade de São Paulo, SP.
- BRONCKART, J. P. (1999). *Atividade de Linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.
- BROWN, A. (1987). Metacognition, executive control, self-regulation, and other more mysterious mechanisms. In: F. E. Weinert & R. H. Kluwe (eds.) *Metacognition, motivation and understanding*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- BROWN, G. e YULLE. G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CANDELA, A. (1998). Construção discursiva de contextos argumentativos no ensino de ciências. Em C. Coll & D. Edwards (orgs.), *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional* (pp. 143-169). Porto Alegre: Artes Médicas.
- COLLINS, A. BROWN, J.S. E LARKIN, K.M. (1980). Inference in text understanding. In: R. J. Spiro, B.C. Bruce & W.F. Brewer (eds.) *theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale, N.J. Lawrence Erlbaum.
- FARACO, C. A. (2003). *Linguagem e diálogo*. As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições.
- FELDMAN, C. F.; BRUNER, J.; RENDER, B. E SPITZER, S. (1990). Narrative comprehension. Em: B. K. BRITTON & A. D. PELLEGRINI (Orgs.), *Narrative thought and narrative language*. Hillsdale: Laurence Erlbaum Associates.
- FELDMAN, C. F.; KALMAR, D.A. (2000). Algumas implicações educacionais dos modelos mentais baseados em gêneros: A cognição interpretativa da compreensão de textos. Em D. R. OLSON; N. TORRANCE (orgs). *Educação e desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- FERREIRA, S. A. E DIAS, M. G. B. B. (2002b). Compreensão de leitura: estratégias de Tomar Notas e da Imagem Mental. *Psicologia: teoria e Pesquisa*. Vol. 18. n. 1, (pp. 51-62).
- FIORIN, J. L. (2003). Polifonia textual e discursiva. In: D. L. P de BARROS e J. L. FIORIN (orgs.). *dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: edusp.
- GRAESSER, A. C, SINGER, M. e TRABASSO, T. (1994). Constructing inferences during narrative text comprehension. *Psychological review*. Vol. 101, n. 3, 371-395.
- GRAESSER, A. C; WIEMER-HASTING, P. e WIEMER-HASTING, K. (2001). Constructing inferences and relations during text comprehension. In: T. SANDERS; J. SCHILPEROORD; W. SPOOREN (eds). *Text representation*.

Linguistic and psycholinguistic aspects. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

GUIMARÃES, E. R. J. (1986). Polifonia e tipologia textual. Em: L. L. Fávero e M. S. Z. Paschoal (orgs.). *Linguística textual. Texto e leitura.* Série cadernos PUC 22, pp. 75-87. São Paulo: EDUC.

KINTSCH, W. (1998). *Comprehension: a paradigm for cognition.* Cambridge: Cambridge University Press.

KLEIMAN, A (2002). *Texto e leitor. aspectos cognitivos da leitura.* Campinas: Pontes.

KLEIMAN, A. (2004). *Oficina de leitura. teoria e prática.* Campinas: Pontes.

KOCH, I. V. (1997). *A inter-ação pela linguagem.* São Paulo: Contexto.

KOCH, I. G. V (2002). *Argumentação e linguagem.* São Paulo: Cortez editora.

KOCH, I. G. V. (2003). *Desvendando os segredos do texto.* 2ª edição. São Paulo: Cortez editora.

KOMLÓSI, L.I. (1995). Temporal e consequential inferences in practical reasoning: on the demarcation of argument practices and reasoning practices. Em: F. H. van Eemeren, R. Grootendorst, J. A. Blair e C.A. Willard (orgs). *Perspectives and approaches.* Proceedings of third ISSA Conference on Argumentation. University of Amsterdam: vol. I. 72-83.

LEITÃO, S. (1999). Contribuições dos estudos contemporâneos da argumentação a uma análise psicológica de processos de construção de conhecimento em sala de aula. *Arquivos brasileiros de psicologia.* v.51, n1, 91-109.

LEITÃO, S. (2000). The potential of argument in knowledge building. *Human Development*, 6, 332-360.

LEITÃO, S. (2003). Argumentação como processo de construção do conhecimento. Trabalho apresentado no *II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: reflexões para o ensino*. Belo Horizonte.

LINELL, P. (1998). *Approaches to dialogue: talk, interaction and contexts in dialogical perspectives*. Filadélfia: John Benjamins.

MAHON, E. da R. (2002). Compreensão de texto: análise das inferências através de uma metodologia *on-line*. *Dissertação de mestrado não publicada*. Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco.

MAHON, E.R; SPINILLO, A.G. (submetido). Compreensão de texto em crianças: comparação entre diferentes classes de inferências a partir de uma metodologia *on-line*. *Revista: Psicologia Reflexão e crítica*.

MARKOVÀ, I. (1991). A three-step process as a unit of analysis in dialogue. In: I. Markovà & k. Foppa (eds). *The dynamics of dialogue*. New York and London: Harverter Wheatsheaf.

MARCUSCHI, L. A. (1985). Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. *Leitura: teoria e prática*: 4, 1-14.

MARCUSCHI, L. A. (1989). *O processo Inferencial na Compreensão de textos*. Relatório final apresentado ao CNPq. Programa de pós-graduação em Letras e Lingüística. Centro de Artes e Comunicação. UFPE. Recife.

MARCUSCHI, L. A. (1996a). Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino da língua? *Em Aberto*, Brasília. Ano 16, (69), 63-82.

MARCUSCHI, L. A. (1996b). O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto.

MARCUSCHI, L. A. (1999a). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.

MARCUSCHI, L. A. (1999b). Oralidade e escrita: uma ou duas leituras do mundo?. *Conferência pronunciada no 12 COLE*. Campinas: UNICAMP.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *instituto de Pesquisa Aplicada*. São Paulo: PUC.

MARCUSCHI, L. A. (sd). *Compreensão textual como trabalho criativo*. Mimeografo.

MEIJSING, M. (1980). Expectations in understanding complex stories. *Poetics*, 9, 213-221.

NICOLA, J. (1998). *Literatura brasileira. das origens aos nossos dias*. São Paulo: editora Scipione.

OAKHILL, J. e GARNHAM, A. (1988). *Becoming a skilled reader*. New York: Basil Blackwell.

OAKHILL, J. e YUILL, N. (1996). Higher order factors in comprehension disability: processes and remediation. In C. Cornoldi e J. Oakhill (eds.). *Reading comprehension difficulties – processes and intervention*. (pp. 69-92). Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum.

PERFETTI, C. A.; MARRON, M. A. & FOLTZ, P. W. (1996). Sources of comprehension failure: theoretical perspective and case studies. In C. Cornoldi e J. Oakhill (eds.). *Reading comprehension difficulties – processes and intervention*. (pp. 137-165). Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum.

PINTO, R. C. (1995). The relation of argument to inference. In: F. H. Van Eemeren; R. Grootendorst; J. A. Blair e C. A. Willard (eds.). *perspectives and approaches*. (pp. 271-286). Amsterdam: International Centre for Study of Argumentation.

PINTO, R. C. (2001). *Argument, inference and dialectic*. Kluwer Academic Publishers: Boston.

PORTOLÉS, J. (1998) La teoría de la argumentación en la lengua y los marcadores del discurso. In: M. A. M. ZORRAQUINO; E. M. DURÁN (orgs.). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid: Arco libros S.L.

ROJO, R. (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. Em: J. L. MEURES, A. BONINI, D. MOTTA-ROTH (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

ROMMETVEIT, R. (1992). Outlines of dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication. Em: A. H. WOLD (ed.). *The dialogical alternative towards a theory of language and mind*. Oslo: Scandinavian University Press.

SANFORD, A. J.; GARROD, S. C. (1981). *Understanding written language*. Explorations of comprehension beyond the sentence. New York: John Wiley & Sons.

SANTA-CLARA, A.; SPINILLO, A. G. (submetido). Pontos de convergência entre o inferir e o argumentar. *Psicologia: teoria e pesquisa*.

SERRA, J.; OLLER, C. (2003). Estratégias de leitura e compreensão do texto no ensino fundamental e médio. Em Teberosky, A. (et al.). *Compreensão de leitura*. A língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed Editora.

SOLÉ, I. (1998). *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed.

SOLÉ, I. (2003). Ler, leitura, compreensão: `sempre falamos da mesma coisa`. Em Teberosky, A. (et al.). *Compreensão de leitura*. A língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed Editora.

THORNDYKE, P. W. (1976). The role of inferences in discourse comprehension. *Journal of verbal learning and verbal behavior*. 15, 437-446.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. (1992). *Argumentation, communication and fallacies*. A pragma-dialectical perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R.; HENKEMANS, F. S. (1996). *Fundamentals of argumentation theory*. A handbook of historical backgrounds and contemporary developments. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando, 1984. *A Mulher do Silva*. Porto Alegre, L&PM.

VIDAL-ABARCA, E. V. e RICO, G. M. (2003). Porque os textos são tão difíceis de compreender? As inferências são a resposta. Em Teberosky, A. (et al.). *compreensão de leitura*. A língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed Editora.

VOLOCHINOV, V.N. – BAKHIN, M. (1976). Discurso na vida e discurso na arte. Sobre poética sociológica. In: Voloshinov, *freudism*. New York: Academic Press (tradução para o português feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza).

VOLOCHINOV, V.N.-BAKHTIN, M. (2002). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec.

YUILL, N.; OAKHILL, J. (1991). *Children's problems in text comprehension*. an experimental investigation. Cambridge: Cambridge University Press.

ANEXO

A verdade

Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho, deixando a água do riacho passar por entre seus dedos muito brancos quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida. O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram, mas não encontraram o anel de diamante. E a donzela disse: — Agora me lembro, não era um homem, eram dois.

E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem, e o encontraram, e o mataram, mas ele também não tinha o anel. E a donzela disse: —Então está com o terceiro!

Pois se lembrara que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela saíram no encalço do terceiro assaltante e o encontraram no bosque. Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue. E trouxeram para a aldeia, e o revistaram, e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela, para espanto dela.

— Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo, e a deixou desfalecida — gritaram os aldeões —. Matem-no!

— Esperem! gritou o homem, no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. — Eu não roubei o anel. Foi ela que me deu! E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos. O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado, ele resistira, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo “Já que meus encantos não o seduzem,

este anel comprará o seu amor”. E ele sucumbira, pois era pobre, e a necessidade o algoz da honra.

Todos se viraram contra a donzela e gritaram: “Rameira! Impura! Diaba!” e exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela passou a forca para o seu pescoço.

Antes de morrer a donzela disse para o pescador:
— A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?

O pescador deu de ombros e disse:

— A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não histórias de pescador.

Luis Fernando Veríssimo. A mulher do Silva.